

Entorpecidos



Helen Galvão



Entorpecidos
Helen Galvão

Copyright@2018 by Avctoris Protectd

Capa e Designer: Thiago Galvão

Revisão e Preparação: Helen Brito

Mudar: dói. Continuar como está: dói. Escolha uma das dores e pare de reclamar.

Autor Desconhecido

Índice

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Epílogo

Prólogo

“...o tráfico internacional de drogas movimenta em torno de quase 500 bilhões de dólares ao ano ao redor do mundo, segundo a ONU. Esse valor equivale a cerca de seis por cento do total das exportações mundiais. É produzido em escala global, desde o cultivo nos países subdesenvolvidos até seu consumo, inclusive nos países ocidentais onde o produto final atinge um alto valor dentro do mercado negro. Segundo dados aproximadamente 200 bilhões circulam pelo sistema financeiro após passar pelo processo conhecido como lavagem de dinheiro e o restante transita na economia paralela sustentando atividades criminosas como sequestro, roubo de carga, armas, corrupção de políticos e funcionários.

Quase todos os países do mundo participam de alguma etapa do mercado internacional de drogas, e o Brasil, funciona como intermediário. O Brasil também faz a etapa de processo, importação e exportação de vários tipos de drogas tornando-se assim um importante centro de produção e consumo.

É sabido que a ilegalidade das drogas acarreta consequências de âmbito social como crimes, violência, marginalidade e corrupção conforme citado acima”.

Érika colocou a folha escrita manualmente dentro do envelope e passou cola na borda. Estava dentro do posto do correio, em Bongavile, pequena cidade do interior de Santa Catarina. Seguiu até o guichê e pediu para enviar a carta registrada. Puxou uma nota de dez reais e consultou a hora enquanto esperava a funcionária fazer o registro necessário.

- Jogue fora por favor. – Pediu ela devolvendo o papel do registro onde estava o rastreamento. A jovem de cabelos cacheados sorriu, mas sem questionar amassou e jogou dentro do cesto de lixo. Agradeceu e saiu em passadas rápidas da agência dos correios. Entrou no carro, no banco da frente e pediu para o motorista partir. Esticou as pernas e afundou o corpo no banco, pois ainda se sentia cansada. Só tinham mais duas horas de folga até a hora da reunião com Batista, um dos maiores traficantes internacional de drogas, que vivia no Brasil e de quem era secretária.

O relatório tinha sido enviado para a casa de Bartolomeu Albuquerque, delegado da Polícia Federal, responsável pela operação de infiltração ao combate de tráfico de drogas, na cidade.

Erika estava infiltrada na casa do traficante, que vivia naquela cidade. Estava em regime de deep cover, como chamavam quando não podia ter contato

com a família, pois ficaria mais de seis meses assumindo outra identidade. Já estava ali há um ano. Era agente federal.

Capítulo 1

Erika estava em silêncio e de olhos fechados durante o percurso de volta para casa. Sentia dor de cabeça e indisposição. Havia chegado de madrugada de viagem, da Colômbia. Sabia que não teria tempo suficiente para dormir, pois tinha que entregar o relatório para a polícia antes de voltar para casa e teriam reunião.

- Você quase não dormiu, não é Erika? – Perguntou Pablo em espanhol, que era a língua que falavam quando estava trabalhando.

Erika sorriu olhando para Pablo e abrindo os olhos. Era um jovem moreno, de vinte e poucos anos e de estatura baixa, porém com um belo porte atlético. Tinha o rosto arredondado, grandes olhos negros e cabelos também cortados em estilo asa delta.

- Dormi duas horas. – Respondeu num espanhol arrastado pelo cansaço – Estou exausta.

Ele nada respondeu, pois a viu fechar os olhos e tentar cochilar.

Erika tinha os cabelos negros, lisos e cortados um pouco acima dos ombros. Seus olhos castanhos contrastavam com sua pele branca. Tinha vinte e nove anos, um metro e sessenta e cinco, pesava cinquenta e oito quilos. Era formada em Letras e habilitada em inglês e espanhol que falava fluentemente, o que lhe possibilitou a vaga no grupo que o delegado Bartolomeu havia montado, para a infiltrar-se na facção. Ela era do Rio de Janeiro, mas quando passara no concurso, já há seis anos, fora alocada em Santa Catarina.

Já estava há dois anos no setor de repressão a entorpecentes a DRE, trabalhando no desmantelamento do tráfico de drogas, na conexão do Brasil e Colômbia em parceria com a DICOR. Estava infiltrada na casa de Batista exercendo o cargo de secretária executiva dele. Tinham por missão descobrir o esquema de venda e produção de drogas que estavam fazendo no Brasil. Tudo começara por ali, na terra catarinense.

Tinha uma identidade falsa, embora permanecesse com o mesmo nome, data de nascimento e idade. O psicólogo da polícia havia pedido que mantivesse algumas informações para que ela não perdesse a sua real identidade ao assumir uma nova postura na operação. Já estava há um ano vivendo na casa dele. Haviam descoberto o suficiente reunindo provas para prendê-los, porém não o essencial. Queriam saber sobre uma grande entrega de carga de drogas que seria feita em Santa Catarina supostamente. Era a máxima que precisavam para prender Batista.

Batista era um traficante colombiano, que vivia no Brasil, onde se estabilizara e montara seu milionário patrimônio às custas do narcotráfico. Estava morando no Brasil há um ano e expandindo seus negócios ilícitos. A língua espanhola era o idioma que falavam na casa onde moravam. Ele era um moreno de bigodes, cabelos curtos e lisos, alto em seu um metro e oitenta e forte. Tinha olhar e postura séria e intrigante. Era reservado, de poucos amigos e não costumava confiar nem mesmo em seus próprios funcionários. Era dono de boates no Brasil e na Colômbia, além de clubes, salões e lojas de roupas. Era formado em Ciências Contábeis pela Colômbia e convalidara seu diploma no Brasil através do suborno a reitoria de uma universidade no Rio de Janeiro.

Tornara-se uma das secretárias de confiança de Batista, mesmo com algumas limitações sobre o acesso às informações. Não conseguira descobrir as senhas do computador dele, pois só ele as tinha armazenadas na memória. Ele também não deixava que ela tivesse acesso aos arquivos sobre onde faziam a produção e todo o processo de fabricação de pasta de cocaína. Ele costumava dizer que era para a sua própria segurança. Entretanto ela sabia, através da dimensão dos contatos que ele tinha, dos frequentadores de sua casa ou das reuniões que frequentava com ele, a extensão dos contatos e fornecedores que possuíam pelo Brasil, Colômbia e Estados Unidos, onde ele estava tentando inserir uma nova droga que estava produzindo.

Fora a mentora dos preparativos do casamento dele já havia cinco meses. Realizado em um clube onde ele era dono, em Bongavile, casara-se com uma colombiana que vivia com ele, no Brasil. Fizera os preparativos, lista de convidados, buffet, salão, lua de mel na Europa e todos os preparativos. Trabalhara incansavelmente durante três meses para preparar a luxuosa e exuberante festa, com convidados internacionais e celebridades colombianas presentes. Fora madrinha de casamento dele junto com um dos assessores dele, Claudio, que também estava há um ano com eles e era brasileiro também. Os preparativos haviam estressado muito sua rotina.

Erika estava exausta pelo trabalho que já consumia suas forças há algum tempo. A pressão em viver presa naquela mansão, não poder estar com a família e os amigos; o pouco avanço nas investigações nos últimos meses, a falta de privacidade e sua identidade a tinham abatido também. Vivia há um ano a vida que não era sua: não podia ter amigos, não podia sair à vontade e sozinha, precisava manter a rotina da casa, não podia namorar ninguém, pois tinham regras a serem seguidas, na casa.

Sentia que estava perdendo a sua identidade e pedira no último encontro com a federal para ser retirada do caso. Mas ela já estava muito

envolvida para ser tirada repentinamente e concluíram que seria prejudicial a sua saída, pois poderiam perder a oportunidade que tanto esperavam. Sugeriram que ela pedisse férias a ele de pelo menos quinze dias, mas ela sabia que ele não daria, pois já vinha pedindo há dois meses, desde que as coisas haviam se estabilizado.

Compreendia que ele confiava nela toda a rotina de secretária que lhe dera por cargo: pagar contas, cartões, aluguéis de jatos e aviões, organizar as compras da casa para as empregadas fazerem e pagar as mesmas. Possuía quatro empregadas em casa que dividiam as tarefas de lavar, arrumar, passar e cuidar da mansão diariamente e nos finais de semana apenas uma para cozinhar. No último mês reduzira o número de funcionários na casa, pois estava com receio de que os novos contratados fossem infiltrados da polícia, já que havia recebido informações de um delegado federal que era subornado com propina, de que a polícia federal estava infiltrando policiais.

Moravam na mansão de Batista cinco funcionários, incluindo ela. A mansão ficava a trinta quilômetros de Bongavile, a cidade do interior catarinense. Além dela moravam Claudio, os três seguranças pessoais que eram Pablo, Júlio e Lopes que ficavam com ele durante o dia todo. Revezavam a cada quinze dias com Carlos, Juarez e Júlio Cesar. Todos eram colombianos e tinham vindo para o Brasil, com suas famílias já há três anos. Trabalhavam quinze dias e folgavam quinze, com exceção dela e Claudio, que trabalhavam de segunda a sexta, em expediente, folgavam no sábado e retornavam domingo à noite.

Pablo parou o carro na guarita, em frente aos enormes muros de concreto que cobriam a mansão e esperou que o porteiro abrisse. Pablo recebeu sua arma na portaria, pois andavam armados na casa e ele seguiu com o carro parando em frente ao hall de entrada. Ela saiu e ele seguiu para colocar o carro na garagem.

A mansão era de dois andares, pintada de amarelo claro com oito suítes e de janelas de vidro. A entrada da casa exibia um suntuoso jardim de sagus e palmeiras além de ser ornada com estátuas de Vênus e Marte, de mármore branco. Ao lado da casa ficava a piscina de quase cem metros em linhas retas e arredondadas com iluminação suspensa, espreguiçadeiras de madeira, mesas e cadeiras almofadadas espalhadas pela lateral da piscina. Caminhando um pouco mais para os fundos da casa havia a sala de atividades físicas. Equipada com aparelhos de musculação, esteiras, saco de areia e outros materiais de academia. Era amplo e havia um personal trainer para conduzir Batista e outros que quisessem nas atividades. Em seguida vinha a sauna e a lavanderia. Por trás da casa havia um pequeno heliporto com um helicóptero, um

campo de futebol onde eventualmente jogavam futebol, uma sala de jogos próximo da piscina e uma garagem com quatro carros: uma BMW, uma Mercedes AMG, Sportage e um Honda Civic.

Toda a mansão era em sistema de energia solar, as suítes equipadas com ar condicionado, cama de casal, mesa de escritório, uma pequena sacada por dentro do quarto para sentar e olhar o jardim ou a piscina, dependendo da posição, frigobar, hidromassagem, televisão por assinatura, e piscina dependendo da posição do quarto. Os móveis de quarto eram embutidos com closet. Os banheiros eram luxuosos, de mármore escuro, chuveiro e a banheira de hidro.

A sala da mansão era de piso de madeira, pintada de cor gelo, com sofás brancos e uma mesa de centro pequena quadrada. Tinha uma televisão de cinquenta e oito polegadas sob um pequeno móvel branco também. Na lateral ficava a piscina da casa que podia ser vista através das janelas de vidro. Ao lado da sala havia uma porta que dava no escritório de Batista, onde costumavam fazer as reuniões e trabalhar. Era muito espaçosa, em estilo rústico, com dois computadores e um notebook que ficavam ligados todo o tempo. Três sofás marrom escuro, uma biblioteca com muitos livros, uma mesa de reuniões de vidro, um pequeno bar de canto, mesa de centro e alguns celulares que deixava ali para se comunicar. Trocava de chip quase que diariamente. O cofre ficava também no escritório, mas somente ele mexia.

A cozinha da casa era ampla, trabalhada em pisos e móveis embutidos escuros cinza e preto, com uma ilha no meio com três cadeiras altas, lustres de cozinha, duas geladeiras de três portas, lavadoras e vários eletrodomésticos e uma porta de vidro que separava a sala de jantar. Esta tinha apenas uma mesa suntuosa de mármore cor de gelo com seis cadeiras acolchoadas e toda detalhada em suas bordas, um candelabro iluminando o centro da mesa e uma pequena estante de sala de jantar ao canto, com alguns vasos ornamentando o ambiente que tinha cor de pastel. As suítes ficavam no segundo andar e era acessado por escada de mármore com um belo corrimão talhado cor de bronze.

O luxo era tamanho na mansão desde os objetos mais simples que Erika demorara para se acostumar a tanto, mas por fim quando já acostumada na casa terminou por se adaptar. Recebia de salário cerca de cinco mil reais que eram depositados em uma conta que a polícia criara para ela. Evitava usar o dinheiro, pois sabia que seria alvo do bloqueio judicial. Ela mesma quem fazia os depósitos dos pagamentos e salários nas contas dadas por Batista. E todos esses dados já estavam em poder da polícia federal. O que o departamento não sabia era das lembranças e gratificações que ela ganhava em forma de dinheiro ou presentes dados por ele. Recebia toda semana cerca de quatrocentos dólares

quando descia de jatinho particular de Batista, para o Rio de Janeiro. Ele dizia que era para aproveitar com a família, mas ela sabia que era uma forma de continuar a manter o silêncio dos funcionários. Juntava o dinheiro quando descia ou não para o Rio e depositava na conta do pai.

Capítulo 2

Erika entrou na casa com sua mala. Não levava muita coisa na viagem, pois ficaram apenas dois dias. Tentara se recusar a ir para a viagem, pois sabia que não tinha necessidade, mas ele fizera questão que fosse para ficar à disposição dele e de Catalina, a esposa. Foram apenas ela e Pablo, da casa.

- Bom dia, dona Erika. – disse uma das empregadas fazendo menção de pegar a sua mala. Tinha cinquenta anos, brasileira, que trabalhava com Batista há mais de quatro anos, na Colômbia e viera para o Brasil. Era uma das empregadas. – Como foi a viagem?

- Cansativa como sempre. – Disse agradecendo e subindo as escadas.

- O almoço será servido em uma hora, senhora. – Disse acompanhando-a com o olhar.

- Vou tomar um banho e já desço. Catalina já chegou?

- Está descansando. Pediu que a senhora a chame quando for almoçar.

- E o que você fez para o almoço, Lúcia? – Sorriu parando nas escadas e olhando-a.

- Bandeja Paísa, senhora e torta de morango para sobremesa – Sorriu já esperando a resposta.

- Que bom! – Sorriu continuando a subir. Era um prato típico com feijão, arroz, torresmo, linguiça, carne moída, pedaços de banana frita e recheado e um pedaço de abacate. – Finalmente algo parecido com comida brasileira.

Subiu para seu quarto e entrou jogando suas coisas sobre a cama. Trancou a porta, pois sabia que Batista tinha costume de entrar sem bater e se despiu. Foi até o banheiro e colocou a hidro para encher. Permaneceu com as cortinas fechadas e voltou para o banheiro jogando uma água no corpo antes de entrar para a hidro. Lavou os cabelos e entrou na hidro para poder relaxar um pouco, mas como nos últimos meses, já não conseguia mais relaxar.

Os pensamentos rodavam por mil coisas ao mesmo tempo. O local onde estava, as pessoas ao seu redor, a delegacia da federal, os amigos policiais e Batista. Lembrou-se que pedira a Batista, que chamava de “chefinho”, para sair, pois estava muito cansada, mas ele se recusara alegando que não achava ninguém como ela para fazer sua função. Já havia passado três secretárias antes dela. Sabia que já estavam no final da intervenção e então começou a pensar em como seria a operação para prender todos. Levariam inclusive ela, como já haviam informado, para que não suspeitassem de início que estava infiltrada,

mas pensou nas pessoas que viviam ali: Claudio, todos os empregados, Catalina e até mesmo Batista, com quem mantinha uma boa relação. Sentia-se culpada por fazer parte disso e sabia que estava quebrando alguns protocolos ao se permitir aproximar e criar amizade com o grupo. Tinha que ter, mas já estava se envolvendo psicologicamente nas situações e fora orientada para não se deixar sucumbir, pois poderia colocar tudo a perder e sua vida correria risco.

Era acompanhada por um psicólogo rapidamente quando saía da casa, pois não tinham muito tempo para conversar, mas já não falava toda a verdade para ele. Não tinha mais paciência para as sessões e os questionamentos. As perguntas vazias e faltas de resposta faziam com que ocultasse a verdade.

Ficou na banheira por um longo tempo e saiu já em cima da hora. Vestiu uma camiseta, um moletom por cima, pois estava frio., calça de moletom e sapatilhas. Seguiu para o quarto de Catalina e viu a porta semiaberta. Aproximou-se para bater e escutou-a murmurar:

- Não tem como a gente se encontra hoje, meu amor! Chegamos hoje de viagem... Ele foi verificar as plantações... eu sei... também sinto saudades... não... ele pode desconfiar.

- Merda, ela tem amante – falou em português e dando de calcanhares. Não queria ser cúmplice dos feitos de Catalina, pois sabia que se Batista descobrisse as coisas iriam ficar perigosa.

Virou-se e se assustou soltando um gemido ao ver Batista atrás de si. Olhou-o estupefata e tremeu. Não conseguia mais segurar seus sentimentos e esconder emoções.

- Tudo bem... beijo... – Disse Catalina enquanto os dois se encararam do lado de fora por alguns segundos.

- O que foi Erika? – Perguntou enfim.

- Nada chafinho... – respondeu – Vim chamar Catalina que pediu, mas ela está ao telefone.

- Quem era no telefone para você se expressar em português? O que você disse? – Indagou com sua voz fria e cortante quando desconfiava de algo.

- Não sei... – Falou desviando o olhar.

- Não minta para mim, Erika! – Disse se aproximando dela.

- Batista! – Escutou a voz da esposa – É você?

Erika se virou para a porta e viu a exuberante morena de um metro e setenta e cinco, cabelos negros e cacheados compridos abaixo dos ombros e lindos lábios carnudos, aproximando-se.

- O que vocês dois estão fazendo aqui na porta? – Indagou com o olhar assustado e desconfiado, mas sorrindo.

- Vim lhe chamar para jantarmos. – Respondeu ela rapidamente.

- Ótimo – sorriu – Estou faminta e vocês?

Batista olhou-a com seriedade e indagou:

- Quem era no telefone, Catalina?

- Minha mãe! – sorriu naturalmente – Por que?

- Você viu sua mãe hoje cedo antes de partirmos de volta! – Duvidou.

- E daí? – Indagou aproximando-se de Erika e pegando em seu braço para poderem sair – Não posso sentir saudades dela? Você gostou da minha mãe, Erika?

- Sim – sorriu fingindo descontração – Ela é muito agradável.

- Não tem nada de agradável naquela mulher – disse ele olhando as duas e fazendo feição de deboche – Sua mãe é uma ardilosa, intrometida e falsa. Por isso não dou intimidades a ela.

Erika sorriu e disse para disfarçar enquanto caminhavam para descer:

- Mas é a sua sogra, chefinho...

- Estou pensando seriamente em colocar um tablete de cocaína na bolsa dela e denunciar a polícia – disse sorrindo – Só assim eu vou conseguir me livrar dela.

- Vamos descer querido. – Disse Catalina soltando Erika e abraçando Batista para descerem.

Chegaram a sala de jantar e todos já estavam sentados a espera deles. Erika se sentou ao lado de Claudio, que era brasileiro e assessor de Batista, contudo não havia ido viajar com eles. Ficou cuidando de alguns negócios dele. Era um belo homem claro, loiro de cabelos escuros, com um bom porte físico, pois gostava de fazer exercícios para se manter em forma e lindos olhos castanhos claros. Usava cavanhaque arredondado e com o bigode um pouco mais que o restante do cavanhaque e cabelos um pouco compridos acima dos ombros. Tinha um metro e setenta e cinco e usava uma tatuagem no braço esquerdo, no tríceps, de um dragão negro.

- Oi – Falou ele com um sorriso carinhoso.

Ela apenas sorriu e se sentou ao seu lado. Olhou para Júlio e sorriu quando foi cumprimentada. Este era alto em seus quase dois metros de altura, muito musculoso por conta dos anabolizantes que tomava e a academia que praticava. Tinha cabelos cortados em máquina zero baixa e olhos escuros.

Embora aparentasse um jeito muito fechado era uma pessoa muito brincalhona e sorridente. Gostava de brincar com todos e vivia bem-humorado. Era um dos seguranças de Batista.

Lopes estava de frente para ela e também sorriu ao cumprimentá-la. Era branco, cabelos compridos abaixo dos ombros, usava bigode e olhos negros. Usava várias tatuagens pelo corpo principalmente nas costas onde tinha a morte desenhada.

Jantaram descontraidamente com exceção de Erika que se sentia muito cansada e indisposta. Lopes resolveu brincar com ela mesmo sabendo que não deveria quando ela estava daquela forma.

- O que foi agora Erika? Vive mal-humorada ultimamente. Falta de que?

- Intrometa-se em sua vida, Lopes! Deixe-me em paz! – Respondeu sem mesmo o olhar.

Todos começaram a rir dele e ela continuou quieta e degustando a sua comida. Ele continuou a implicância que foi amenizada por Batista ao vê-la com um olhar de seriedade.

- Você está bem, Erika? Anda distante de nós nos últimos dias. Parece diferente.

Ela olhou o chefe e respondeu:

- Estou muito fatigada e a viagem me deixou desgastada.

- Eu sei – disse em tom sério – Todos estão cansados, mas precisamos nos reunir após o jantar. Depois da reunião vocês descansam.

- Tudo bem – sorriu para disfarçar – Sexta é minha folga... eu seguro até lá sem problemas. Vou para o Rio descansar.

Batista pigarreou quando ela falou. Já conhecia o chefe e quando fazia isso era para falar alguma coisa que não queria. Olhou para ele e escutou-o falar:

- Lamento, Erika. Vou precisar de você neste final de semana e não poderei lhe dar a folga.

- O que? – Duvidou em tom incrédulo e surpresa. Largou o garfo e a faca. Perdera a fome no mesmo instante – Mas eu quase não folguei esse mês, Batista!

Ele estranhou a forma dela lhe chamar, pois só se referira a ele pelo apelido, mas respondeu calmamente:

-Lamento Erika! Preciso de você.

Ela olhou-o por alguns segundos e se levantou da mesa sem mesmo

pedir licença. Queria xingar e gritar, mas se levantou e passou para a porta que separava da cozinha. Já não estava se importando em respeitá-lo. Tinha a sua autonomia para lidar com ele.

- Depois conversamos sobre sua folga! – Falou quando ela passou, mas ela não respondeu. – Ela não está bem para falar desse jeito. Aconteceu alguma coisa.

- Ela precisa de férias. – Falou Lopes sorrindo e terminando o seu jantar.

- Férias?! Nem pensar. Não tem quem substitua ela. Claudio fale com ela, por favor.

Claudio se levantou e seguiu para a porta. Abriu e a fechou quando entrou. A viu sentada na cadeira da ilha. Estava de cabeça abaixada olhando o pedaço de torta que a empregada havia colocado para ela. Olhou com o canto do olho para Claudio, que se sentou do seu lado, após puxar uma cadeira. Sabia que Batista mandara ele ali por dois motivos: porque era brasileiro e podia conversar com ela em português e porque não entendia as mulheres brasileiras.

- Você está bem? – Perguntou em português, pois os dois sempre se falavam na língua nacional quando juntos a menos que Batista pedisse para falarem em espanhol. Ele esticou sua mão e pausou sob a dela acariciando seus dedos.

Claudio gostava de estar perto dela e conversar também. Sentia uma forte atração por ela nos últimos meses e tentava se aproximar gradativamente para não a espantar, pois sabia de seu comportamento dentro da casa e como era reservada. Sentia vontade de tocá-la, beijá-la e sabia que ela não desconfiava disso por sempre estar na correria com a agenda de Batista debaixo do braço para agendar os compromissos. Não se deixava sucumbir aos desejos de transar com as prostitutas que Batista contratava quando faziam festa na casa. Estava fora dos seus princípios éticos e morais. Era divorciado e não tinha namorada principalmente trabalhando internamente, sem poder sair da casa. Seria um sofrimento a mais.

Erika fechou os olhos ao sentir ser tocada nos dedos. Sentiu sua consciência pesar, pois queria beijá-lo e fazer sexo com ele. Não estava com nenhum homem há mais de um ano e a tensão tomava conta de todos os seus músculos. Já havia percebido que Claudio andara se aproximando e procurando estar onde estivesse para conversar ou falar de algum assunto. Era um dos poucos homens interessantes na casa, pois tinha cultura, sabia conversar e se portar discretamente além de Catalina e Batista. Claudio era formado em

advocacia, pela Universidade de Santa Catarina.

Ela puxou sua mão quando sentiu seu corpo aceitar aquele carinho. Não podia sucumbir aos desejos e se entregar aos momentos de prazer, pois estaria indo contra sua ética profissional. Pegou o garfo para cortar uma fatia e murmurou:

- Estou cansada Claudio...

Ele olhou a empregada saindo e indo levar a torta para a sala de jantar e indagou:

- Por que você não vai embora?

Ela o encarou então sem entender o que queria falar com aquilo e sorriu. Voltou a comer a torta.

- Falo sério... é pelo salário? Não vale a pena o estresse.

- Estou juntando... quero abrir algo para mim... não sei... – Disse para disfarçar. Não teria o que falar – Não gosto de falar da minha vida pessoal.

- Eu sei – disse virando-se de costas para o balcão, mas sem deixar de olhá-la – Batista está preocupado com você.

Ela riu sarcasticamente e rebateu:

- Ele não se preocupa com ninguém. Apenas com ele mesmo e seus negócios.

Levantou-se para sair, pois não queria comer a torta e nem conversar. Claudio disse:

- Cuidado Erika! Não subestime ele.

Ela o encarou por alguns segundos. Sabia que Claudio tinha sempre um olhar triste, mas nunca perguntava o porquê. Talvez fosse o filho que não via há alguns meses desde que a ex-mulher proibira. Ou talvez fosse dele mesmo. Ela sinalizou com a cabeça positivamente e colocou o cabelo para trás da orelha pedindo licença para sair. Saiu pela porta dos fundos para não precisar voltar para a sala onde todos estavam. Voltou para seu quarto onde escovou seus dentes e pensou na conversa que escutara de Catalina, se ela estaria com algum amante no Brasil e quem seria. Lembrou-se que não teria como avisar ao departamento de polícia que não iria para o Rio. Não podia enviar e-mail nem mesmo ligar dali, pois tudo era rastreado. Teria que dar um jeito de ir até o escritório na cidade.

Sentou-se um pouco na cama e se lembrou do antigo namorado que era policial civil, em Curitiba também. Um relacionamento de quase dois anos, mas que terminara em cinco meses quando resolveram morar juntos. Era um homem

um tanto ciumento e controlador. Reclamava do seu cargo na federal alegando que era perigoso a forma a qual trabalhava e insinuou que deveria tentar outros concursos para sair da polícia. Erika remediou a situação até quando pode, pois era mais centrada em sua personalidade e séria. Até que surgira a oportunidade de trabalhar infiltrada e ele pedia que escolhesse entre ele e a missão que lhe tinham confiado. Sabia que se escolhesse ficar com ele seria uma relação fadada a imposições e medo e decidiu assim que seria melhor a separação. E no mesmo dia pegou suas coisas, ligou para o parceiro de trabalho que se chamava Álvaro que conseguiu uma carretinha para carro e a ajudou com as suas coisas. Voltou para a casa que tinha sido cedida pela polícia para morar e ali ficou até que a missão chegasse. E toda essa operação da polícia já durava um ano.

Capítulo 3

Todos já estavam reunidos a espera de Erika, quando ela entrou na sala de reuniões.

- Desculpe-me pelo atraso. – Disse se sentando no sofá ao perceber que a reunião não estava sendo em torno da mesa. Sentou-se ao lado de Claudio e Batista esticou a mão para lhe dar a agenda.

- Podemos começar – disse ele em tom seco e sério – Não vou me prolongar para que vocês possam descansar um pouco.

Erika sentiu Claudio tocar seus cabelos que estavam caídos, pois estava de rosto abaixado. Olhou-o e o viu colocá-los para trás de sua orelha. Encararam-se por alguns segundos e ela desviou o olhar quando escutou Batista falar.

- Estou para receber uma carga muito grande da Colômbia e como sabem voltei de lá hoje para acertar alguns detalhes. Preciso que fiquem atentos com qualquer movimentação diferente e Erika fique atenta aos noticiários sobre operações da polícia e operações que estejam fazendo. Tenho informantes na polícia que me deixam avisados, entretanto como vazou essa informação eu soube que eles restringiram o acesso às informações e fecharam um grupo de policiais reservados para fazer a operação. É a velha história de que alguém avisou a alguém que estamos sendo vigiados e seguidos.

- Essa carga vai chegar essa semana? – Indagou ela sem olhá-lo.

- Não – respondeu prontamente – Eu não posso informar a vocês por enquanto.

- Não pode? – duvidou Claudio – Por que? Todos aqui são de sua confiança Batista. Estamos há tempos juntos nessa.

- A carga é muito grande., Claudio – falou justificando sua posição – São milhões de dólares em jogo e drogas..., mas não posso informar. Nunca fui pego pela federal e não será agora que estou me instalando aqui que serei. E se pegarem vocês vão obrigá-los a contar. Não vou arriscar tudo isso. Vocês sempre souberam dos riscos que correram aqui e do código que temos e das consequências para quem me trair.

- Quais precauções você quer que tomemos? – Perguntou Claudio se encolhendo no sofá.

- Verificar tudo o que parece suspeito. Até mesmo nós. Não vou arriscar minha fortuna, minha liberdade. Erika reserve para sexta e sábado que

vem hospedagem no hotel Sheraton, em Curitiba para mim e Catalina, Claudio, Pablo, Lopes e você.

- Semana que vem? – Duvidou olhando-o estupefata, pois era seu aniversário na sexta-feira e ele havia lhe dado folga de dois dias podendo retornar na segunda pela manhã.

- Eu sei que é o seu aniversário – disse despreocupado – Podemos comemorar lá depois das reuniões no clube. Mandeí montarem um show para você.

Ela pestanejou sem acreditar. Fechou os olhos por alguns segundos e tentou entender que não podia fazer cobranças para ele. Estava vivendo uma falsa vida e não podia cobrar a ninguém.

- Sem folga de novo, Erika? – Riu Lopes. Ela apenas abaixou a cabeça e não respondeu.

- Claudio vai na frente com Pablo e verifiquem todos os quartos onde ficarmos. Procurem escutam, vasculhem a área e tomem todas as medidas que vocês já sabem quais são. Elimine todos os empecilhos. Quando chegarmos Erika receberá na recepção um celular com dois números de contato na agenda. Ligue para eles e marque um almoço para três pessoas em nome de Lucio, Carlos e Batista. Está anotando?

- Qual o sobrenome deles? – Indagou pensando em como conseguiria avisar ao departamento sobre a ida para as terras paranaenses.

- Não precisa de sobrenome. Eles saberão quem é. Todos entenderam?

Sinalizaram que sim e ele finalizou a reunião. Batista chamou Erika quando estava saindo da sala. Ela parou sem encará-lo.

- Eu sei que você está aborrecida e cansada. Não tenho como lhe dar férias nem mesmo dispensa nesses próximos finais de semana. Não vou lhe fazer cobranças. Faça o que puder adiantar e de mais necessidade e o restante aos poucos. Assim que puder dispenso você um final de semana todo.

Ela apenas sinalizou com a cabeça e o olhou rapidamente pedindo licença para sair.

- Vá para a piscina tomar tequila com os rapazes. – Falou quando ela deu de calcanhares.

Erika seguiu para seu quarto onde trocou de roupa e desceu para ir para a sala de academia. Não iria conseguir ficar no quarto, pois os pensamentos iriam começar a rodar em sua cabeça e ficaria ainda mais estressada. Vestiu uma calça de moletom, tênis e uma camiseta de lycra por baixo de uma camisa de moletom e seguiu pela piscina quando se deparou com Pablo e Lopes nadando

na piscina que estava aquecida, pois estavam no outono e o tempo começava a esfriar. Claudio estava deitado em uma espreguiçadeira e indagou em espanhol quando ela passou como um foguete por ele:

- ¿Quieres beber Tequila, mujer?

- Não! – Respondeu em português secamente e seguiu seu caminho.

Acendeu as luzes da sala e ficou olhando para os aparelhos. Não teria disposição para correr àquela hora ainda mais cansada e seguiu para o saco de areia. Parou para colocar as luvas, mas desistiu, pois daria trabalho e sabia que não estava disposta para aquilo. Deu um soco, deu um jeb e um gancho e ficou por um minuto assim. Tentava concentrar para que descarregasse sua raiva no saco, porém estava cansada. Parou, abaixou a cabeça e apoiou os braços nos joelhos curvando o corpo.

- Não quer beber um pouco? – Perguntou Claudio se aproximando e ela se assustou. Ela o olhou com a garrafa e o copo shot de tequila e voltou a socar o saco respondendo:

- Você sabe que eu não bebo.

Ele se aproximou colocando a garrafa de tequila e o copo no chão e segurando o saco para ela socar.

- Pois deveria – sorriu – Você anda mal-humorada demais. A bebida alivia o estresse.

- Só estou cansada – disse irritada e socando mais o saco – Você não fuma e tenho visto você fumar. É para aliviar o quê?

Claudio sorriu com seu comentário e desviou o olhar por alguns segundos antes de responder:

- Eu não sou viciado nem usuário, mas as vezes Batista obriga a gente a se drogar com ele para dar uma onda... você sabe. A droga deixa ansioso e eu fumo para aliviar a vontade de me drogar no outro dia. Só isso.

Ela parou de socar no mesmo instante. Não devia ter perguntando e ter sido tão grosseira nas palavras. Estava pensando apenas em si no seu estresse, mas se esquecia que todos tinham problemas ali principalmente com Batista. Sabia que ele não era usuário e que Batista também não, mas quando cogitava se drogar todos tinham que se drogar com ele. Era regra.

- Desculpe-me a grosseria – disse encarando-o por alguns segundos – Estou irritada... só preciso de uma folga para me recompor e melhorar meu humor.

Caminhou para o canto da sala onde havia pequenos sofás de canto e

uma mesa de centro, para se sentar. Ele pegou a garrafa e a seguiu comentando:

- Ele não vai lhe dar folga ainda mais com esse carregamento que está para chegar e se você continuar assim não vai chegar muito longe...

Ele se sentou de frente para ela e ela pediu a bebida para experimentar. Precisava aliviar a raiva que sentia. Ele colocou um pouco no copo e sorriu falando:

- Deixa eu lhe ensinar a beber.

Ela sorriu com o sorriso vago dele. Sabia que ele tinha algo por trás daqueles olhos tristes que não queria contar. Só podia ser o filho.

- As tequilas de Batista são as melhores e as mais caras, pois são cem por cento azeite e agave... trinta e cinco por cento de teor alcoólico... você vai ficar bêbada rápido...

- Dê-me logo isso, Claudio – Disse rindo quando o viu sorrir e balançar a bebida na sua frente.

- Não! – falou fazendo feição de reprovação e sorrindo – Eu vou lhe ensinar a beber... segure o copo assim... na haste. Levante-o ao nível dos olhos e olhe para a cor dela. Gire o copo delicadamente... olhe a aderência dela no vidro... tome um pequeno gole, balance a tequila em sua boca por dez segundos deixando o álcool passar sobre sua língua e beba. Assim...

Erika sorriu ao vê-lo lhe explicar e encenar a forma de beber. Olhava para seu rosto e seus traços. Semblante calmo, sério e olhos sempre vagos. Os pelos uniformes do cavanhaque bem cortado, o bigode impecável, os lábios e olhos pequenos, os cabelos alinhados, as sobrancelhas grandes alinhadas e uma discreta pinta sobre a bochecha direita dele.

Ele colocou mais bebida no copo e lhe deu sorrindo. Ela pegou o copo com os dedos e seguiu exatamente e repetindo as mesmas palavras dele. Quando segurou o líquido na boca olharam-se por algumas frações de segundos e Erika sentiu desejo de beijá-lo. Puniu-se por querer isso e por pensar instintivamente em fazer sexo com ele. Já não fazia há mais de um ano e pelo fato dele ter se aproximado dela nos últimos dias estava se sentindo atraída por ele. Engoliu o líquido fechando os olhos para afastar os pensamentos pervertidos que lhe vieram à cabeça.

Sabia que podia tê-lo a hora que quisesse, pois ele já lhe dava indícios que estava interessado em si, entretanto não poderia se envolver com ele, pois não teria motivos para isso. Era só o trabalho que a estava estressando. Abriu os olhos quando sentiu seu rosto ser acariciado discretamente com os dedos dele, que colocou seus cabelos para trás das orelhas. Olhou-o e se encararam

fixamente por alguns segundos. Ele olhou para seus lábios como se quisesse pedir permissão para tomá-los em um beijo. Ela engoliu em seco e desviou o olhar murmurando:

- Pare de me olhar desse jeito – levantou-se e caminhou para fora da sala – Venha... sabe que Batista não goste que beba aqui na academia.

Ele sorriu com o seu comentário e pegou a bebida. Seguiu ela que caminhou e se sentou na espreguiçadeira, a beira da piscina. Sentou-se ao seu lado e ficaram olhando os outros nadando.

- E sua família? Notícias? – Perguntou para iniciar algum assunto.

- Já não os vejo há meses – disse mentindo, pois quando ia para o Rio procurava visitá-los mesmo que fosse às escondidas – Mas sei que estão bem.

- Ainda sem namorado aqui ou no Rio?

Ela o olhou e semicerrou os olhos. Sabia que ele estava brincando, pois conhecia a sua rotina. Riu sarcástica e respondeu:

- Eu tenho tempo para isso? Folgo sexta à noite e tenho que voltar no sábado à noite. Como vou namorar?

Ele riu descontraidamente e bebeu mais um pouco de tequila replicando:

- Não temos nem tempo para...

- Transar! – Disse esticando o dedo indicador para ele – Dê-me um pouco mais disso. E sua ex já parou de lhe infernizar?

Ele desviou o olhar e encheu o copo para ela. Pediu que fizesse o ritual para beber e ela seguiu à risca enquanto ele falava:

- Levando em consideração que ela não conseguiu tomar a minha casa no divórcio nem a casa de praia daqui de Florianópolis...ela foi para o Rio e levou nosso filho sem falar comigo, como você já sabe... tem quase dois meses que não o vejo.

- Por isso você está assim tão triste? – Ousou perguntar. Sentiu o efeito da bebida no corpo.

- Também estou cansado – falou tentando fugir do assunto – Todos nós, não é?

Ela apenas o olhou. Fitaram-se por alguns instantes sorrindo e Erika sentiu novamente a vontade de estar com ele. Sabia que a tequila também tinha efeito sobre isso e gostou, pois, toda a tensão dos músculos já não estava presente. Sentia-se leve, mas excitada. Levou a mão até o pescoço para massagear e desviou o olhar.

- Quer que eu faça uma massagem? – Indagou fazendo menção de se levantar, mas ela se esquivou rapidamente ponderando:

- Amanhã eu vou fazer quando a massagista chegar. Obrigada. – ele se silenciou e ela concluiu – Acho que estou bêbada, Claudio.

Ele riu discretamente, pois era seu jeito e ela se levantou cambaleando um pouco assustada falando:

- Que merda é essa Claudio?

Ele riu com sua expressão assustada e se levantou segurando-a pelo braço.

- Vou levá-la para o quarto.

- Não! – disse prontamente pensando que se isso acontecesse ela acabaria se arriscando e se deixando levar pelos instintos. Só precisava de alguns dias fora da casa para se sentir normal de novo e se livrar das tensões e sensações que estavam lhe consumindo. – Eu ainda conheço a casa... boa noite.

Esticou a mão e ele beijou seus dedos. Ela o olhou por alguns segundos sentindo o corpo dolorido de tesão. Sentiu o frio lhe percorrer o estômago e ele disse que subiria depois. Sorriu puxando a mão e caminhou devagar para não cair.

Claudio a olhou caminhar para a entrada da cozinha, que tinha acesso pela área externa de vidro. Contemplou a bela mulher magra, de personalidade forte, que não fumava, não bebia e nem se drogava. Sabia tanto quanto ela que não podia sustentar sentimentos, mas percebera que estava se sentindo atraído por ela nos últimos meses. Já estava se aproximando, arriscando pequenos carinhos e brincadeiras para descobrir o que ela queria. Não queria forçá-la a nada, porém sabia que ela estava vulnerável de sentimentos e emoções. Sabia que se a pressionasse apenas um pouco ela cederia e acabaria ficando com ele e permitindo que a beijassem, mas não queria premeditar nada. Sentiu-se tão excitado quanto ela e desejava tocar seu corpo e sentir seu calor. Deu uma suspirada para afastar o tesão e colocou mais um pouco de tequila para beber e esquecer logo tudo aquilo.

Erika abriu a porta de vidro que separava a área externa da piscina e cambaleou um pouco. Deparou-se com Batista na cozinha mexendo no celular.

- Você está bem? – Perguntou ele parando a sua frente ao perceber os passos lentos dela. Ela não o olhou e respondeu secamente passando por ele e se segurando na parede:

- Estou bêbada, por que?

Ele deu uma gargalhada vendo-a caminhar com cuidado para não cair

e a viu sair da cozinha. Ela subiu para o quarto e foi direto tomar um banho demorado. Saiu, vestiu seu baby dool e se jogou na cama. Sabia que dormiria rapidamente pelo cansaço e pela bebida, que lhe fizera bem. Esquecera as tensões e os problemas. Tudo parecia mais leve e sem sentido. Dormiu rapidamente.

Assim que acordou, as sete da manhã Erika sentiu-se enjoada e a cabeça pesada possivelmente por efeito da bebida. Tomou um banho e desceu para o desjejum. Tinham o costume de fazê-lo juntos por volta das sete e meia da manhã. Encontrou Batista e Lopes sentados à mesa.

- Sentindo-se melhor? Bom dia... – Disse Batista quando ela se sentou sem falar com ninguém.

- A cabeça está pesada ainda. – Murmurou se servindo de café.

- Mas é a primeira vez que você bebe tequila, não é? – Disse tentando ser natural e educado com ela. Não gostava de vê-la com semblante quieto e sério. Ela sempre fora autêntica e brincalhona.

- Sim... – Falou sendo desperta pela chegada de Claudio que se sentou ao seu lado após lhe cumprimentar e deslizar os dedos pelas suas costas como um cumprimento. Ela pensou estar alucinada, pois se sentiu excitada àquela hora da manhã apenas com um simples gesto bobo. Precisava realmente de um descanso para purificar sua mente. Lembrou-se que o psicólogo lhe falara que poderia criar mecanismos de defesa caso se sentisse estressada na casa como compulsões, vícios, manias, mas que ficasse atenta e falasse com ele caso percebesse algo de anormal. Explicou-a que a tensão quando não dissipada se acumula no corpo. Seria a excitação uma forma de reação formativa para negar o que realmente sentia?

- Vá para a massagem hoje. Vou precisar de você somente as dez. – Disse finalizando a conversa para fazerem o desjejum.

Do desjejum seguiu para a sala da sauna. Ali a massagista que ia uma vez por semana já estava esperando.

- Bom dia Cíntia – falou com um sorriso seco e seguindo para tirar a roupa. Despiu-se e se deitou de bruços. Tentou relaxar, mas percebeu que estava tensa, pois a cada vinte segundos ela pedia que relaxasse o corpo e tentasse esvaziar a mente. Acabava sentindo dor ao ser massageada. Quando finalmente pareceu relaxar escutou a voz de Batista lhe chamando e entrando na sala sem bater.

- Batista! – Gritou ao escutar sua voz. A massagista cobriu-lhe o corpo

rapidamente com uma tolha.

- Preciso de um favor seu – Disse parando na sua frente.

- Estou nua! – Disse com raiva sem olhá-lo. Sentiu o corpo tremer de estresse.

- Não tenho interesse em lhe ver nua, Erika. – disse naturalmente olhando-a – Você é minha secretária.

- Por favor, chefinho... – pediu afundando a cabeça no apoiador de cabeça – Saia daqui!

- Tudo bem – falou se rendendo ao seu pedido e colocando sua agenda sobre suas costas – Quando você terminar aqui preciso que ligue para o contador e peça toda a minha movimentação bancária dos últimos três meses. Imprima e entregue a Catalina porque vou sair com Claudio e Júlio agora.

- Assim que eu sair daqui faço isso. – Disse ponderando suas palavras, pois pensou que teria acesso as suas contas. Já fazia três meses que não tinha como acessar os fundos de sua conta corrente e a movimentação bancária, pois transferia o dinheiro direto para a sua conta referente o pagamento das contas e despesas. Não sabia como repassar para Bartolomeu, mas conseguiria uma forma de lhe dar as informações que precisava.

Saiu da sauna e foi para seu quarto se banhar e começar o seu dia. Sentiu-se mais relaxada com a massagem e conseguiu administrar melhor seus afazeres. Aproveitou que estaria em casa sozinha e vestiu uma bermuda, chinelos e camiseta, pois não estava frio aquela manhã. Adiantou tudo o que pode. Reservou o hotel, agendou o jatinho, ligou para o contador e esperou o e-mail. Dali seguiu para o quarto onde guardou suas cópias e folheou a outra antes de entregar a Catalina. Viu compras em lojas, restaurantes, pagamentos das dívidas do jato, a compra de uma moto e um saldo de cem milhões na conta. Sabia que esse dinheiro não era nada em relação ao que guardava no seu cofre no Brasil e o que tinha na Colômbia.

Desceu novamente, após entregar as impressões a Catalina e terminou de fazer algumas ligações e pagar algumas contas e assim o dia silencioso passou rapidamente na casa. E nessa mesma tranquilidade o fim de semana se aproximou. Bebeu na beira da piscina com os rapazes a noite, mas sempre se limitando apenas para relaxar os músculos.

O fim de semana chegou, mas Batista não fez mais uma das festas que promovia em sua casa para vender drogas e entreter os convidados. Nas festas regada a bebida, música e prostitutas Batista alavancava a venda de suas drogas. Havia a degustação que ele oferecia aos convidados e quem quisesse mais

comprava. Normalmente quem cuidava da venda era Claudio e Lopes. Erika recebia o dinheiro em sacolas e levava direto para o escritório onde trancava para depois Batista contar, serviço que só ele fazia. Monitoravam as festas por escutas de ponto eletrônico com fone de ouvido bluetooth e algumas escutas conectadas em canais e frequências. Vendiam muitos entorpecentes desde maconha até ecstasy.

Era domingo e estavam festejando uma final de campeonato de futebol catarinense. A festa começara as dez da manhã, com churrasco e bebida de graça, como sempre fazia. A final do campeonato começaria uma hora da tarde e Batista reuniu alguns amigos. Cancelara a festa do final de semana, pois tinha costume de fazê-las as quintas e domingo e ficou apenas com os funcionários e amigos. E naquele dia Erika limitou-se a almoçar, trocar alguns olhares com Claudio e subir. Já tinha a mesma desculpa que costuma falar para a sua ausência: que estava indisposta e com dor de cabeça. Estava enraivecida, pois não tivera compromissos naquele fim de semana, como ele dissera que precisaria dela.

Capítulo 4

A semana começara sem novas descobertas para a investigação. Todos pareciam descontraindo, com exceção de Erika que não conseguira oportunidade de sair da casa para entrar em contato com o departamento. Permaneceu quieta e de poucas palavras pela semana e Catalina vendo-a daquela forma a chamou para saírem na quarta-feira, quando então ela viu que poderia tentar entrar em contato.

Pablo levou as duas de carro para a cidade. Tinha a distância de cerca de trinta quilômetros de onde estavam. No shopping as duas ficaram à vontade e Erika se intitulou “dama de companhia” de Catalina, pois ficou com ela comprando roupas. Foi instigada pela mulher de Batista a comprar algumas roupas e lembrou-se que na semana seria seu aniversário. Não podia usar o dinheiro da sua conta, pois o departamento pedira para que evitasse, mas não pensou naquele momento e se enredou em compras com Catalina pelas lojas. Gastou quase mil e quinhentos reais de roupas comprando uma bota, uma saia, uma blusa de seda, um perfume e batom. Sentiu-se mais aliviada.

E quando sentaram na praça de alimentação para fazer um lanche ela viu a oportunidade de entrar em contato com Bartolomeu pelo celular. Falou que ia ao banheiro e aproveitou para ligar a cobrar para ele. Sabia que telefone celular na casa era proibido. Só quando iam para o Rio ou outro lugar Batista disponibilizava alguns telefones e deixava com eles para se precisassem entrar em contato. E mesmo dessa forma não tinha o costume de entrar em contato com o departamento, pois sabia que Batista também pagava a um grupo de fornecedor que tinha para rastrear telefones.

Ligou para o celular do delegado e ninguém atendeu. Fez novamente uma chamada até que uma mulher atendesse.

- Preciso falar com Bartolomeu. É Erika da entorpecente. Não posso demorar.

Escutou a mulher gritar por Bartolomeu e falar que ela estava na linha. Não demorou para ele atender.

- Erika? – falou surpreso – Como você está? Chegou da viagem? Como estão as coisas? Estávamos preocupados porque não entrou em contato.

- Sim Bartolomeu – disse olhando para os lados e com a voz reduzida – Não posso ficar dando detalhes do que houve, mas não pudemos sair da casa. Estou em Curitiba. Ficaremos aqui nessas duas semanas e sem folga. Escute... sexta feira estaremos indo para o Hotel Sheraton para fazer negócios, mas não

sabemos ao certo o quê. Tenho extratos para lhe entregar, mas sabe que tudo está grampeado e sendo vigiado. Desde os quartos até a boate dele. Evitem se aproximar de mim.

- Houve festa no fim de semana? – Indagou pedindo que todos reduzissem o falatório no escritório.

- Somente para amigos, mas não participei porque eu estava cansada.

- Erika, preste atenção – falou tentando manter a calma nas palavras – Sei que está cansada e com o psicológico abalado. Recebemos um relatório da parte forense falando sobre seu desgaste emocional, mas já estamos na reta final. Preciso que você participe das festas e de tudo o que puder trazendo informações. Precisa viver mais este trabalho agora!

Erika sentiu uma súbita raiva nas palavras dele. Já não vivia a sua vida e estava se perdendo na casa em sentimentos e emoções. Indagou irritada:

- Preciso viver mais este trabalho? Verdade, Bartolomeu? Estou presa aqui há um ano, sem viver a minha vida de verdade e preciso viver mais este trabalho?

- Sim Erika. – falou sem se importar com o que pensava – Precisamos conversar, mas preciso de você trabalhando com tudo aí.

- Sexta-feira estarei no hotel, Bartolomeu. Preciso desligar. – Disse já sem forças na voz e desligando o telefone sem mesmo esperar que ele falasse. Encostou o rosto no telefone público por alguns segundos para processar os pensamentos e retornou depressiva para a mesa onde se sentou calada e fez seu lanche para poderem retornar para casa. Eram seis e meia da tarde.

E assim a semana seguiu sem muitos contratempos. Batista pediu para Erika cancelar a festa de quinta-feira na casa, pois queria estar bem para sexta-feira no almoço. Dessa forma Erika conseguiu descansar sem precisar participar das festas e organizar convidados, seguranças e no dia seguinte a ida para a reunião.

Na sexta-feira fizeram tudo com combinado e Erika partiu com Catalina, Batista e Pablo por volta das dez horas da manhã. Chegaram ao hotel a tempo de tomarem um banho e se trocarem, entretanto Erika não seguiu para a reunião, pois Batista pediu que almoçasse no hotel com Catalina seguindo com Claudio para o almoço que foi a portas fechadas.

Depois do almoço as duas subiram para seus quartos para descansar, mas Erika escutou alguém bater na porta. Imaginou que fosse Catalina e seguiu para atender.

- Boa tarde – disse o copeiro sorrindo – Serviço de quarto.

- Mas eu não ...- Disse interrompendo a fala, entretanto calou-se quando ele mostrou o distintivo de policial federal.

- Foi solicitado a minha presença para fazer arrumação no quarto. – Disse ele e ela pediu que entrasse. O mesmo entrou fechando a porta a espera do que sabia que receberia. Ela seguiu até a cama e puxou debaixo do colchão os papéis que entregaria a ele.

- São da contabilidade. – balbuciou – Todos estão aqui?

- Não... – respondeu guardando no uniforme e caminhando para sair – Mas estamos observando, não se preocupe.

Ela sinalizou e ele saiu do quarto agradecendo e seguindo o caminho das escadas. Aproveitou para relaxar um pouco tomando um banho e vendo televisão, pois a noite iriam para o clube de Batista que ficava próximo ao hotel.

E às dez da noite estavam entrando na boate que promovia a noite gratuita dos aniversariantes com música eletrônica e rap com entrada gratuita e bebida de graça até as onze da noite.

O som ensurdecedor e as batidas instigantes da boate iluminada com jogos de luzes mostravam como seria aquela noite: badalada. Erika entrou com Catalina, Batista, Claudio e Lopes. Seguiram para uma mesa reservada na área vip. Batista já dançava puxando Catalina e sorrindo para pista de dança.

Claudio sinalizou para ela ir para a mesa, pois iria dar uma vistoriada com Lopes e os outros seguranças espalhados pela boate. Ela seguiu para o balcão do Open Bar pedindo uma ice Smirnoff para poder lidar com todo o barulho e a badalação. Sentou-se e se virou para a pista de dança percorrendo o olhar pela boate que era muito luxuosa, com profusão de lustres e correntes douradas enfeitando a pista principal, projeção em uma das paredes da pista de dança e o DJ tocando em sua cabine.

Avistou Batista e Catalina dançando e sorriu. Eram muito alegres e brincalhões com um humor que até ela mesma invejava, às vezes. Pegou sua garrafa e sorveu metade de uma só vez, pois estava com sede e precisando aliviar a tensão do corpo. Virou-se para o bar novamente e bebeu o restante. Pediu outra garrafinha da bebida.

- Desde quando você bebe? – Escutou alguém perguntar ao seu ouvido e se sentar ao seu lado. Era Bartolomeu que se sentou ao seu lado sorrindo. Vestia bermuda, tênis e camisa polo. Segurou um sorriso desviando o olhar.

- Desde quando me falaram que eu tenho que me dedicar mais ao meu trabalho! – Respondeu bebendo mais.

- Como você está? – Indagou após pedir uma água.
- Hoje é o meu aniversário. – Respondeu olhando-o e sorrindo.
- Eu sei – sorriu – Parabéns.

Ela sorriu após dar mais uma golada e percebeu que Lopes e Claudio lhe olhavam da pista. Esvaziou a garrafa e pediu licença saindo em seguida para a pista de danças onde já chegou dançando e com um sorriso nos lábios, pois já estava se sentindo mais leve.

- Quem é ele, Erika? – Indagou Claudio em seu ouvido.

- Só mais um querendo me pagar uma bebida. – Respondeu dançando a sua frente para que pudesse desviar o foco de Bartolomeu. Ele sorriu e enredaram em duas danças seguidas.

Todos seguiram para se sentar, mas ela continuou dançando, pois percebeu que estava flertando com um belo homem de quase dois metros de altura, um belo porte físico e com bela aparência. Era loiro, cabelos curtos e com um belo sorriso. Sorriu para ele quando se aproximou e começaram a dançar um de frente para o outro por algum tempo. Quando se aproximaram mais para dançar e ele puxou Erika pela mão para poder rodá-la, Lopes e Claudio se aproximaram lentamente até os dois e Claudio sinalizou para o homem sair de perto dela.

- O que foi, Claudio? – Perguntou parando de dançar.

- Cai fora! – Disse Claudio para o homem que riu perguntando parando ao lado de Erika:

- Ela é sua garota, irmão?

- Eu não sou seu irmão e ela não é minha garota – disse Claudio levantando a camisa e exibindo sua .40 finalizando: Minha garota é essa aqui.

O rapaz desfez o sorriso e Erika ficou sem reação. O homem saiu sem falar nem questionar nada.

- Por que fizeram aquilo? – Perguntou olhando para os dois. Lopes ria com a atitude de Claudio.

- Porque você sabe que não pode ficar com ninguém nessas festas de boate. – Respondeu Claudio.

- Por que não? A vida é minha e você não tem esse direito. – Retrucou com raiva.

- Nós não – respondeu Lopes – mas Batista não gosta e você sabe disso.

Erika saiu de perto dos dois e seguiu para a mesa para se sentar com

Catalina, que estava sozinha.

- Não estrague o seu aniversário – disse Catalina sorrindo e tocando em sua mão. – Aproveite.

Ela apenas sorriu e ajeitou a saia que havia subido ao se sentar. Sentiu um braço passar por sobre seu ombro e um corpo se encostar ao seu. Olhou o braço e viu a tatuagem de Claudio. Deixou mais uma garrafa da bebida para ela. Catalina sorriu e falou:

- Claudio está a fim de você, Erika. Por que não dá uma chance a ele de se aproximar? É um homem bonito, discreto e não é de se envolver com mulheres.

- Não quero me envolver com ninguém, Catalina – Disse sorvendo a bebida e pensando no que ela havia dito. Era um homem muito atraente, mas sabia que por mais que tivesse interesse não poderia fraquejar na tentação.

Por volta das onze e meia o DJ anunciou o aniversário de Erika, que era a única aniversariante da noite. Foi ovacionada pelo público e o DJ completou as palmas colocando o nu metal da banda Link Park, Numb e convidando todos para a pista de dança.

Claudio aproximou-se dela e sussurrou em seu ouvido:

- Eu desafio você a dançar essa música comigo.

Ela o olhou e se levantou após beber o restante da bebida. Já se sentia leve e sem o mesmo mal humor que antes, quando ele lhe falara. Olhou-o com o olhar instigante, pensando no que Catalina, havia lhe falado e resolveu dançar. Queria testá-lo e provocá-lo. Ele puxou-a pela mão caminhando com ela para a pista de dança, mas ela não esperava que ele quem estivesse se preparando para provocá-la na pista. Puxou-a pela cintura para dançar o ritmo pesado com o corpo colado ao seu. Olhou-a com semblante provocativo e perguntou com um sorriso:

- Tem medo de mim?

Ela riu disfarçando a imprevisibilidade do momento e arqueou a sobrancelha como resposta. E dançaram toda a música sendo conduzido por ele, que a puxava para si e conduzia a sua mão segurando a dela sem soltar e deslizando por sobre seu corpo em movimentos rápidos conforme a batida da música. Fazia-a passar a mão por sobre seu rosto, sua barba e até mesmo seus lábios compenetrado em não deixar de olhar em seus olhos para saber o que sentia. Sabia que conseguira despertar nela algum desconforto, pois quando a virava de costas para si e conduzia seu corpo ao mesmo ritmo dele, segurando a sua cintura e deslizando uma das mãos até os seus quadris e, como a outra

passeando o polegar por entre seus seios, mas sem tocá-los, a viu suspirar e segurar um gemido. Fê-la olhá-lo puxando com a outra mão o seu rosto, por cima do próprio ombro, e a viu de lábios semi-abertos. Encararam-se e ele olhou para seus lábios. Ela também olhou para os dele e este a virou para si conduzindo a mão dela para abraçá-lo pelo pescoço.

Erika sorriu e não se importou com as insinuações provocativas dele deixando-se conduzir por ele durante toda a música. Ao final viu-o afrontá-la com um olhar e beijar-lhe os dedos sorrindo. Lopes, Catalina e Batista voltaram para a pista de dança fazendo com que os dois se afastassem, mas permaneceram dançando na pista e trocando olhares durante toda a noite e no mesmo ritmo.

Sabia que era um jogo de poder, de intriga e provocação com ele, mas gostava de sair, às vezes, da sua rotina estressante, fazendo algo de diferente para se sentir melhor. A bebida fora a sua primeira providência, já que percebia que ela aliviava seus músculos e seu estresse e tentar relaxar quando estava reunida com todos da casa. Só assim conseguiria amenizar um pouco da pressão que estava sentindo.

Saíram da boate cerca de uma e meia da manhã e seguiram para o hotel. Estava no andar conversando com Claudio caminhando para o quarto quando ele disse:

- Podemos marcar qualquer hora para dançar, Erika... você se vira bem.

Ela riu caminhando para entrar em seu quarto e disse:

- Verdade? Obrigada pelo apoio moral..., mas eu tenho namorado.

Ele provocou rindo também e disse:

- Eu já falei que você mente mal? Você não tem namorado...

- Boa noite, Claudio – Disse ela sorrindo e entrando para seu quarto onde se banhou rapidamente pela tontura que sentia e se deitou adormecendo rapidamente.

Capítulo 5

Erika fazia seu desjejum ainda com a cabeça pesada pelo dia anterior. Havia bebido suficiente e não estava acostumada. Tomou uma xícara cheia de café e fez seu desjejum no quarto, pois voltariam para casa cedo. Teria muito o que fazer no final de semana já que não iria para o Rio. Seriam contas para pagar, reuniões para marcar, notas para conferir. Distrações duravam pouco.

A típica festa do final de semana, no domingo não aconteceu, a pedido de Batista. Não dera satisfação, apenas solicitou que fosse cancelada e todos permaneceram em casa. Jantaram pizza no domingo e beberam vinho e tequila na beira da piscina.

A semana se iniciara tranquila na casa com exceção de Batista que começara a segunda-feira brigando com Catalina. Ninguém ousou perguntar o que estava ocorrendo e nem ela comentou com Erika. Todos perceberam o distanciamento dos dois e a ausência dela na hora das refeições.

Nesse mesmo clima de quietude a semana passou com cada um fazendo suas atividades e obrigações. Uma semana sem muitas novidades para fazer ou descobertas. Na quinta-feira após o almoço, Erika estava no escritório quando escutou os dois discutindo no quarto. Catalina gritava chorando e pedindo socorro. Subiu rapidamente para o quarto e ainda escutou Batista ofendendo ela moralmente com palavras.

- Calma, chefinho – disse ela adentrando no quarto e se aproximando ao ver Batista segurando-a pelo braço e empurrando-a para a cama – O que houve?

-Você sabia Erika? – Gritou ele virando-se para ela.

Catalina levantou e seguiu para próximo de Erika, porém Batista a empurrou e esbofeteou-lhe brutalmente o rosto bradando:

- Sente-se sua vadia!

- Não faça isso, chefinho... – Falou Erika ao sentir o coração disparar ao ver Catalina ser esbofeteada e cair na cama com o impacto.

- Cale a boca, Erika! – gritou – Você sabia que essa vadia está me traindo com um dos seguranças? Responda!

Erika arregalou os olhos e espantou-se com a confissão dele. Respondeu gaguejando:

- Não... eu... não sabia!

- Ninguém sabia Batista. – Disse Catalina que recebeu outro bofetão

no rosto e gemeu.

- Não faça isto, chef... – Falou ela tentando se aproximar, mas ele parecia descontrolado. Seguiu em sua direção agarrando-a pelos braços e puxando-a para si. Olhou em seus olhos com Erika quase pendurada em suas mãos e indagou:

- Foi isso que você escutou no quarto?

Erika não conseguiu responder, pois estava assustada com a atitude dele. Nunca a tocara nem fora violento consigo, entretanto sabia que ele era um homem cruel em suas atitudes com quem o traía. Era sanguinário e carregava vários homicídios atrás de si. Tinha um perfil psicopata.

- Vamos conversar, Batista. Solte Erika! – Interveio Catalina.

- Conversar? Eu vou matar você! – Gritou ele soltando ela e segurando Catalina pelo pescoço e a enforcando.

- Chefinho... por favor... não faça isso. – Pediu ela e o viu afrouxar a mão e esbofetear novamente o rosto dela jogando-a na cama. Erika pulou quando escutou o estalar no rosto dela.

- Eu dou tudo a você! Dinheiro, poder, joias... e você se abrindo para um segurança meu que está aqui há dois meses?

- Erika – gritou ela – Não o deixe me matar, por favor!

- Ele não vai fazer isso. Fique calma. – Disse ela sem se aproximar, pois temeu receber o mesmo tratamento que ela.

- Não? – gritou virando-se para ela – Por que?

- Porque ela é sua mulher! – Falou encarando-o e vendo o ódio nos olhos dele.

- Vadia é o que ela é! – falou indo na direção da mulher e puxando-a pelos cabelos – Vem comigo!

Catalina gritou pela violência a qual era puxada.

- Ele vai me matar... por favor me ajude!

- Pare Batista! – Falou colocando-se a sua frente.

- Saia da minha frente Erika! – Disse ele empurrando-a para o canto e puxando a mulher para descer, pelos cabelos.

- Não me deixe – Sussurrou ela para Erika quando desceu sendo puxada pelos cabelos.

Erika seguiu para o quarto de Claudio e bateu na porta nervosamente.

- Que gritaria é essa, Erika? – Perguntou ele abrindo a porta.

- Batista quer matar Catalina!
- Matar? – Duvidou – Por que?
- Porque descobriu que um dos seguranças é amante dela!
- Júlio Cesar – falou com um sorriso sarcástico – Só pode ser ele.
- Você sabia? – Indagou vendo-o sair e fechar seu quarto.
- Não – disse caminhando – Desconfiava.

Erika ficou parada por alguns instantes procurando se recompor do susto. Sabia que Julio Cesar trabalhava ali a pouco tempo, não era muito sociável com os outros seguranças. Falavam-se pouco, mas se cumprimentavam e trocavam algumas palavras. Era um belo homem alto, jovem, de porte atlético e moreno. Tinha em torno de vinte e cinco anos, era casado, tinha um filho de dois anos e a esposa dele assim como a mãe eram cabeleireiras. Lembrou-se que comprara um presente para o filho, pois ele convidara ela e Batista para o aniversário de dois anos do menino. Não foram, mas Batista pediu que comprasse um belo presente para o menino. Comprara uma moto motorizada para o menino. Respirou fundo e desceu para o primeiro andar a procura deles.

Passou pela piscina e foi para a parte de trás da casa. Percebeu uma gritaria no campo e caminhava para lá quando viu de longe Batista aos gritos com Catalina e Júlio Cesar que estavam ajoelhados no chão. Viu Batista estender a mão e Lopes lhe passar a pistola .40. Apontou para a cabeça de um e depois de outro gritando algo que não conseguiu escutar, pois estava longe. Sentiu um calafrio no estômago e o viu apontar para a cabeça de Júlio Cesar.

- Batista, não! – Gritou correndo em direção a eles.

Claudio estava a alguns metros de distância e escutou a voz de Erika gritando. Olhou para trás e a viu correndo em sua direção. Ele voltou-se em passadas largas e a alcançou antes que ela se aproximasse. Segurou-a pelos ombros murmurando:

- Não vá lá Erika!
- Solte-me Claudio! – Falou apreensiva tentando sair de seus braços, mas ele não a soltou.
- Não se intrometa nas coisas de Batista! – Disse segurando-a com força e falando em seu ouvido – Deixe que ele resolva.
- Ele vai matá-lo! – Bravejou com os olhos já em lágrimas e olhando para ele.
- Eu sei! – Disse irritado segurando-a.
- Não vou deixar... – Disse olhando para Júlio Cesar que estava com a

cabeça abaixada. Catalina chorava compulsivamente. – Ele tem família Claudio... mulher e filho.

- Fique aqui – disse agarrando-a pela cintura quando ela tentou sair – Controle-se, por favor.

- Não! – bravejou – Ele tem...

Mas não conseguiu completar a frase, pois viu Batista atirar a queima roupa na cabeça de Júlio Cesar. Este tombou para o lado. Ela gritou parando estática. Olhou inerte por alguns segundos o corpo dele tombar para o lado. Escutou o grito de Catalina. Largou o peso do corpo nas mãos de Claudio e este a segurou para que não fosse ao chão. Virou-se para ele que lhe olhava penalizado por ela e a puxou para não cair. Desatou a chorar afundando o rosto no peito de Claudio. Foi então que percebeu que estava sem controle emocional para o serviço que estava exercendo. Não podia se deixar levar por essas emoções e sentimentos. Estava se envolvendo emocionalmente com as pessoas da casa.

- Ele tinha família Claudio! – Falou sentindo o corpo desfalecer e com a voz embargada.

- Não se intrometa nas coisas de Batista se quiser ficar bem com ele, Erika. – Disse ele ao seu ouvido como um sussurro de aviso. Soltou-a e a tirou de seus braços. Estava com o olhar vago e seco. Já sabia como era o mundo das drogas e das traições. Não poderia transparecer preferência ali no trabalho

– Limpe o rosto porque vem Batista com Catalina. – Falou lançando um olhar reprovador.

Ela permaneceu de costas e passou as mãos pelos olhos para secar as lágrimas e Batista passou por eles falando:

- Claudio limpe a bagunça com Lopes e informe a família dele da morte. Erika vem comigo.

Ela olhou Catalina sendo puxada pelo braço e olhou para Claudio que lhe sinalizou com o olhar cético para ir. Seguiu atrás dele mantendo uma certa distância. Sentiu medo do que ele faria com Catalina. Entraram na casa e subiram para o quarto. Ele empurrou-a para a cama com brutalidade e virou-se para Erika falando:

- Ligue para o piloto e peça para prepararem o jato para Catalina voltar para a Colômbia hoje ainda.

- Hoje? – Duvidou ela tentando manter a calma na voz– Pode levar horas para liberarem o espaço aéreo, Batista. Podem pegá-lo também. Preciso ver combustível se tem e outras...

- Dane-se! – Gritou interrompendo-a – Deixe que peguem ou abatam esta vadia! Só não a quero aqui!

- Batista vamos conversar, por favor... – Pediu Catalina se levantando da cama, mas ele interpelou-a com outro bofetão e pedindo que se calasse. Erika tremeu ao ver Catalina ser esbofeteada e cerrou as mãos para não tremer. Gostava dela e se apiedou.

- Arrume suas coisas agora! Erika dê um jeito de meter essa filha de puta y perra em um avião.

- Sim, chefinho... – Sussurrou sem olhá-lo.

- E certifique-se se Claudio e Lopes limparam a sujeira do campo. – Falou levando a mão aos cabelos e jogando para trás.

Erika desceu e seguiu para o escritório. Ligou para o piloto dele e informou a emergência. O mesmo pediu um tempo para ver as condições do tempo e outras necessidades para saber que horas poderia ir. Ela pediu que não demorasse em responder e agradeceu. Voltou para o quarto e pediu que ele saísse para tentar se acalmar, que ela ajudaria a Catalina a arrumar as malas.

Quando ele saiu Catalina secou as lágrimas e não respondeu às perguntas de Erika; apenas disse que sabia que estava errada e que não teria como explicar o que fez. Percebeu como ela tremia e pediu que se sentasse e deixasse ela preparar suas malas.

Erika a viu fumar três cigarros seguidos e chorar silenciosamente. Sabia que ela devia conhecer o marido que tinha e as consequências que teria. Concluiu que tivera sorte em não ser morta também junto com o amante. Pediu que ela ficasse no quarto enquanto ia resolver algumas coisas lá embaixo. E o piloto ligou avisando que conseguiria sair em duas horas do aeroporto.

Procurou Claudio e o encontrou na cozinha sentando sozinho e cabeça abaixada, na cadeira, encostado no balcão da ilha. Ele escutou o barulho da porta abrir e olhou.

- Oi... – balbuciou ela se aproximando dele – Batista quer saber se vocês...

- Limpamos a sujeira sim – Disse assoprando as palavras. Tinha a voz embargada e o olhar descrente.

- O que vocês fizeram? O que vocês irão falar? – Indagou com as palavras amarguradas na boca.

Ele saiu da cadeira e ficou em pé de frente para ela. Disse com o olhar indefinido e expressão aconselhada:

- Quanto menos você souber melhor... Lopes já foi avisar.... Você está bem? E Catalina?

Esticou a mão tocando em seu rosto. Ela fechou os olhos e curvou a cabeça um pouco para esconder o rosto. Apenas balançou a cabeça positivamente e sentiu ele colocar seus cabelos para trás da orelha. Saiu. Seguiu para o escritório e bateu na porta. Sabia que era o refúgio de Batista quando estava aborrecido.

- Chefinho... está tudo resolvido. O piloto pode partir em duas horas e os rapazes já resolveram tudo. – Disse num fio de voz para ele que estava sentado, com um copo de vodka na mão.

- Enfie aquela infeliz no helicóptero agora e mande que espere no aeroporto. Não deixe que ela leve nada que não seja as coisas dela. – Falou sem olhá-la. Estava de cabeça abaixada – Dispense as empregadas hoje. Quero só vocês na casa. Cancele todos os meus compromissos do fim de semana sem exceção e remarque para a semana. Leve Catalina para o aeroporto e volte para casa.

- Tudo bem... – Disse saindo do escritório.

O dia passou e Erika nem conseguiu perceber a velocidade. Estava amortizada pelos acontecimentos e levou Catalina de helicóptero até o aeroporto catarinense. Voltou e percebeu que muito tempo já havia passado quando chegou em casa, já anoitecendo. Sentia-se cansada física e psicologicamente. A cabeça doía de estresse na nuca e se arrastava. Entrou na casa e escutou vozes, música e risadas. Seguiu até o escritório, de onde vinha as vozes e bateu na porta entrando.

- Boa noite...

Ela então percebeu que Batista estava bêbado, embora fosse muito discreto, com duas prostitutas de luxo sentadas com ele em um dos sofás. Claudio estava sentado bebendo tequila ao lado de Lopes, que estava cheirando ajoelhado no chão, cocaína empilhada em carreira na mesa. Pablo estava em outro sofá com uma prostituta fumando.

Batista sorriu ao ver Erika e disse extasiado:

- Suba, tome um banho e desça aqui de novo. Vá!

Ela fez menção de contrariá-lo, mas repensou seus atos depois do que havia acontecido cedo. Subiu para seu quarto e entrou já tirando sua roupa e seguindo para o banheiro. Sentia todos os seus músculos doloridos e um súbito cansaço. Sabia que não estava bem, pois havia absorvido problema demais para um dia só. Entrou no chuveiro, tomou um rápido banho e vestiu uma saia jeans,

uma camisa de botão branca e chinelos. Desceu rapidamente e bateu na porta antes de entrar.

Ela então se deparou com Batista beijando as duas mulheres, que disputavam o colo dele e a boca quando não estavam fumando. Olhou a mesa e viu vários rastros de carreiras de cocaína na mesa, seringas cheias com líquidos e muita bebida. Estava tão compenetrado com as mulheres que não a viu e ela o chamou pelo apelido.

- Sente-se conosco hoje. – Disse ele oferecendo o sofá ao lado de Claudio, que estava mais isolado, no canto sentado.

- Eu estou muito cansada, chefinho... gostaria de subir e descansar...

- Sente-se Erika! – Falou sorrindo calmamente e oferecendo um dos sofás – Não tenha vergonha. Fique conosco.

- Não me sinto bem... – Disse numa súplica e num fio de voz.

- Sente-se! – Falou mudando a tonalidade da voz para arrogante - Estou mandando e não pedindo.

Erika sentiu um calafrio correr por seu estômago e sua coluna. Ele nunca havia pedido para ela estar com ele desde que estava na casa. Tinha o costume de ficar nas festas, recolher dinheiro, trocar, mas não se drogar com eles. Ela caminhou e se sentou ao lado de Claudio, que estava quieto e com seu olhar elusivo. Sorriu timidamente para ele que lhe deu mais espaço para se sentar ao seu lado. Percebeu que ele estava drogado, mas sereno.

- Pegue alguma coisa para você – disse – Tem cocaína para cheirar, injetar, tem heroína, tem maconha... o que você quiser.

Ela não respondeu. Desviou o olhar e se encolheu no sofá. Lopes se levantou do chão e pegou uma seringa lacrada. Esticou para ela e ela sinalizou que não, sem palavras. Olhava para o chão, pois tinha medo de olhar para o chefe.

- Vamos Erika! – falou com o tom de voz firme e ingrato. Percebeu que ela estava assustada – Hoje eu quero você conosco. O dia foi tenso e você está muito tensa. Deixe as drogas aliviarem seus sentimentos um pouco... o único viciado aqui é Pablo, você sabe. Pegue alguma coisa e relaxe a cabeça.

- Não quero... – disse ainda acanhada. Olhou para as duas mulheres que sorriam e fumavam maconha – Com licença.

Ela se levantou para sair e ele exasperou:

- Não saia! Sente-se!

Ela permaneceu em pé olhando-o e ele gritou:

- Sente-se! Não me faça desconfiar de você! Você não fuma, não bebe, não cheira, não se droga. Que coisa entediante!

Ela se sentou. Sentiu seu coração disparar. Desviou o olhar e encolheu-se novamente no canto do sofá. Olhou para Claudio que continuava quieto.

- Vamos! – Disse se levantando – Hoje não é dia de tristeza e tensão. Pegue alguma coisa.

- Não quero, obrigada...

- Estou mandando Erika! – Gritou novamente e riu em seguida – Você está sem graça hoje. Encha a seringa de cocaína, Lopes!

Batista seguiu para perto dela e parou na sua frente. Ela então olhou-o perguntando:

- O que você está fazendo, chefinho...

- Tudo tem a sua primeira vez e devido aos fatos que aconteceram hoje, eu vi que você ficou muito tensa. Então seu dia é hoje.

Ela olhou e viu Lopes preparar a cocaína e em seguida encher uma seringa. Esticou para Batista, que pegou, lhe esticou e falou:

- Toma! Injete!

Ela apenas o olhou, mas não pegou a seringa.

- Por favor chef... eu não uso drogas. – Pediu olhando-o.

- Injete, porra! – Gritou na frente dela e ela sentiu o corpo tremer de medo. Sabia que ele não aceitaria a negativa como resposta, mas estava com medo de injetar e passar mal ou ter qualquer outro problema. Insistiu com um não novamente.

Batista puxou a arma que estava em sua cintura, olhou para Lopes e disse:

- Segure-a Lopes. Pablo vem aqui.

- O que você vai fazer? – Indagou quando sentiu Lopes lhe segurar de um lado e Pablo se aproximar do outro lado para segurar seu braço.

Claudio então se levantou do sofá e falou dirigindo-se a Batista, a sua frente:

- Chefe, ela nunca usou...

- Ela vai relaxar, Claudio – disse olhando-o e virou-se para ela encostando a arma na cabeça dela, acima da testa e puxando o gatilho para trás – Injeta agora!

Erika recuou com o corpo e parou de medir forças com os rapazes.

Recostou-se no sofá com a respiração ofegante e tentando controlar o corpo que estava tremendo.

- Eu injeto nela. – Disse Claudio pegando a seringa da mão de Batista e se agachando na frente dela. Olhou-a assustada e com a respiração ofegante. Ela sentiu a cabeça rodar com milhões de pensamentos, mas voltou-se para a voz de Claudio ao falar:

- Preciso que você deixe seu braço relaxado senão vai doer. Tome uma dose de tequila.

Ela sentiu as lágrimas sem choro rolar dos seus olhos e descer pelos lábios. Fora avisada que isso poderia acontecer e que fazia parte do seu trabalho. Sabia que não tinha mais estrutura psicológica para estar dentro da casa e sentia sua sanidade parecer esmaecer a cada dia. Pegou o copo shot de tequila que ele lhe deu e engoliu de uma só vez. Sentiu a bebida descer queimando pela sua garganta e respirou profundamente enquanto as lágrimas rolavam sem choro. Viu Claudio pegar um torniquete de borracha fino e prender em seu bíceps. Ele limpou com algodão sua veia antes de injetar.

Batista estava em pé atento ao procedimento de Claudio e com a arma apontada para ela, que não ousou olhá-lo. Ela gemeu quando sentiu a agulha entrar em sua veia e o líquido ser injetado para seu corpo. Ele injetou um pouco e fez menção de tirar quando escutou Batista falar:

- Injeta tudo Claudio.

-Tem muita, chefe. – disse com a agulha parada dentro da veia dela – É a primeira...

- Injeta tudo, porra! – Gritou interrompendo-o.

- Eu vou morrer – Falou com a voz embargada.

- Não vai não. – sorriu Batista – Vai se sentir mais leve por mais tempo.

Pablo e Lopes começaram a gritar e rir quando Claudio terminou de injetar e puxou a agulha da veia. Batista abaixou a arma rindo e voltou para o seu sofá gritando empolgado:

- Agora é só curtir!

Em alguns segundos Erika começou a sentir as dores do seu corpo passar e uma sensação de bem-estar invadir seu corpo. Fechou os olhos por alguns segundos e escutou Claudio perguntar quando se sentou ao seu lado:

- Tudo bem?

Ela sorriu sentindo seu corpo esquentar e pareceu mais alerta. Ao

mesmo tempo sentiu o coração acelerar e indagou num murmúrio:

- Por que estou me sentindo assim... que isso...

- Seja o que estiver sentindo é efeito da droga. Relaxa e não tente controlar o que sente... é só efeito.

Ela encostou-se no sofá e fechou os olhos. Tudo o que costumava sentir parecia haver passado. Os sons pareceram ficar mais claros e o corpo leve. Sentiu ser tocada no rosto e escutou a voz de Claudio perguntando como estava. O corpo respondeu logo ao estímulo e sentiu-se eufórica e excitada. Segurou um gemido e sorriu abrindo os olhos e o olhando com desejo. Desviou o olhar rapidamente para tentar controlar o que sentia e fechou os olhos novamente vendo imagens desconexas. Descolou-se do sofá e tombou o corpo para a frente amparando a cabeça com as mãos. Nunca havia sentido nada igual. Uma mistura de euforia, prazer, energia e excitação. Sentiu Claudio tocar suas costas e experimentou uma excitação fora do normal. Tentou sufocar o gemido e o olhou com desejo novamente.

Viu Lopes se aproximar e lhe deu mais um shot de tequila. Ela agradeceu e pegou. Virava a bebida toda quando Claudio segurou sua mão pedindo para não beber tudo, pois poderia potencializar a droga. Ela sorriu e deixou apenas um pouco no copo.

- Eu quero subir... – Balbuciou com a respiração ofegante. A excitação que sentia era muito forte e teve medo de falar alguma besteira para qualquer um dos que estivesse ali.

- Como se sente Erika? – Perguntou Batista olhando-a e sorvendo mais vodka.

- Sinto-me leve e sem dores. – Respondeu sorrindo para ele.

- Isso é bom – falou como se a elogiasse – Claudio, leve-a para o quarto.

- Vamos – Disse ele se levantando e terminando de beber mais um shot de tequila. Ajudou-a a se levantar e segurou-a pela cintura, pois percebeu que ela estava tonta. Ela deitou a cabeça no ombro dele enquanto caminhavam para o segundo andar.

- Cuidado com os degraus da escada. – Disse quando começavam a subir e ela riu falando:

- Eu estou bem.

- Não está não – replicou – Vou deixar você no quarto e não saia. Daqui a algumas horas deve passar o efeito.

Subiram e ele abriu a porta do quarto dela entrando. Conduziu-a até a cama e a sentou. Chamou-a pedindo que olhasse para ele. Ela o olhou com tanto desejo que queria se insinuar para ele, mas tentou controlar os instintos.

- Você também injetou?

- Sim – falou – Pouco... não gosto disso, não uso, mas ele obriga... você viu.

- Desgraçado – confessou ela sorrindo – Eu vou foder a vida dele.

Claudio riu sentindo o efeito da droga e da bebida também. Embora já tivesse se drogado a um pouco mais de tempo ainda fazia efeito. Tinham que ter cuidado com as palavras, mas falou:

- Gostaria de vê-lo preso.

- Por todas as safadezas dele. Traficante.

- Estelionatário. – Falou Claudio rindo.

- Matador de amantes. – Disse ela dando uma gargalhada, mas cobrindo a boca com a mão, pois percebeu que falara besteira. Abaixou a cabeça, pois sentiu medo.

- O que foi?

- Medo – Balbuciou olhando-o.

- Não pense em coisas ruins. Já falei para relaxar. Daqui a pouco você melhora. Preciso ir.

- Não me deixe sozinha, por favor. – Pediu ela olhando-o. – Fique só um pouco mais.

Ele sorriu e fez que sim com a cabeça. Ela tirou os chinelos e subiu para a cama. Abaixou a cabeça sentindo-se tonta principalmente pela bebida e murmurou sem sentido:

- Bartolomeu estava certo...

- Quem é Bartolomeu? – Indagou tentando levantar a sua cabeça, pois ela poderia vomitar ali na cama – Seu namorado? Você disse que não tinha namorado.

Ela o olhou com sarcasmo e disse sorrindo:

- Você sabe que eu não tenho namorado, Claudio... Bartolomeu... é meu...amigo.

Ela riu e deixou seu corpo cair na cama esticado. Sentia-se leve e eufórica ao mesmo tempo. Percebeu que se relaxasse o corpo e os pensamentos, se sentia mais à vontade. Fechou os olhos.

-Erika! – Chamou ele aproximando-se dela e subindo na cama – Não durma... fique acordada.

- Só um pouquinho. – Murmurou virando o rosto para o lado.

- Não... – Falou tocando em seu rosto.

Ela sorriu gemendo com o toque e virou ainda mais o rosto para o lado como se pedisse aquele carinho. Ele sorriu vendo-a relaxada e acariciou seu rosto novamente. Vê-la deitada o deixava excitado e com vontade de tocá-la.

Ela sorriu novamente e levantou seu ombro para pressionar a mão dele contra seu rosto. Ele sentiu o frio percorrer o estômago quando sentiu que ela encostou os lábios em sua mão beijando. Solto um suspiro e teve uma ereção imediata. Ela então tocou a palma da mão dele com os lábios subindo a língua pelo centro de sua palma e tomando o dedo mindinho dele dentro de sua boca. Ele fechou os olhos e gemeu. Ela abriu os olhos olhando-o e segurou a mão dele tomando novamente o dedo dele entre seus lábios. Ele tombou o corpo para perto dela e se olharam com desejo. Ela puxou o rosto dele para si e ele puxou-a pelas costas para se sentar. Olharam-se novamente como se contemplassem.

Claudio não queria beijá-la, pois tinha a consciência de que estavam drogados e a excitação era um dos sintomas fortes da cocaína injetada, mas parecia impossível resistir ao olhar que ela lhe lançou. Ela puxou-o pelo rosto e tomou os lábios dele num beijo com volúpia correspondido imediato por ele. Ela não queria aquilo, mas o corpo pedia e não conseguiu controlar seus instintos. Ajoelhou-se na cama, abriu suas pernas e se sentou sobre ele.

Os dois gemeram com os corpos doloridos de prazer. Ambos já não transavam há um ano. E a proporção que sentiam suas línguas se tocando dentro da boca um do outro mais sentiam o prazer do sexo subindo ao corpo. Beijavam-se com cobiça e subversividade. Claudio tocou-lhe as nádegas que já estavam descobertas por causa da saia que subira enquanto beijava e mordida seu pescoço. Erika gemia numa mistura de dor por ser mordida e a excitação avassaladora enquanto puxava a camiseta dele para tirar. Tirou-a e ele tentou abrir a sua blusa pelos botões, mas não conseguiu, pois estava tonto e com muito tesão. Segurou a camisa pela gola e puxou rasgando a blusa dela até que abrisse toda. Ela estava com um top por baixo da blusa e ele puxou tirando-o rapidamente e tomando seus seios em sua boca com força. Ela gemeu pela dor, mas gostava, pois era uma dor diferente de tudo que já sentira.

Erika jogou seu corpo para trás e ele deitou-a na cama. Abriu o fecho da saia dela pela lateral e puxou jogando para fora da cama. Olhou-a de calcinhas e puxou-a rapidamente para tirar. Ele curvou-se para ela e ela sorriu

abrindo o cinto de sua calça e em seguida o botão. Ele aproximou mais seu corpo e ela tirou sua calça comprida deixando o restante para ele que empurrou com os pés para tirar. Claudio empurrou as pernas dela para poder se deitar sobre ela e ela tocou-lhe as nádegas por dentro da cueca para poder despi-lo.

Não ousavam falar nenhuma palavra, apenas se permitiam gemer e se tocar. Não tinha o que ser dito naquele momento. Claudio tocou seu corpo com os lábios e foi descendo sedento pelos seios, barriga, ventre e no seu sexo. Erika gemeu alto. Fazia tanto tempo que não fazia sexo oral que pensou que fosse ter um orgasmo. Sentiu o bigode dele e a barba roçar com forças em suas partes, mas todas as dores pareciam prazerosas naquele momento. Pensou que fosse ter um orgasmo, mas não era isso que queria naquele momento. Esquivou-se de sua boca. Ele então puxou-a com força para se sentar na cama com ele e ela instintivamente tocou-lhe o sexo com a boca para fazer o mesmo. Ele gemeu alto e relaxou ao senti-la fazer com ele. Fechou os olhos e deixou-a por alguns segundos até se afastar como ela. Foram se beijar com força e cortaram os lábios no canto. Riram e xingaram ao mesmo tempo, mas não deixaram de se beijar. Ele a puxou para si e ela se sentou sobre ele deixando ser penetrada e puxada para ele com força. Xingou novamente, mas ele cobriu sua boca com um beijo e a penetrou com mais força quando ela pediu em seu ouvido sussurrando.

E fizeram sexo por mais de uma hora sem parar. Só tinham instinto, não tinham pudor, nem vergonha naquele momento. Transaram de todas as formas que puderam e todos os sexos que conheciam. Falavam indecências no ouvido um do outro e pediam mais selvageria na relação enquanto transavam. Não havia dor, pois, o corpo estava anestesiado pela droga e a bebida. Gritavam e gemiam até não aguentarem segurar e deixar o orgasmo intenso e louco dominar seus corpos. Ela então deixou seu corpo suado e molhado cair por cima do dele. Ele a abraçou ainda ofegante, pois sentiam-se excitados ainda. Beijaram-se demoradamente e ela confessou:

- Ainda estou excitada...

- É assim mesmo – falou jogando-lhe os cabelos para trás e sorrindo – Também estou. Vamos tomar um banho.

Levantaram-se e seguiram para o banheiro. Ela colocou a hidromassagem para encher enquanto ele abria o chuveiro para se banhar. Não falaram nada. Apenas se olhavam e sorriam. Ele esticou a mão para que ela fosse para perto dele e se banharam juntos enquanto a hidro enchia. Beijaram-se novamente e começaram a se acariciar ainda debaixo do chuveiro. Estavam ainda mais com intimidade e menos vergonha. Ele então desligou o chuveiro e foram para a hidro onde ficaram por um longo tempo até seguirem molhados

para a cama e finalizar ali mais uma sessão de intimidades, com menos selvageria que a primeira vez.

Banharam-se novamente e ela saiu primeiro. Secou-se sentindo o corpo leve e eufórico ao mesmo tempo. Trocou a roupa de cama enquanto ele emaranhava os lençóis e a roupa dela em um canto. Pegou mais um travesseiro e jogou para ele que estava deitado observando-a nua. Ela seguiu para a cama com mais um lençol e ele tocou-lhe os cabelos molhados jogando-os para trás. Puxou-a para se deitar e beijaram-se novamente por algum tempo até que ela confessasse que estava com sono. Ele pediu que ela fechasse os olhos e descansasse. Ela deitou-se sobre seu peito enquanto ele lhe acariciava as costas e caiu em um sono profundo.

Capítulo 6

O dia amanheceu ensolarado e todos acordaram mais tarde que o costume.

As empregadas estranharam, mas viram indícios de que haviam se drogado, pois viram resquícios de drogas pela mesa e restos de bebidas em copos. Fizeram a limpeza como tinham o costume de fazer sem perguntar e foram descendo Batista, Lopes e Claudio.

- Erika e Pablo ainda dormem? – Indagou Batista com a voz rouca enquanto fazia seu desjejum.

- Provavelmente. – Respondeu Claudio que saíra do seu quarto após ela dormir.

- Lopes vamos até a cidade, pois preciso resolver algumas coisas. Claudio vem também.

Erika despertou ainda sonolenta. Virou-se para um lado e para o outro. Esticou o corpo empurrando o lençol. Tocou o corpo e percebeu que estava nua. Abriu os olhos assustada e se sentou na cama. Levou alguns segundos para recuperar seus sentidos e se alocar no tempo e espaço. Sentiu uma súbita dor no peito e uma tristeza lhe invadir. Não sabia porque, mas o corpo estava dolorido e os pensamentos confusos.

Tinha imagens na cabeça, mas desordenadas. Não conseguia assimilar direito e não conseguiu saber porque estava sem roupas. Olhou para o lado e viu suas roupas emaranhadas no chão. Sentou-se na cama assustada e lembrou-se de Batista xingando e apontando a arma na sua cabeça. Em seguida lembrou-se da imagem de Claudio injetando cocaína em sua veia e viu os dois se beijando em seu quarto.

- Merda, o que eu fiz? – Balbuciou se levantando apressada.

Gemeu, pois sentiu o corpo dolorido e todas as suas partes íntimas abrasadas e doloridas. Seguiu até o banheiro e se olhou no espelho. Viu seu corpo com arranhões, alguns hematomas de “chupões” pelo pescoço, sua boca cortada, pernas e nádegas marcadas e a hidromassagem cheia. Viu então a imagem de Claudio sorrindo e ajudando a ela trocar o lençol. Respirou profundamente como se estivesse sem ar quando olhou para o chão e viu a camiseta de Claudio junto com sua blusa rasgada. Sentiu as lágrimas cortarem seus olhos e cobriu a boca com a mão.

- Meu Deus, o que eu fiz? O que eu falei? Eu transei com ele? Merda...merda...

Olhou novamente para seu corpo e as marcas que carregava por todo o corpo. Estava completamente dolorida e marcada. Foi até a lixeira a procura de preservativo e não encontrou. Rodeou o quarto jogando as coisas que estavam no chão para o lado e não encontrou nada. Sentiu um súbito desespero tomar conta de seu corpo e lembrou-se que Bartolomeu ficava na cidade durante a semana. Foi até o seu armário, pegou uma calcinha, um conjunto de calça e blusa de moletom cinza e vestiu. Prendeu os cabelos e pegou sua bolsa. Seguiu até a cozinha onde as empregadas estavam e perguntou por todos que haviam saído.

O desespero ecoou em sua mente de tal forma que seguiu para o escritório onde pegou a chave do Honda Civic e seguiu para a garagem. Saiu desnortada para o centro, na delegacia da polícia federal. Percebeu que tremia com as mãos no volante, a fadiga e ansiedade também estavam consumindo junto com uma súbita depressão. Não acreditava que tinha sido tão inconsequente.

Chegou ao prédio da federal e identificou-se na entrada. Liberaram seu acesso e ela seguiu para o estacionamento onde deixou o carro e subiu apressada pelas escadas. Era somente um andar até a sala onde estavam alocados. Chegou ao andar olhando a sessão onde tinha cerca de dez pessoas entretidas em algum trabalho. Olhou para o quadro e viu fotos de Batista, Claudio, sua e outros traficantes. Estava desnortada. Olhou para a sala do gabinete aberta e viu Bartolomeu sentado, de costas ao telefone. Seguiu para a sala e escutou alguém lhe chamar pelo nome, mas não olhou. Seguiu e viu Bartolomeu se virar ao escutar seu nome e a ver caminhando em sua direção.

- Erika! O que faz aqui, perdeu o juízo? – Indagou em tom irritado, mas logo percebeu que ela estava pálida e com olheiras. Tinha as pupilas ainda dilatadas.

- Preciso falar com você. – Disse ela entrando na sala dele. Este fez sinal para a policial que lhe chamou, que deixasse os dois. Ele fechou a porta e ela virou-se para ele com os olhos em lágrimas.

- Como chegou aqui? Você sabe que não pode vir... sabia que Batista está na cidade? O que houve? Está abatida.

- Eu vim... de carro... fui drogada ontem Bartolomeu. Injetaram cocaína em mim... – disse e ele ficou olhando-a parecendo confusa – Eu estou confusa..., mas eu sei que aconteceu alguma coisa...

Ela caminhou pela sala e ele pediu para ela se sentar, mas ela permaneceu em pé. Começou a chorar e falar:

- Preciso fazer exames... HIV... DST...me imunizar com o coquetel...

pílula do dia seguinte...

- Do que você está falando? – Indagou mostrando-se assustado e a vendo desorientada.

- Eu ... eu... eu... – estava com a voz embargada para falar, mas precisava – Acho que transei com Claudio quando estava drogada. Não nos prevenimos.

- Merda, Erika! – falou olhando-a abaixar a cabeça para chorar – Vamos para o laboratório lá em cima.

Bartolomeu seguiu com ela pelo elevador e a viu calada. Estava de cabeça abaixada. Queria criticá-la, gritar e dizer que havia posto a operação em risco, mas tentou controlar, pois percebera como estava abatida e confusa.

E ali foi o outro momento de pesadelo para ela. Tivera que falar para o médico legista o que havia acontecido e ficar para fazer exames. Passou parte do dia fazendo uma bateria de exames com os pensamentos confusos e incrédula. Tomou levonorgestrel, que era conhecido como a “pílula do dia seguinte” também. Colocaram-na no soro para ter certeza de que seu sangue estaria desintoxicado novamente, pois ainda tinha quantidade de cocaína no sangue, segundo os primeiros exames toxicológicos.

E no soro dormiu.

Capítulo 7

- Erika? – escutou uma voz lhe chamando – Acorde.

Ela abriu os olhos assustada e pulando da maca. Olhou para Bartolomeu.

- Onde estou? – Indagou se sentando já sem soro.

- Ainda no escritório. Como se sente?

- Que horas são? – Falou passando a mão pelo rosto. Parecia ter despertado de um sonho.

- Seis horas. – disse levantando seu rosto – Seus exames ficaram prontos. Você já foi medicada e imunizada... não se preocupe. Já consegui as notas falsas dos exames que você vai apresentar a Batista quando voltar. Ele vai questionar onde você passou a tarde. Entregue a ele assim que chegar na casa.

- Não... – falou assustada ainda – Eu não vou voltar!

- Você precisa voltar... – disse sentando-se ao seu lado – Não pode sair assim. Você sabe que colocou a operação em risco, não sabe? Sabe que só poderá sair da casa no dia da operação. Você sabe que sairá presa com eles. É o protocolo.

- Não, não... Bartolomeu – falou – Eu não vou voltar... me tira desse caso.

- Eu não posso... você estará colocando tudo a perder. – Falou com seriedade.

- Eu fui drogada, Bartolomeu! – falou enraivecida e saindo da maca. Virou-se para ele para poder olhar sua expressão – Eu transei com um desconhecido e nem me lembro direito como foi! Vocês acham o quê? Não pensam em mim? Eu não posso voltar.

- Você sabia dos riscos quando aceitou! – falou irritado - Nunca enganamos a você que isso não aconteceria. Você foi treinada para isso. Não é nenhuma novata. São apenas mais duas semanas talvez três.

Erika queria gritar e xingar. Não acreditava que eles não se importassem com seus sentimentos e seu psicológico. Sabia que seria punida se saísse do caso e ficaria com uma ficha ruim frente a corporação e aos colegas. Poucos eram designados para tal serviço. Engoliu em seco a raiva e tudo o que queria falar. Calçou seus chinelos e perguntou onde estavam suas coisas. Precisava ser racional e cética. Nunca imaginou que eles pudessem pôr os interesses em primeiro lugar e não a saúde física e mental dela.

- Você ficará bem. – Disse ele acompanhando-a até o estacionamento – Não posso escoltá-la até a casa, sabe disso, não é?

Ela não respondeu. Sentia-se deprimida em como estavam lidando com ela ali e ignorando os seus sentimentos. Entrou no carro após pegar o envelope com os exames e saiu com o carro sem mesmo falar com ele.

Dirigiu de volta com os pensamentos vagos. Aos poucos algumas lembranças foram começando a aflorar em sua mente. Não queria acreditar, mas confessou a si mesma que havia transado com Claudio. Sabia que fora um sexo um tanto anormal para a primeira vez com um desconhecido, pois as lembranças vagamente foram aparecendo. Beijos, palavras, sorrisos, gemidos, sexo e prazer.

Estacionou o carro na garagem por volta de sete e meia. Pegou suas coisas e respirou profundamente sentindo que teria que criar um novo perfil psicológico se quisesse sobreviver mais um mês naquele lugar. Entrou na casa e deparou-se com Claudio, na sala. Este estava com semblante sério e preocupado.

- Erika! Onde esteve? Ficamos sem saber o que fazer durante todo o dia!

Ela o olhou e passou por ele sem responder. Não queria falar com ele, pois sentia raiva. Ele a segurou pelo braço quando passou.

- O que houve? – Perguntou próximo de seu ouvido. Ela suspirou, pois, se lembrou de algumas cenas transando com ele. Lopes se aproximou dos dois, pois chegava do escritório.

- Você está bem, Erika?

Claudio olhou para ele e depois para ela. Esta fez que sim com a cabeça. Olhou para Claudio e fez sinal para que a seguisse. Já conheciam os códigos que criavam ali. Subiram quietos. Ele foi atrás dela e ela apressou seu passo. Abriu a porta do quarto que estava trancada e entrou seguido dele que fechou a porta. Ele fez menção de seguir até ela, mas ela virou o rosto e ele percebeu que algo havia acontecido. Parou a sua frente.

- O que aconteceu ontem, Claudio? – Indagou ela com sua voz mais seca.

Ele olhou-a surpreso com a pergunta e não respondeu. Não imaginou que ela fosse perguntar.

- Eu fui drogada e encontrei sua camiseta em meu quarto. Nos beijamos?

Ele não respondeu de imediato. Sentiu-se mal com a pergunta e balbuciou:

- Também...

- Também por que? – Insistiu na pergunta encarando-o. Percebeu a boca dele ferida como a sua. Lembrou-se do momento em um lapso de recordação.

- Você não se lembra? – duvidou lançando um olhar de raiva por alguns segundos e desviou os olhos. – A gente se drogou, mas não perdeu a memória.

- Eu não sei o que é verdade ou mentira – engasgou nas palavras – Ainda estou confusa.

Ele riu de lábios sarcasticamente e falou:

- Não imaginei que você fosse esse tipo de pessoa. Não somos adolescentes. Se foi apenas uma noite sob efeito de drogas tudo bem... é só falar.

- Nós transamos... – Balbuciou ainda anestesiada com sua fala e com a verdade que não queria admitir.

- Isso responde a sua pergunta? – Indagou ele tirando a sua camisa.

Ela o olhou e ele estava com o corpo também com hematomas de chupões, arranhado e com a boca ferida, como ela. Virou-se de costas para ela antes de colocar a camisa e percebeu que estava arranhado. Vestiu-se.

- Como pode fazer isso comigo? – Replicou com raiva. Queria lhe esbofetear e cerrou a mão por alguns instantes.

- Eu? – duvidou olhando-a – Qual é, Erika? Você está brincando comigo? Nós dois transamos juntos.

Ela não respondeu e ele lhe lançou um olhar frio. Deu de calcanhares saindo do quarto e batendo a porta atrás dele.

Ela caminhou e se sentou na beira da cama. Não podia deixar que aquilo abalasse seus pensamentos, pois ele realmente não havia transado sozinho. Lembrou-se que ela se insinuara para ele. Despiu-se e entrou debaixo do chuveiro para tomar um banho.

- Erika já chegou? – Perguntou Batista sentando a mesa esperando o restante da comida ser posta a mesa.

- Chegou – respondeu Claudio sentado – Está no quarto.

- Disse para onde foi?

- Não.

- Chame-a para descer e jantar. – Disse estranhando que ela não descera.

Claudio subiu contrariado, pois não queria precisar falar com ela ao

menos até que seus pensamentos se aquietassem novamente. Estava tão confuso quanto ela, mas sabia que gostara de estar com ela e que embora drogados havia sido uma noite que não saiu de seus pensamentos, pela forma a qual fora. Entendia que ela estivesse assustada, que nunca havia se drogado, mas não pensou que ela fosse culpá-lo. Parou em frente a sua porta e bateu.

Erika secava os cabelos quando abriu a porta e sentiu seu coração acelerar. Ele desviou o olhar e disse:

- Batista mandou você descer. Quer saber onde estive.

Deu de calcanhares sem mesmo a esperar responder e saiu. Erika sentiu-se mal com aquele gesto. Gostava de conversar com ele e o via sempre com seu semblante quieto, mas calmo e, às vezes sorridente. Tentaria se acalmar e chamá-lo para conversar sobre o ocorrido. Não podia ser infantil a ponto de culpá-lo pelo que fizeram. Mas não tinha estrutura psicológica ainda. Pegou o envelope de exames e desceu as escadas seguindo para a sala de jantar. Chegou desejando boa noite. Estavam Pablo, Lopes, Batista e Claudio sentados.

- Onde estive durante o dia Erika? – perguntou assim que ela se aproximou – Você nunca saiu sem avisar.

- Não havia ninguém na casa, chefinho – falou secamente ao seu lado, em pé – Fui a cidade fazer exames.

- Exames? – duvidou olhando-a – Para que?

Ela esticou o envelope para ele que abriu imediatamente e folheou por alguns segundos.

- Hemograma completo, teste de HIV, DST, coquetel antirretroviral, pílula levonorgestrel...

Claudio fechou os olhos enquanto ele falava. Sentiu o gosto amargo na garganta e abaixou a cabeça. Não imaginou que ela fosse fazer isso. Batista riu e perguntou em tom de sarcasmo:

- Que porra é essa, Erika? Você se drogou e transou?

Olhou-o e respondeu:

- Não... você apontou a pistola na minha cabeça e me obrigou a injetar cocaína...

Ele olhou para os homens sentados e viu Claudio de cabeça abaixada meneando a comida no prato. Lopes riu e falou:

- Eu não fiz nada com ela, chefe.

- Não brinque Lopes – disse sério, mas olhando para Claudio – Você se lembra de tudo?

- Não... – balbuciou – Estou recordando aos poucos.

Ele devolveu a ela o envelope e disse suspirando com desdém:

- É.... para tudo se tem a primeira vez. Bem-vinda ao mundo das drogas. Sente-se e jante conosco.

- Não tenho apetite – falou pegando os exames e guardando no envelope - Sinto-me enjoada.

- Sente-se – disse assoviando as palavras e apontando para se sentar ao lado de Claudio e gritou – Lúcia, venha cá.

Ela caminhou e se sentou ao lado dele. Lúcia chegou e Batista pediu que adiantasse a sobremesa para Erika.

- Só um pequeno pedaço, por favor. – Murmurou olhando-a.

Lúcia já a conhecia e sabia quando não queria algo, mas tinha que ceder por imposição do patrão. Todos se silenciaram para jantar. Só se escutava o tilintar dos talheres sobre os pratos e dos copos sobre a mesa.

- Batista... eu queria lhe pedir uma coisa.

- Fale Erika. – Disse cortando o seu bife à parmegiana.

- Eu... não tenho me sentido bem ultimamente, não tenho sido muito sociável nem bem-humorada...

- Eu sei... – disse rindo – Todos perceberam.

- Bem... eu... eu queria pedir a você que me dispense dos serviços de secretária. Gostaria de me desligar da casa.

Ele a olhou surpreso com sua assertiva. Não esperava que ela fosse tão direta e ela concluiu ante o olhar dele:

- Eu... prometo não sair antes de ensinar o serviço para outra pessoa, se for o caso. Mas não tenho condições de trabalhar... estou muito cansada.

Lúcia chegou com um pequeno pedaço de torta e colocou para ela, entre suas mãos. Ela agradeceu a empregada que saiu em seguida.

- Qual é o problema, Erika? – indagou com o olhar questionador – Foi por ontem?

- Não! – disse prontamente – É por mim, chefe.... Estou estressada, cansada. Fico muito tempo presa na casa, não tenho mais vida social com minha família...

Ele se calou pensativo e ela também. Procurou comer um pedaço da torta de pêssego embora não sentisse apetite. Estava enjoada por conta dos remédios que havia tomado durante o dia. Colocou o prato de lado quando sentiu náuseas. Levou a mão a boca para não vomitar. Ele respondeu depois de um

breve silêncio:

- Prometo lhe dar quinze dias de folga assim que minha mercadoria chegar.

- E depois, Batista? – indagou – Eu prometo ficar para ensinar a outra pessoa.

- Não Erika. – disse largando o garfo – Eu não posso lhe dispensar agora. Preciso de você aqui ainda mais agora sem aquela infeliz para me ajudar. Não tem como, mas dê-me um tempo para pensar, está bem?

Ela engoliu em seco as lágrimas que queria derramar e sinalizou que sim perguntando se poderia subir.

- Sim – respondeu – Não se atrase, pois sairemos cedo amanhã.

- Para onde? – Assoviou as palavras enquanto se levantava.

- Temos uma reunião no centro. Não se atrase. Traje comum.

Ela sinalizou com um sim e pediu licença desejando boa noite a todos. Subiu e se sentou na beira da cama. Sentia o peito doer e a angústia invadir sua alma. Desejou por alguns segundos injetar novamente cocaína para ver se aquela sensação passava. Fechou os olhos e começou a reavivar tudo o que acontecera no dia anterior. Incomodou-se, pois não conseguia deixar de pensar nos detalhes de como transara com Claudio. Sentiu uma súbita vergonha, pois não tivera pudor ou vergonha no que fizera. Havia transado e tinha dado a ele toda a liberdade que pudesse julgar. Nem mesmo dera tanta intimidade ao antigo namorado para transar com ela nos anos de namoro da forma que fez com Claudio. Procurou deitar e dormir, pois se sentia mal ainda pelas reações dos remédios.

- Chamou-me Batista? – Perguntou Claudio entrando no escritório e fechando a porta.

- O que houve entre você e Erika? – Indagou quando ele parou a sua frente. Ele desviou o olhar e falou:

- Nada, por quê?

- Foi com você que ela transou e não negue. O que houve? – Perguntou oferecendo a cadeira para ele se sentar.

- Não sei – falou se sentando e cabisbaixo – Eu a levei para o quarto e acabou acontecendo. Estávamos chapados e drogados...

- Vocês não se preveniram? – perguntou com seriedade – Você tem alguma doença?

- Não tenho doença Batista... e não nos prevenimos, pois foi tudo tão...

sei lá.

- Não se aborreça com ela pelo que fez – pediu – Ela agiu certo. Converse com ela quando estiver mais calma. Não estrague a amizade de vocês.

Ele apenas sinalizou que sim. Não conseguira entender porque ficara tão chocada com o que acontecera. Sabia que se não tivesse se drogado não teria tido o impulso de transar com ela, pois teria mais consciência do que estava fazendo. Entretanto estar drogado, sem sexo há mais de um ano e se sentindo atraído por ela já era álibi suficiente para transar sob efeito de drogas.

Dormiu aquela noite relembrando dos momentos em que estivera com ela e a via sorrindo. Não conseguia tirar dos pensamentos os momentos de êxtase que tiveram.

Capítulo 8

A terça-feira amanhecera ensolarada com a temperatura em torno de vinte e cinco graus. Erika levantou-se e vestiu uma roupa para poder ir para a sala de atividades físicas. Olhou o relógio para determinar o tempo que correria na esteira e eram sete horas da manhã. Caminhou por cerca de quarenta minutos pensando nos últimos acontecimentos da sua vida. Precisava tomar uma postura em relação aos seus anseios e manter a postura já que não conseguiria sair da casa antes que tudo terminasse.

Não dormira na noite anterior bem, pois acordara várias vezes com as imagens dela e Claudio fazendo sexo. Procurava não pensar, embora parecesse impossível. Mesmo sendo negligente com ele, com os atos cometidos e com todo o seu corpo marcado pelo coito um tanto selvagem por causa das drogas, não conseguia deixar de pensar nele. Punia-se por lembrar que, embora diferente, fora algo que lhe dera um prazer não antes sentido e que estava sondando seus pensamentos já há dois dias. Queria negar que havia gostado. Dali seguiu para a cozinha onde ficou sentada à espera do café da manhã enquanto conversava com Lúcia e Andrea.

Na sala de jantar todos já estavam sentados fazendo o desjejum e Batista falou para Lúcia:

- Lúcia, suba e acorde Erika para que não se atrase.
- Ela está na cozinha, senhor – falou servindo-lhe café – Acordou muito cedo e veio da academia a pouco. Está tomando café lá.
- Verdade? – duvidou – Peça que venha se sentar conosco.
- Sim senhor. – Disse seguindo para a cozinha e falando com ela que pegou sua bandeja de café e pão e seguiu para a sala de jantar. Desejou bom dia a todos e se sentou ao lado de Pablo e não de Claudio como tinha costume.
- Acordou com os pássaros? – Indagou Batista sorrindo.
- Fui me exercitar um pouco. – Disse sorrindo e ele se agradou com o sorriso. Olhou para Claudio que lhe olhava discretamente, mas desviou o olhar ao vê-la olhá-lo.
- Sairemos as onze para um almoço na casa de um fornecedor. Deixei alguns afazeres para você no escritório.

Ela sinalizou que sim e terminou o desjejum subindo em seguida. Tomou um banho e percebeu que as marcas no corpo começavam a sumir e os hematomas já estavam claros. A boca já estava quase seca também. Vestiu um

vestido preto básico estilo tubinho, maquiou-se discretamente, perfumou-se, passou um batom e desceu para começar o seu dia trancada no escritório. Deparou-se com Claudio, sentado à mesa, mexendo no computador. Sentiu o coração palpitar compassivo e lembrou-se de algumas coisas íntimas que ele pedira permissão para fazer durante o sexo e ela deixara. Entrou e se sentou no sofá para ver o jornal.

- Estou imprimindo algumas coisas para Batista – disse sério e sem olhá-la, mas sem deixar de perceber o aroma de seu perfume que lhe penetrou nas narinas e o fez ter algumas recordações dela – Não vou demorar.

Ela não respondeu. Apenas sinalizou com a cabeça e abriu a agenda onde estavam os bilhetes dele. Era uma carta para traduzir para o espanhol e enviar por e-mail, alguns telefones para entrar em contatos e contas para pagar. Tentou traduzir a carta manualmente, mas não conseguia se concentrar, pois pegava-se olhando para ele e parando o trabalho. Rabiscava o papel incomodada e não conseguia traduzir o escrito. Largou a carta e pegou o jornal novamente para ver a cotação do dólar, mas não conseguiu ler e se concentrar. A presença dele a deixava incomodada.

Levantou-se e seguiu para pegar o telefone sobre a mesa quando ele se levantou e disse:

- Já estou de saída. Não se incomode comigo.

Passou sem olhá-la e seguia para sair do escritório quando ela o chamou.

- Espere, por favor.

Ele então parou e voltou-se para ela. Encontrou o seu olhar e ela percebeu como ele estava aborrecido em seu semblante. Olhava-a com indiferença e aborrecimento.

- Não fique ofendido por eu ter procurado um médico – disse com a voz contida – Eu não tinha ideia do que tinha acontecido quando acordei.

- E agora tem? – Perguntou rispidamente.

- Sim – Sussurrou sem olhá-lo.

- E você correu para o médico para se imunizar de doenças, tomar pílula abortiva... como se um canalha tivesse feito algum mal a você.

- Qual é, Claudio – falou irritada – O que você queria? Que eu deixasse para lá? Eu não conheço você direito.

Ele deu uma risada sarcástica e falou com ironia:

- Não conhece? Faz um ano que estamos juntos nessa casa. Você já me

viu alguma vez com essas prostitutas que Batista traz para cá quando a Catalina não está em casa?

- Claudio... você nem se preveniu. O que você queria?

- Eu não me preveni porque eu não uso camisinha porque não transo há um ano, Erika! – disse apontando o dedo para ela e irritado - Eu só transei com você porque estávamos chapados. Eu não vou criticar você por isso. Sei que está certa, mas deixe-me falar uma coisa. Nós dois não nos prevenimos porque nós dois transamos juntos. Eu não transei sozinho. Você quis! Você me incitou, você deixou, você me deu liberdade para fazer o que quisesse com você. Eu nunca teria feito nada se não permitisse ou não quisesse. E eu estava a fim de você já há algum tempo.

Ela desviou o olhar com suas palavras. Não queria se sentir culpada.

- E eu só injetei em você porque fiquei com medo de que alguém lhe machucasse. Mas eu não forcei você a nada e sei que gostou tanto quanto eu porque transamos a noite inteira e com a mesma vontade. Nada vai justificar você tentar me culpar pelo que fizemos juntos. Você pode até falar que se arrependeu ou que fez merda, mas não que foi forçada. E quer saber mais? Fiquei doido por você, louco pelo seu beijo e seu corpo. Não consigo parar de pensar em nós dois há dois dias. Sabe quando um homem fica assim? Quando ele esquece as convicçõeszinhas que lhe ferem o orgulho ou que lhes saem caras. E só para lhe informar eu sou vasectomizado, está bem?

Erika já não tinha como se sentir mais mal com aquelas palavras. Estava envergonhada com todas as precipitações que havia tomado sobre ele. Abaixou a cabeça sentindo o peito doer. Ele deu de calcanhares para sair, mas parou na porta e disse:

- Você tem uma arma em seu quarto escondida. Guarde-a onde ninguém a encontrará, pois tenho certeza que Batista não sabe disso.

- Eu falei? – indagou num fio de voz – O que eu disse para você?

- Eu vi... – confessou – E não falamos de nossa vida pessoal.

Saiu do escritório fazendo com que ela se sentisse pior. Sentou-se para se recuperar das palavras pesadas e doidas que ele falara antes de recomençar a fazer suas tarefas que lhe renderam toda a manhã.

Lopes já estava em frente à casa com o Sportage preto esperando e buzinando para eles se adiantarem as onze em ponto. Batista desceu as escadas xingando, pois não conseguia ajeitar a camisa de mangas que queria dobrar. Claudio estava sentado na sala em seu jeans básico e camisa texturizada preta de

três quartos para fora da calça. Erika estava na cozinha e saiu quando escutou Batista chamando-a.

- Ajude-me com essa porcaria aqui. – Disse esticando os braços para ela – Dobre por favor.

- A camisa lhe caiu bem chafinho – Disse dobrando as mangas da camisa social azul marinho. Ajeitou a gola e abotoou os botões. Questionou-se se ele não sentia falta de Catalina, pois era ela quem o ajeitava para sair. Saíram com alguns minutos de atraso.

Lopes dirigiu em alta velocidade para que não chegassem atrasados. Claudio foi na frente e ela atrás com Batista. Foram em silêncio durante o percurso. Trocava olhares com Claudio pelo retrovisor e ele percebera como ela estava quieta e reflexiva. Ela arriscou alguns sorrisos quando Lopes começou a contar uma piada até chegarem a casa do comprador.

- Estejam atentos a tudo e usem o comunicador somente pelo fone de ouvido. Lembrem-se que Erika só está na frequência escutando vocês. Qualquer coisa de anormal me avise.

Todos colocaram o fone sem fio de ouvido e saíram do carro para chegar até a área gourmet de uma enorme fazenda a cerca de uma hora de Bongavile. Erika percebeu que a casa era cercada por seguranças e poucos convidados, cerca de vinte pessoas. Eram espanhóis.

- Amado, esta é minha secretária Erika e esse meu assessor Claudio. Lopes você já conhece.

- Chegaram na hora exata – Disse cumprimentando a todos e pedindo que os acompanhasse.

- Quanto luxo! – disse Claudio na escuta para Lopes que sorriu para ele de onde estava – Olhe a mesa Lopes.

- Erika está de dieta? – Perguntou Lopes olhando para ela do outro lado que sinalizou que não.

- Vamos tomar algo antes, Batista – disse Amado chamando uma garçonete – Para abrir o apetite.

- Sintam-se à vontade. – Disse o homem caminhando com Batista para um canto reservado para se sentarem.

Erika seguiu Batista para ficar próximo e poder escutar a conversa, mas ele sinalizou para ela que não ficasse perto dele. Ela saiu e seguiu para a mesa onde pegou uma taça de vinho branco. Precisava relaxar e já estava aprendendo com os rapazes que teria que beber ou se viciar para poder levar as situações com mais calma. Sorveu um pouco e começou a escutar Lopes falar

sobre as belas mulheres que estavam no almoço. Claudio chamou a atenção dele pelas palavras carregadas que estava expressando e com Erika escutando. Ele desculpou-se com ela e mudou a conversa para outro assunto. Claudio e ela se olharam por alguns segundos, mas ela desviou o olhar.

Ela seguiu para a mesa de frios e serviu-se de alguns canapés e outra taça de vinho.

- Começou a beber quando Erika? – Perguntou Lopes quando a viu pegar outra taça de vinho. Ela olhou para ele e sorriu fazendo um sinal malcriado com o dedo médio para ele discretamente. Claudio não se conteve e começou a rir.

- Você está muito malcriada, garota. – Disse Lopes bebendo e sorrindo para ela.

Uma garçonete se aproximou dela e a olhou cumprimentando-a discretamente e lhe passando um papel onde estava escrito: “sou policial”. Ela sentiu a mão tremer e deixou a taça de vinho cair de sua mão quebrando.

- Tudo bem senhora, eu recolho. – disse ela fazendo sinal para ela seguir para a cozinha – Pode se secar lá, eu a acompanho.

- Fazendo merda, Erika? – Indagou Lopes, mas ela não respondeu, pois sentiu o efeito do vinho.

Ela seguiu a mulher e tirou sua escuta do ouvido desligando por algum tempo. Tinha receio de que escutassem mesmo sem canal para falar.

- De onde vocês são? – Indagou ela na cozinha. Sentia-se protegida quando estava com amigos de trabalho.

- Tudo bem – disse ela sorrindo – Serei breve. Amado concordou em nos ajudar. Ele será um dos receptores da mercadoria de Batista. Mas ele não sabe que você está infiltrada. Aja naturalmente. Não podemos confiar nele. Sou daqui de Curitiba e estamos trabalhando com vocês. Já falamos com Bartolomeu, agente. Precisamos da sua ajuda mais que nunca.

- Batista não contou o que veio fazer aqui ao certo. Falou que tem a ver com a mercadoria que ele está para receber.

- Ele está procurando receptores de confiança e Amado está em delação. Aceitou contribuir em troca de pena reduzida.

- Só entorpecentes? – Duvidou.

- Armas também.

- Não tenho conseguido muita informação nos últimos dias. As coisas não andam bem na casa.

- Estamos sabendo – disse ela tocando em seu ombro como se quisesse acalmá-la – Seu chefe nos informou que você está querendo abandonar o caso e que além de presenciar um homicídio foi drogada essa semana. Só queremos lhe pedir que não desista, pois já estamos na reta final. Aguarde só mais algumas semanas.

Claudio olhou para Lopes e pediu que ele fosse procurar Erika. Ele caminhou para a cozinha onde a viu entrar.

- Tem um vindo – falou um homem que estava de garçom aproximando-se de Erika. Esta rapidamente pegou a sua escuta colocando no ouvido e saindo com a agenda na mão.

Esbarrou-se com Lopes que chegava a cozinha a sua procura. Segurou-a pelo braço e indagou:

- Estou lhe chamando na escuta e você não respondeu. O que a mulher queria com você?

- Nada Lopes – falou – Só sujei as mãos e respiguei no vestido.

- Eu vi como você se assustou – disse – Eu não sou idiota.

Os garçons estavam a postos vendo-o abordá-la. Sabiam que colocariam tudo a perder se ele desconfiasse. O delegado pediu que ficassem a postos para uma eventual intervenção.

Claudio aproximou-se dos dois questionando o que estava acontecendo.

- A mulher falou alguma coisa para ela que não quer contar. – Disse Lopes encarando-a.

- Fale logo, Erika! – disse Claudio – Nós percebemos.

- Ela se desculpou porque me assustou. Falava em português. Pediu que eu a acompanhasse para me secar e eu tirei a escuta. Foi isso. Por isso não o escutei me chamar.

- Não saia de perto de nós – Falou Lopes dando de calcanhares e voltando para a festa parecendo irritado. Claudio a encarou e disse desligando a sua escuta por alguns segundos:

- Já falei que você é uma péssima mentirosa? O que ela queria?

- Pare de ficar me contrariando e me vigiando. – Disse secamente nas palavras e saindo de perto dele. Ela seguiu e se sentou em uma mesa reservada pedindo outra taça de vinho.

Batista e Amado se levantaram e seguiram caminhando para o outro lado. Claudio seguiu logo atrás e fez sinal para Lopes olhar Erika. Esta ficou

sentada procurando relaxar os músculos que voltavam a doer. Ficaram cerca de meia hora em algum lugar fora do campo de visão dela para depois retornarem sorrindo e anunciarem o almoço.

Almoçaram por volta de uma e meia da tarde e brindaram a novos negócios e parcerias. Percebeu o sorriso no rosto de Batista, de satisfação e almoçaram em clima descontraído. Não demoraram muito para retornar, pois já passava das três horas quando saiam da casa. Voltaram sorrindo e descontraídos falando sobre os convidados. Erika conseguiu relaxar com as três taças de vinho que bebeu e voltou mais descontraída com eles.

Chegaram em casa e subiram para descansar. Erika ainda fez algumas ligações para ele e depois subiu para se banhar e esperar o jantar.

Jantaram e Batista informou que teriam festa no outro dia na casa. Subiu e dormiu rapidamente depois da semana tensa que tivera.

Capítulo 9

Erika sabia que seria uma longa tarde de vendas. Sentia-se perturbada quando estava próxima de Claudio, pois o olhava e se lembrava das palavras que falavam ao escutar sua voz. Sentia-se excitada quando lembrava do que haviam feito e estava se atormentando por isso. Não podia ficar pensando no que havia acontecido e deixar de se focar em seu trabalho. Tinha que encarar o que havia acontecido, pois não tinha como voltar atrás. Também não queria mais negar que havia gostado.

Vestiu uma bermuda e camisa social, sandálias e prendeu os cabelos para poder descer. Olhou-se no espelho lembrando de Claudio lhe beijando o pescoço e sorrindo em seu ouvido.

A festa começara por volta das três horas da tarde. A casa estava cheia e haviam muitos compradores. Não teve paciência de escutar quase dez seguranças falando pela escuta ao mesmo tempo e desligou a frequência. Resolvera beber para começar a aliviar a tensão. Precisava arrumar uma forma de relaxar para que pudesse se compenetrar em suas obrigações e não deixar que ninguém desconfiasse dos acontecimentos.

- Deixe seu canal ligado, Erika – disse Claudio parando atrás dela quando a viu parada bebendo vinho. Encostou seu corpo ao dela e ela o olhou por sobre os ombros.

Encararam-se por alguns segundos e ela sentiu vontade de beijá-lo. Tinha a cada dia desde o ocorrido a imagem dos dois em sua cabeça. O corpo pedia por sexo. Claudio a encarou por alguns segundos e tocou no rádio dela para ligar sem deixar de olhá-la. Parecia entender que o que fizeram a incomodava, mas surtia efeito nela.

– Tem um homem lhe vigiando.

- Eu sei – disse virando-se e ligando o fone para disfarçar – Já me esquivei dele, mas está drogado.

- Cuidado. – Disse saindo e voltando para onde costumava ficar. Sentia o aroma de seu perfume em suas narinas.

Ela voltou a caminhar e ver se estava tudo em ordem. Percebeu que o homem a seguia insistentemente. Queria seu telefone e estava de insinuações para ela. Pedia a ela para o servir. Era um jovem de aparentemente vinte e três anos, de barba e com um belo porte atlético.

Ela seguiu para a cozinha a fim de pegar o vinho que deixara separado gelando. Percebeu que só conseguia trabalhar ali a base de bebida. Estava quase

todo dia bebendo. Intercalava tequila, ice ou vinho. Sentia-se melhor e mais descontraída e esquecia tudo o que tirava sua paz e perturbava seus pensamentos. Entendia porque todos conseguiam ficar mais distraídos quando bebiam ou se drogavam. Se estressavam menos. Pegou o vinho, bebeu um pouco e se virou para sair quando viu o homem que a estava cercando atrás de si sorrindo.

- Senhor, por favor, vou pedir que volte para a festa, pois aqui é área restrita dos funcionários. – Disse ela colocando o copo de vinho sobre a bancada da ilha e se afastando dele.

Ele sorriu e se aproximou dela sem medo. Encarou-a e indagou:

- Saio se você me der seu telefone.

- Não tenho telefone senhor. – Passou por ele e a segurou pelo braço. Ela o olhou e sentiu uma súbita vontade de lhe socar o rosto, mas não podia, pois uma das regras de Batista era não brigar com convidados. Tinha que ser educada.

– Por favor tire suas mãos de mim senão terei que chamar o segurança e conduzir o senhor para fora.

- Só saio daqui com o seu telefone. – Insistiu ele aproximando-se dela. Ela puxou o seu braço e pediu novamente que se retirasse dali.

- Algum problema? – Indagou Claudio chegando na cozinha e aproximando-se dos dois que estavam recostados a ilha.

- Não... – sorriu o homem – Eu só estou querendo o telefone dela e ela não quer me dar.

- Ela é comprometida, senhor – disse ele se aproximando e parando ao lado dela – Peço ao senhor que se retire dessa área e volte para a festa.

- Ela não está com ninguém na festa – Riu sarcástico.

- Está comigo – disse ele desligando o seu canal receptor. Ela não entendeu o porquê, mas fez o mesmo com o seu.

- Vocês trabalham juntos e não estão juntos. – Riu – Fala sério, parceiro.

- E quem disse isso para você? – Perguntou Claudio parando ao lado de Erika e encarando-a por alguns segundos.

Ela o olhou e percebeu como ele estava deixando o bigode crescer mais que a barba. Sorriu nervosamente para ele. Este aproximou-se dela e tocou em seu rosto da bochecha para baixo em um carinho. Ela o encarou sentindo o corpo pedir por sexo novamente e prendeu a respiração que estava ofegante com a batida do coração que acelerara. Os pensamentos já não se coordenavam mais

com o que queria ou não. Com o que poderia ser certo ou errado. Precisava esquecer o que lhe tirava a paz.

Claudio aproximou-se mais dela tocando em sua cintura e puxando-a mais para si. Ela não conseguiu deixar de afrontar seu olhar e sentiu o cheiro de tequila no hálito dele quando encostou o nariz no seu. Ele tocou seus cabelos com a outra mão puxando seu rosto mais para si e aproximou os lábios dos dela encostando-os, mas sem beijá-la. Ela fechou os olhos segurando uma respiração controlada.

- Tudo bem... já entendi. – Disse o rapaz dando de calcanhares e saindo sorrateiramente.

Claudio afundou os dedos nos cabelos dela apertando-os e abrindo a boca para cobrir os lábios dela com a sua língua. Ela suspirou e abriu a boca para encontrar a dele. Beijaram-se e gemeram. Ele encostou-a na ilha e apertou a sua cintura abrindo a sua boca a procura da dela. Deixaram suas línguas se tocarem por algum tempo sem se beijarem e deixaram suas bocas se encontrarem.

Erika puxou o rosto dele pelo queixo par poder beijar melhor sua boca e escutou-o sussurrar:

- Pensei que não fosse mais lhe beijar.

Ela não respondeu. Apenas tocou seus cabelos por entre os dedos e sentiu que ele a puxara pela cintura com força para sentir o seu corpo. Gemeram de prazer como se recordassem de algo que não queriam esquecer. Beijaram-se com força e sem pudor, mas escutaram o som das empregadas entrando e afastaram-se. Olharam-se por alguns segundos e ele afastou-se dela sem deixar de encarar o seu olhar. Viram as empregadas entrarem e ela saiu colocando a escuta no ouvido novamente e ligando o transmissor.

Olhou para trás e ainda o viu observando-a. Voltaram para a festa e ela não mais bebeu, pois já tinha bebido o suficiente. Concentrou-se em receber o dinheiro e levar para o escritório. Ocasionalmente olhava para Claudio e o encontrava a olhando também. Não podia negar que queria beijá-lo novamente e fazer sexo com ele, mesmo que fosse antiético e antiprofissional.

A festa transcorreu até as sete da noite quando começaram a ir embora e finalizarem as oito. As empregadas foram arrumar a bagunça e Erika queria subir para descansar. Passou no escritório onde encontrou Claudio e Batista sentados conversando. Evitou olhar para Claudio e viu Batista terminando de contar o dinheiro e colocar no cofre. Avisou que iria se recolher e ele agradeceu.

Ela subiu, se banhou e deitou. Não demorou em dormir com os pensamentos voltados para a troca de beijos e as recordações da noite com

Claudio. Estava esgotada em mais um dia. Dormiu profundamente até o outro dia.

Erika acordou cedo e seguiu para caminhar na esteira da sala de atividades. Caminhava evitando raciocinar nas muitas coisas que sua mente pensava. Parecia quase impossível não pensar na sua vida diante das situações que estavam acontecendo e agora em Claudio, que não podia negar que estava invadindo seus pensamentos. Escutou a voz dele falando atrás de si e o viu se aproximar ao seu lado.

- Bom dia – Respondeu ela com um sorriso quando ele lhe tocou a mão que estava segurando o painel da esteira. Ela retribuiu o aperto e apertou o botão para que a esteira fosse parando. Desceu do aparelho e parou a sua frente olhando-o. Este a fitou por alguns segundos sem saber se deveria beijá-la ou não. Tocou em seu rosto com os dedos e ela os beijou com carinho. Aproximou-se dela então e beijou seus lábios de leve.

Erika fechou os olhos sentindo o beijo quente e leve que ele lhe depositava e ela falou quando ele se aproximou para a abraçar:

- Estou suada, Claudio.

Ele se afastou dela sorrindo e disse:

- Batista deu folga para todos hoje à tarde para retornar amanhã pela tarde, mas pediu para ficarmos em Curitiba.

- Ele falou comigo ontem – disse caminhando com ele para saírem dali – Também estarei.

- Ficaré na cidade mesmo? – Arriscou perguntar.

- Sim... e você? – Respondeu entre lábios.

- Vou ficar – olhou-a – Queria saber se você não quer ir a boate Saint C.

Ela sorriu por não esperar ser convidada. Precisava sair um pouco da casa e conversar. Sabia que não devia estar com ele e fingiam que nada estava acontecendo. Não queria negar e disse:

- Claudio... eu...

Antes que ela pudesse falar ele retrucou:

- Não sei o que você vai falar, mas não pressiono você a nada. Será do seu jeito. É só um convite para bebermos fora daqui. Só isso.

Ela sorriu novamente sentindo um certo alívio na fala dele e ele completou:

- Podemos nos encontrar as dez no balcão do bar... se você quiser ir...

eu estarei lá.

- Tentarei estar lá. – Disse entrando com ele e sentindo sua ética desaguar entre seus dedos. A vontade de estar perto dele era muito mais intensa que pudesse supor.

Subiu e tomou um banho para em seguida descer e fazer o desjejum. Deixaria tudo adiantado para que não tivesse empecilhos para sair da casa. Precisava se desligar um pouco da casa e de todos. Um pouco a mais de erro na sua vida não mudaria em nada o seu currículo. Já estava envolvida demais com todos os erros que vivia ali. Desligar-se e esquecer quem realmente era seria só um ícone do seu trabalho.

O táxi parou em frente à casa de Erika, que haviam alugado para ela. A polícia havia mobiliado e deixado tudo preparado dando uma moradia fixa e fictícia a ela. Entrou em casa e se sentiu como se estivesse em sua própria casa: com privacidade. Seguiu para o sofá onde se deitou sorrindo. Era tudo o que precisava: ficar sozinha e sem nenhum barulho a sua volta. Ficou deitada por cerca de dez minutos e pegou-se pensando em Claudio e o que vinha acontecendo com os dois. O departamento não poderia saber que estava se envolvendo com alguém, pois seria antiprofissional e não se agradariam. Precisava ser discreta. Queria se enganar fingindo que era apenas profissional a relação com ele, para que pudesse descobrir alguma coisa, entretanto sabia que não era essa a verdade. Estava se deixando envolver porque se sentia atraída por ele e estava precisando de alguma coisa para se sentir bem.

Arrumou na geladeira algumas coisas que havia comprado no mercado para comer em casa, ajeitou algumas coisas fora do lugar, viu televisão e cochilou. Preparou-se cedo para seguir para a boate e vestiu um top cropped de viscose de modelagem evasê branca, de mangas boca de sino junto com uma saia discreta de couro e botas de cano curto. Prendeu um pouco os cabelos deixando alguns fios soltos e usou uma maquiagem nude bem discreta. Ligou pedindo um taxi e foi deixada em frente a luxuosa boate as dez e dez da noite.

Entrou ao som da música eletrônica no exuberante espaço, com pista de danças, iluminação de coqueiral e projeções nas paredes. Olhou para o balcão e avistou Claudio sentado debruçado no mesmo bebendo uma garrada de ice. Sorriu e ajeitou a roupa seguindo até ele. Sentiu logo vontade de beber para espantar a ansiedade que começou a sentir, pois o coração já estava acelerado. Aproximou-se e sussurrou ao seu ouvido:

- Paga uma bebida?

Ele virou-se para olhar e sorriu ao vê-la tão sexy e exuberante a sua frente. Não conseguiu disfarçar a surpresa e percorreu o olhar pelo seu corpo enquanto se sentava na cadeira e recostava no balcão de frente para ele.

- Pensei que você não viesse. – Disse bebendo um pouco de ice e apontando para que o garçom trouxesse mais uma garrafa para ele.

- E perder a oportunidade de dançar com você? – Sorriu encarando-o.

- Reservei uma mesa para nós lá em cima que é mais privado. – disse saindo da cadeira – Vamos.

Ele pegou as duas garrafas e ela o seguiu para passarem a outra área. Seguiram para uma mesa de canto onde podiam ver toda a pista de dança ao mesmo tempo que ficava reservado para os dois. Ele abriu a garrafa para ela que sorveu o líquido olhando para ele e sorrindo.

Claudio contemplou-a por um tempo sentindo o corpo pedir por aquela mulher e seus desejos. Lembrou-se que ela falara tudo o que gostava em sua intimidade. Sentia-se excitado quando se lembrava de quando havia transado com ela e evitava pensar. E começaram a conversar para espantar o desejo de beijá-la.

Claudio contou um pouco da sua história, do divórcio e do filho que estava tentando pegar a guarda compartilhada desde que a ex-mulher havia ido embora para o Rio e levado o filho sem lhe falar. Falou de um grande amigo que tinha chamado Alfredo e que disse esperar que ela tivesse a oportunidade de falar com ele e terminaram a conversa de quase duas horas falando da relação de Batista e Catalina, da carga de drogas e armas que estava para chegar e sobre as festas. Não perceberam a hora passar, pois bebiam, riam e comiam ao som das baladas remixadas.

- Já passa da meia noite – Disse sorrindo e sentindo o efeito das garrafas de ice que tinha tomado. Estava levemente tonta, mas sentindo o corpo leve.

- É diferente olhar para você fora do trabalho. – Falou ele tocando nas mechas dos fios soltos dos cabelos dela. – Já percebeu como fica mais descontraída quando bebe?

Ela virou o rosto gesticulando que sim e falou:

- Fico mais espontânea... não tenho medo de nada e evito pensar...

- Olhe para mim – pediu ele puxando seu rosto pelo queixo. Encarou-a por alguns segundos e tocou seus lábios com os dedos acariciando-os. Ela segurou um suspiro – Você fica linda quando sorri... e é tão difícil ver um sorriso seu na casa.

- Aquela casa está me deixando estressada. Por pouco não me vicio em drogas, mas em compensação estou bebendo muito. – Disse desviando o rosto de sua carícia, pois não conseguia esconder no olhar a vontade de estar com ele.

- Você foi obrigada a se drogar...

- E acabei fazendo sexo com você.... Ainda sinto vergonha quando olhou você e lembro de tudo o que eu fiz e falei.

Ele virou o rosto envergonhado por alguns segundos e disse:

- Assim você quem me deixa com vergonha, Erika! As coisas aconteceram naturalmente... você quis, eu quis e rolou. Não tem porque ficar envergonhada... você só não está preparada para falar sobre isso e eu não posso negar que não consigo esquecer daquela noite e de você.

Ela o olhou sem esperar tal fala e perguntou: O que acha de dançarmos?

Ele já sabia que aquilo era a forma que ela encontrara para fugir do assunto e apenas sinalizou que sim se levantando e puxando-a para o braço. Desceram para a pista de danças e ali ficaram por mais de uma hora dançando ao som dos vários estilos colocados pelo DJ. Dançaram se insinuando um ao outro. Não se beijaram, mas permitiam deixar que seus lábios se encontrassem e seus corpos também.

Voltaram para a mesa já mais íntimos que quando haviam chegado. Trocavam olhares mais penetrantes e conversavam mais próximos quando se sentaram. Erika percebia que ele não ousou se aproximar para lhe beijar, contudo sabia que essa era a vontade dele e a sua também. Olhou para o relógio que marcava quase duas horas da manhã. Ele perguntou encostando seu rosto ao dela para lhe falar no ouvido:

- Quer ir embora?

- Amanhã eu volto para a prisão. – Falou deixando seu rosto roçar no dele.

- Eu levo você em casa. – Disse sinalizando para o garçom levar a conta e ela tocou seu rosto acariciando-o de leve.

Olharam-se e ela jogou os cabelos dele para trás da orelha e acariciou seu cavanhaque. Claudio beijou seus dedos sorrindo e ela se aproximou para beijá-lo. Percebeu como ele desejava que ela fizesse isso. Abriu os lábios já com o corpo pedindo por ele e deixou que ele fizesse o restante. Não conseguia explicar, mas tinha algo que a seduzia nele, pois se sentia atraída por ele. Beijaram-se com o mesmo desejo da primeira vez e da segunda. Sentiu-o puxá-la para si pela cintura e pelos cabelos e beijaram-se até que o garçom chegasse

com a conta. Afastaram-se sorrindo enquanto ele puxava a carteira para pagar a conta.

Saíram da boate de mãos dadas e seguiram para o estacionamento. Erika percebeu que ele ostentava um carro do ano Honda Civic. Sentiu a cabeça rodar por conta da bebida e por estar ali àquela hora com ele, contudo se sentia bem e aproveitara a noite.

Claudio a despertou dos pensamentos quando acionou o alarme para abrir o carro. Ela seguiu para o carona e partiram logo para a sua casa. Ele percebeu que ela fora o percurso quieta e apenas elogiara a música que tocava no som do carro, que era do cantor e DJ Moby e tinha apenas quatro versos que se repetiam. Atentou-se a letra da música que dizia apenas: “ Em uma manhã dessas/ E não vai demorar muito/ Você irá procurar por mim/ E eu terei partido”. Sabia que era isso que iria acontecer em algum momento de suas vidas, não muito longe e os dois partiriam cada um para o seu destino.

Ele pegou em sua mão e a enlaçou despertando ela dos pensamentos. Sorriu para ele e seguiram assim o percurso até a casa dela.

- Obrigada pela noite agitada – balbuciou sorrindo e olhando-o – Foi muito bom...

Ele deu uma risada e aproximou-se tomando seus lábios em um beijo molhado. Abraçaram-se e deixaram a vontade de estarem juntos despertar sem nenhuma vergonha. Sentiam o desejo no corpo por relembrares de quando estiveram juntos. Erika entregou-se as carícias dele e não conseguiu sufocar o gemido de prazer ao ser tocada. Não resistiu ao toque dele em seu corpo e murmurou quase sem voz em seu ouvido:

- Vamos entrar...

Ele falou com a voz rouca:

- Eu quero, mas não posso...

Ela o olhou sem entender e não se acanhou em perguntar o porquê.

- Eu... eu não tenho preservativo... desculpe. – disse envergonhado e suspirando para se recompor da excitação que sentia doer por todo o seu corpo. E a viu se afastar da mesma forma também – Eu... não imaginei que pudéssemos transar...

- Droga... – disse ela como voltando de um transe – Desculpe-me.

Os dois respiravam ofegantes e vexados tentando se refazer. Ela abriu a porta do carro e ele também para poder levá-la até a porta. Seguiram calados e ela abriu o portão olhando-o. Ele a beijou novamente encostando-a no portão e sedento por seus lábios.

- Não faz isso... – sussurrou ela rouca ao senti-lo colocar a mão por dentro de sua blusa pelas costas e a morder seus lábios – Vou acabar fazendo outra besteira com você.

- Eu quero... – Disse colocando-a para dentro do portão e fechando. Encostou-a no portão e ela murmurou:

- Já fizemos merda uma vez...vem para dentro...

Ele sorriu puxando-a para si e ela sorriu pulando em sua cintura quando ele subiu com sua saia. Agarrou-se a ele e entraram se beijando até que ela abrisse a porta e entrassem.

- Tem certeza? – Perguntou enquanto ela tirava a sua camisa de dentro da calça.

- Tenho... – Disse cobrindo a sua boca com os seus lábios.

E na sala mesmo transaram por um longo tempo, sem nenhuma vergonha ou acanhamento dos dois deixando que a intimidade os conduzisse. Não tinha como negar o que estava querendo desde que acontecera. Seria hipocrisia fugir e fingir que estava bem longe dele. Não entendia o porquê, mas gostava de estar com ele e senti-lo tocar em seu corpo. Não tinham acanhamento em transar sem rodeios. Talvez por conta de como tenha sido a primeira vez: drogados.

Banharam-se já sonolentos por conta da bebida e ela falou quando se secavam:

- Não quer ficar aqui? Já é tarde para você ir para casa.

- Você está me convidando para ficar na sua casa ou na sua cama?

Ela riu jogando a toalha nele e disse:

- Os dois.

Ele seguiu até ela abraçando-a sem questionar e aceitou. Deitaram-se e rapidamente dormiram ainda aquecidos pela bebida e pelos seus corpos.

Capítulo 10

Erika acordou assustada por volta das nove e meia da manhã. Olhou para o lado e se deparou com a figura de Claudio ainda dormindo somente de cueca. Sentiu seu peito doer de angústia, pois gostou de vê-lo ao seu lado. Contemplou-o por algum tempo e pensou no que fizera na noite anterior. Estava deixando seus instintos falarem mais alto e perdendo a razão dos fatos.

Levantou-se e se vestiu seguindo para a cozinha a fim de preparar o café da manhã para os dois. Preparou a mesa com café, pão de forma e requeijão, as únicas coisas que tinha comprado no dia anterior, pois não ficava na casa. Colocava as duas xícaras quando escutou barulho e se virou vendo Claudio em pé, somente de calças compridas.

- Bom dia – sorriu ela quando ele seguia em sua direção. Abraçou-a após lhe beijar os lábios. – O café da manhã é simples...

- Bom dia.... eu não me importo com isso. – Falou fitando-a e jogando seus cabelos para trás.

Os dois se sentaram e fizeram o desjejum silenciosos apenas trocando olhares. Ele tocou-lhe a mão e beijou-a.

- É bom estar com você – disse ele e Erika sentiu seu estômago reagir aquelas palavras – Eu esqueço os problemas...

Ela sorriu apertando-lhe a mão e desviou o olhar. Não queria escutar o que também sentia. Conversaram um pouco ainda na mesa lembrando que teriam que voltar para casa em poucas horas.

Claudio então falou que teria que ir embora, pois tinha alguns problemas para resolver antes de voltarem. Combinaram de se encontrar na rodoviária onde Pablo os pegaria, as quatro horas. Delongaram para se despedirem, pois não paravam de se beijar e ela o levou até o portão despedindo-se dele com um aceno.

Entrou sorrindo e relembrando dos momentos de prazer e descontração com ele. Era agradável estar com ele. Retirou a mesa do café, lavou a louça e escutou a campainha tocar. Sorriu e seguiu para o portão, pois sabia que ele havia voltado por algo. Abriu o portão e deparou-se com um carro da polícia federal e Bartolomeu no seu portão. Engoliu o ar em seco e o coração disparou. Ficou sem reação ao vê-lo. Ele a olhava com semblante sério.

- Posso entrar?

- Bom dia Bartolomeu. – disse dando passagem para ele enquanto

outro ficou na viatura – Entre.

- Por que não avisou que vinha para casa? – Indagou parando a sua frente. Não queria entrar.

- Eu... – titubeou nas palavras – Precisava descansar um pouco. As coisas estão muito estressantes na casa.

- E quais são os procedimentos Erika? O protocolo? – Perguntou com a voz gélida.

- Não me venha com procedimentos e protocolos Bartolomeu! – falou sentindo raiva. Detestava quando ele começava com as indagações secas – Eu estava cansada e não entrei em contato. Só isso!

- Cansada? - duvidou – E onde estava ontem a noite?

- Saí. – Disse encarando-o. Não conseguia ter a mesma paciência que antes para debater e dar explicações. A indiferença com os seus sentimentos estava começando a incomodá-la. Não se preocupavam com o que estava sentindo.

- Foi para a boate? – encarou-a – Chegou tarde e acompanhada em casa, não é?

- Fui com um amigo que dormiu aqui e me trouxe em casa. – Respondeu desviando o olhar. Não gostava de mentir, mas sabia que estava errada, pois tinha que ter se apresentado no escritório quando saiu. Era um dos protocolos.

- Um amigo que você dança a noite inteira de forma insinuante e deixa você em casa? Quem era?

- Bartolomeu – disse respirando profundamente – Eu não preciso ficar dando satisfação da minha vida pessoal para o departamento. Somente da minha vida profissional. Você quer entrar?

- Não – disse desperto pelas suas palavras – Não precisaria dar satisfação se fosse um desconhecido, mas era o assessor de Batista, Claudio. Foi com ele que você saiu, não é? Então entendo como profissional.

Ela desviou o olhar. Engoliu em seco novamente a resposta e não tinha nada a falar.

- É profissional?

- Sim. – Disse assoviando a palavra.

- Espero que esteja no relatório sobre ontem e que ele acabou de sair da sua casa.

- Estará. – Respondeu secamente.

- Você está sendo inconsequente, irresponsável e não está medindo as consequências dos seus atos, Erika. Você sabe que tem que avisar sobre as suas saídas. Você está lidando com traficantes. Vou adverti-la por isso. O que você está pensando?

Erika sabia que seu dia estava perdido. Não tinha o que discutir ou falar. Estava simplesmente errada e não tinha o que debater. Calou-se.

- E você descobriu alguma coisa saindo com ele? – Indagou provocativo.

Ela o olhou e respondeu:

- Ele disse que Batista tem um fornecedor na cidade chamado *Diablo Rubio* que está fazendo alguns contatos para ele e vai ajudar na entrega da mercadoria. Não sei quem é esse homem porque não tenho contato dele. Ele não falou muita coisa.

- Mantenha-me informado, Erika – disse com seu olhar gélido – Preciso ir.

Ele deu de calcanhares e saiu sem mais delongas. Ela entrou já com os olhos em lágrimas e fechou a porta. Sentou-se no sofá e não segurou as lágrimas. Precisava chorar e colocar para fora toda a sua inquietude e as angústias. Chorou por se permitir estar com Claudio, por saber que não estava correto seu procedimento frente ao seu trabalho, pois não era profissional e por não aguentar mais estar na casa. Pensou em beber para amenizar um pouco a sensação do vazio que sentia dentro de si, mas não tinha bebida em casa. Precisava sair dessa realidade. Secou as lágrimas e procurou voltar aos pequenos afazeres até que a hora de voltar chegasse logo e voltasse para o seu esconderijo.

As quatro horas em ponto Erika avistou ainda de dentro do táxi o carro de Batista. Estava um pouco afastado da rodoviária e nele estavam encostados Claudio e Lopes. Pagou ao taxista e saiu do carro seguindo em direção a eles.

Claudio percebeu que ela estava abatida e havia chorado. Lopes quem estava esperando seguiu para entrar no carro. Ela parou a sua frente e sorriu disfarçadamente sem se aproximar.

- O que aconteceu, Erika? – indagou estudando seus olhos – Chorou?

- Estou bem... não foi nada demais. – Disse desviando o olhar e saindo para entrar no carro atrás. Ele então fez o mesmo e Lopes partiu após cumprimentá-la.

Erika seguiu o percurso quieta enquanto os dois conversavam. Claudio a observava do retrovisor e via o seu olhar distante e vago. Assim seguiram até a

mansão.

- Você quer conversar? – Indagou Claudio quando ela saiu do carro. Jogou-lhe os cabelos para trás da orelha.

- Não – sorriu fitando-o - Eu estou bem...

- Os meus funcionários preferidos chegaram para o lanche. – Gritou Batista sorrindo e caminhando para recebê-los ainda no jardim. Abraçou os dois ao mesmo tempo e caminhou puxando-os pelo ombro para seguirem para a piscina onde uma bela mesa com lanche estava arrumada. Sentaram-se e começaram a conversar enredados em uma conversa descontraída onde riram muito e Batista contou suas piadas.

Erika alegou estar cansada e disse que subiria para poder descansar. Despediu-se dos dois e subiu para seu quarto. Sentia o peso das palavras de Bartolomeu dançando em sua mente e pesando em seu coração. Banhou-se e ficou em seu quarto até que por volta das nove horas Pablo fosse lhe chamar, pois haviam pedido pizza já que não teria janta na casa. Desceu com Pablo e encontrou Batista, Claudio e Júlio na cozinha pegando pedaços das três enormes pizzas que haviam comprado. Comeram conversando ali mesmo deixando para ela lavar a louça que havia ficado.

Batista chamou Júlio e Claudio para irem para o escritório e este esperou todos saírem para depositar um pequeno beijo nos lábios dela e perguntar se se sentia melhor. Ela apenas sorriu retribuindo o beijo e falando que estava bem. Dali subiu e não tardou a dormir.

Capítulo 11

O domingo na casa como sempre era mais agitado que o costume, pois cedo chegavam os garçons que costumavam servir aos convidados da festa. Arrumavam as bebidas, a comida e deixavam tudo preparado para a tarde.

Erika acordou mais tarde e não encontrara Claudio e Batista, que já haviam saído cedo para o centro da cidade. Estranhou a saída dos dois, pois não tinham o costume de sair aos domingos. Fez seu desjejum na cozinha já que estava na casa sozinha, apenas com os empregados e seguiu para o escritório a fim de adiantar alguns trabalhos da semana.

Batista retornou apenas quase na hora do almoço e já indo para a cozinha pedir para que a empregada preparasse um prato para ele. Não tinham costume de almoçar no domingo juntos por conta da correria que era e, desde que Catalina havia saído da casa Batista ficara mais disperso de alguns de seus costumes.

Erika olhou Claudio que estava quieto e abatido. Parecia um pouco mais agitado que o costume, contudo sabia que a correria domingueira deixava todos mais estressados por conta das responsabilidades. Falaram-se o essencial e seguiram para seus afazeres.

E a festa correu tranquila como costumava ser. Experimentavam as drogas, bebiam, compravam e cheiravam. Erika já estava acostumada aquela rotina há um ano, mas àquela tarde estava mais cheio que o costume e todos os seguranças estavam na casa.

Todos tinham percebido como Claudio estava diferente. Estava mais quieto e bebendo mais que o costume. Estava também fumando e quase não falava. Aparentemente sereno em um canto da casa, mas um tanto mais disperso que costume estava trabalhando nesse ritmo. Batista também já havia notado a diferença de um dos seus melhores homens.

Erika caminhava entre os convidados com seu tubinho preto e cabelos presos. Sentia-se parte daquela casa desde que havia se drogado. Sentia-se segura no meio daquele povo. Ajeitou sua escuta no ouvido e escutava os seguranças comandando cada parte da casa. Lopes chamou-a em seu canal e disse que Batista queria falar com ela. Esta seguiu até Batista que estava sentado à beira da piscina. Ele se levantou quando a viu e a chamou em um canto falando:

- Claudio, não está bem. Não sei o que houve, mas vá vê-lo. Se ele estiver passando mal peça que suba e descanse. Ele acabou de entrar em casa.

Ela sinalizou que sim e seguiu para a cozinha. Entrou e não o avistou. Chamou-o, mas ele não respondeu. Entrou para a sala e viu a porta do escritório fechando. Caminhou em passos lentos para o escritório e abriu a porta. Avistou ele abrindo um pacote de cocaína e tirando um cartão do bolso para formar a carreira para cheirar. Ele escutou barulho e olhou para o lado. Viu Erika entrando no escritório e ficou imóvel olhando-a, com o pacote na mão.

- Claudio – falou ela entrando e fechando a porta – O que você está fazendo?

Ele guardou o pacote no bolso da bermuda e se levantou do sofá. Não tinha o que falar, mas sabia que precisava de ajuda para sair do desespero que estava sentindo. Seguiu com o olhar perdido até ela.

- Você sabe que Batista não quer os funcionários se drogando nas festas. – Disse quando ele se aproximou.

- Eu juro que não quero fazer isso, Erika – disse estendendo o pacote para ela que pegou e colocou sobre a mesa – Mas eu não sei como me desligar disso que estou sentindo.

- O que você tem? Todo mundo já percebeu que você não está bem. – Disse ela tocando em seu rosto e vendo que ele estava com o semblante abatido e parecendo desnorteado.

- Eu não quero me viciar – falou – Eu já bebi e já fumei três cigarros para ver se seguro a onda para não cheirar, mas está difícil.

- Calma – falou tirando a escuta de seu ouvido e tirando o aparelho do bolso. Colocou em cima da mesa – Você não é viciado.... Eu sei... mas preciso saber o que está acontecendo. Achei que estivesse tudo bem. Vamos subir. Batista pediu que viesse ver o que você tem.

Ela o abraçou pela cintura e pediu que fosse com ela para o quarto. Ele nada disse e se deixou ser conduzido até seu quarto. Ela pediu a chave do quarto a ele que pegou e abriu. Entraram e ela viu que ele estava suando muito.

- Venha – disse ela conduzindo-o para o banheiro – Tire essa camisa.

Ela tirou-lhe a camisa e pediu que entrasse no banheiro e lavasse o rosto na pia. Viu-o colocar a cabeça debaixo da torneira e molhar os cabelos, a barba e o rosto por algum tempo. Fechou a torneira e pegou uma toalha para ele tirando-o dali. Encostou-o na entrada do banheiro e secou os cabelos dele e o rosto, pois ele parecia perdido.

- O que está acontecendo? – Perguntou ela enquanto secava os cabelos dele que estavam mais compridos e a somente a barba e o bigodes mais aparados. – Estou aqui para lhe ajudar, Claudio.

- Eu não sou viciado – Repetiu ele olhando-a enquanto ela ajeitava os cabelos dele com os dedos jogando-os para trás.

- Eu sei – disse sorrindo e tocando em seu rosto – Eu não ia deixar que você se viciasse também. Estou aqui para lhe ajudar. Fale o que está acontecendo com você.

- Eu soube que consegui a guarda compartilhada com meu filho. – disse encarando-a e sorrindo – Acredita?

- Sério? – sorriu – Você não me contou...

- Eu sei – disse sorrindo palidamente – Você não estava bem ontem e eu não queria incomodar você com minha conversa de família.

Ela sorriu com as suas palavras e disse:

- E qual é o problema disso, Claudio? Você está esperando a tanto tempo por isso.

- Meu filho não pode me ver assim. O que eu faço? – Perguntava com sofrimento na voz.

- Seu filho não vai lhe ver assim. Eu não vou deixar você usar, está bem? Vamos combinar?

- Eu preciso vê-lo essa semana. Eu não vou conseguir sair daqui e cuidar dele. – Disse passando as mãos pelo rosto.

- Olhe para mim Claudio – pediu ela jogando a toalha sobre a pia e segurando o rosto dele para que a olhasse – Eu vou falar com Batista. Deixe comigo. Você precisa ir para o Rio essa semana?

Ele olhou para ela e sorriu. Não sabia se ele havia cheirado ou só bebido. Sentia cheiro de vinho em sua boca, mas ele parecia anormal. Segurou o rosto dela com as mãos e encostou sua testa a dela sorrindo. Ela sorriu e ele falou sem soltá-la:

- Vamos fugir daqui, Erika. Eu dou um jeito, eu juro. Eu sei que você não quer ficar aqui. Eu vou na frente e venho lhe buscar. Vou ajeitar tudo para a gente ir para o Rio... juro que faço isso.

- Do que você está falando, Claudio. – duvidou ela com as palavras dele – Você usou drogas hoje?

- Eu estou falando sério, Erika. – disse saindo de perto dela e seguindo para próximo a janela – Não podemos ficar aqui.

- Você usou drogas hoje, Claudio? – Disse seguindo-o e parando atrás dele.

- Não. – disse se virando para ela – Ontem a noite com Batista. Estou

ansioso... bebi, mas não estou melhor.

- É abstinência – falou tocando em seu ombro – Você vai precisar ser forte. Precisa se desintoxicar. Você sabe que a cocaína é muito forte e mesmo em pequenas doses vai viciar.

- Eu não quero isso – falou se virando para ela e nervoso – Ainda mais agora com meu menino perto de mim. Eu só preciso sair daqui e ficar longe dessas festas e drogas. Eu quero que você venha comigo.

- Eu não posso Claudio – disse se sentindo incomodada com suas palavras. Estava gostando dele e sabia que não podia ter se envolvido. Não podia enganá-lo também e alimentar algo que não terminaria em nada a não ser na prisão dele e outros. – Fique no quarto e descanse.

- Eu vou descer – disse sentindo as mãos tremerem e segurando-as – Se eu ficar aqui a ansiedade vai bater e não vou descansar.

- Tudo bem – falou aproximando-se dele e segurando-o pelo rosto – Fique comigo então lá embaixo, mas não beba. Quantos cigarros você fuma por dia?

- Eu não fumo, Erika... quando eu fumo é para aliviar a abstinência. Eu juro.

- Fique comigo então – falou beijando-lhe os lábios – Eu vou vigiar você. Não vamos beber, pode ser? Eu também estou bebendo muito. Vamos nos policiar a partir de hoje. Um vigiando o outro e quando a barra tiver ruim a gente não esconde um do outro. Você consegue?

Ele acariciou seu rosto e sorriu. Gostava de estar com ela, se sentia bem e mais calmo. Ela aliviava o que ele sentia de ruim. Apenas balançou a cabeça positivamente e beijou-a novamente. Os dois então desceram de mãos dadas e pararam no escritório para pegar a escuta dele. Olharam-se e trocaram um último beijo antes de voltarem para a festa.

Erika seguiu para falar com Batista enquanto Claudio se aproximou de Lopes que perguntou o que estava acontecendo.

- O que houve, Erika? – Indagou ele puxando-a para um canto. Tinha semblante de preocupado.

- Depois eu conto, chefinho... – Sussurrou discretamente em seu ouvido.

- Pode falar. O que houve com ele? – Ela desligou sua escuta antes de responder.

- Claudio está com abstinência de cocaína. Ele não é viciado. Não

pode ficar cheirando ou injetando que vai se viciar. Ele soube que conseguiu a guarda compartilhada do filho e ficou desorientado. Está em crise. Precisa sair da casa essa semana para ver o filho e ir até o juiz para tratar do assunto, no Rio.

Batista olhou para os lados por alguns instantes. Sabia que ele não era viciado e só fazia porque o obrigava. Levou a mão a testa para pensar. Ignorava que fazia isso com os funcionários, mas Claudio era discreto, não trazia problemas e estava se tornando seu braço direito em quase tudo. Não podia perdê-lo para as drogas.

- Tudo bem – falou finalmente a olhando – Libere-o amanhã para ir para o Rio. Coloque o jatinho para ele ir. Peça que se desintoxique por lá e não o deixe beber enquanto estiver na abstinência. Vou proibi-lo de usar. Quero ele de volta na sexta-feira. Dê uns dias para ele resolver isso tudo.

Ela sinalizou que sim e seguiu para perto dele. Este desligou sua escuta ao vê-la se aproximar.

- Falei com ele – disse sorrindo – Ele autorizou sua ida amanhã para o Rio para resolver as coisas sobre seu filho e proibiu que você beba ou use a gulosa. Comporte-se.

Ela deu de calcanhares sem esperar que ele respondesse e seguiu para a cozinha. Precisava beber, pois estava ansiosa. Fizera um acordo com ele, mas estava precisando também se entorpecer para lidar com as situações. Já estava se tornando viciante beber nas festas ou a noite na beira da piscina para esquecer o que torturava seus pensamentos.

Abriu o armário da cozinha onde deixavam a tequila e pegou um copo de shot. Se bebesse vinho ele perceberia pelo cheiro no hálito. Encheu o copo, guardou a garrafa e virou na boca deixando-a por alguns segundos sob a língua para sentir o gosto. Segurou o copo na mão e recostou-se na pia abaixando a cabeça. Pensava em mil coisas ao mesmo tempo.

- Erika! Tudo bem? – Escutou a voz de Claudio lhe chamando e se assustou. Colocou o copo dentro da pia para ele não ver e viu sob o balcão morangos lavados. Pegou dois e colocou na boca mastigando rapidamente para tentar diminuir o cheiro. Virou-se para ele e o encarou. Ele a olhou desconfiado de que algo estava errado e perguntou se estava bem.

- Só estou cansada – disse passando por ele sem parar – Vim comer uma fruta.

Ele esperou que saísse e foi até a pia. Olhou e viu o copo de tequila no canto. Cheirou e viu que estava recente. Sabia que ela havia bebido e que precisava tanto de ajuda quanto ele. Os dois estavam muito desgastados

psicologicamente. Voltou para a festa e a procurou. Viu-a caminhar e se aproximar de Lopes. Tentou entrar na frequência deles, mas percebeu que ela havia desligado o seu transmissor. Só escutou Lopes responder que iria avisar.

Passaram o restante da festa observando um ao outro e trocando alguns olhares. Falaram-se ocasionalmente, pois a festa correria tranquila e ela não tinha descoberto nada que não soubesse sobre os contatos de Batista. A casa começou a esvaziar as sete da noite e as oito todos já tinham ido embora.

Batista reuniu todos na beira da piscina e informou que estavam próximos de receber a mercadoria. Agradeceu pelo apoio de todos e informou que Claudio estaria indo para o Rio. Agradeceu a Erika por estar sempre à disposição e atenta a tudo e pediu que a jogassem na piscina, pois ela fora a funcionária mais dedicada do dia. Ela tentou escapar das águas aquecidas e correu, mas Pablo a alcançou mesmo antes de conseguir dar um passo. Lopes a segurou pelas pernas com cuidado para não aparecer suas roupas íntimas, pois estava de vestido e os dois jogaram-na na piscina. Em seguida todos mergulharam inclusive Batista.

Claudio procurou Erika quando emergiu das águas e a encontrou próximo da beirada jogando os cabelos para trás. Nadou até ela e parou muito próximo quase a beijando. Batista anunciou ainda dentro da piscina que começariam a festa dos funcionários e informou que Claudio não participaria a partir daquele momento.

- Vamos subir? – Murmurou ele ao ouvido dela que sinalizou que sim.

Os dois saíram da piscina e se secaram antes de subirem. Enquanto subiam ela pediu a ele que evitasse descer. Ela o acompanhou até o quarto e pararam na porta se beijando enquanto ele abria com um sorriso. Gostava de estar na companhia dela, pois o deixava mais calmo nos momentos de ansiedade. Puxou-a para dentro trancando a porta e tocando em seu corpo ainda molhado e tirando sua roupa. Despiram-se ali mesmo e seguiram para o chuveiro para tomar um banho que levou mais de uma hora, pois ficaram dentro do boxe transando.

- Você é meu melhor vício. Erika – falou ele acariciando seus cabelos quando estavam deitados – Fico mais calmo quando estou com você.

Ela sorriu e respondeu com um beijo molhado. Não podia negar que estava seduzida com o carinho dele, com o sexo e as conversas. Era inteligente, educado, brincalhão e entendido. Gostava de ficar com ele também e principalmente de transar, pois ele já a conhecia e sabia tudo o que lhe dava prazer. Evitava pensar quando estavam juntos no que poderia acontecer no outro

dia. Estava apenas vivendo um dia de cada vez, mas consciente do perigo que estava trazendo para seus próximos dias e seus próprios sentimentos.

Conversaram um pouco mais e ele preocupou-se que ela não iria também para o Rio com ele. Não queria deixá-la sozinha na casa e combinaram de se falar por telefone caso houvesse alguma coisa. Por volta das onze finalmente dormiram embalados um no outro.

Nessa mesma calma de domingo a semana se iniciou sem muitas complicações. Erika passara a semana falando por celular com Claudio, que fora para o Rio de Janeiro logo cedo. E nesse mesmo ambiente ela passou a semana bebendo com os seguranças a noite, na piscina, para aliviar a tensão da semana na casa já que sempre era corrida com seus afazeres. Não tinha problemas em estar com eles, pois respeitavam sua privacidade nos momentos que estavam juntos e não ficam se “engraçando” para ela o que a deixava à vontade com eles. Arriscou dar algumas baforadas no cigarro de Lopes, que ficou de implicância dizendo que ela era toda sistemática e cheia de pudores. Tragou, inalou e soltou a fumaça tendo uma sensação de alívio no momento. Tossiu e todos riram, mas sabiam que era a primeira vez que experimentava cigarro.

Estava se sentindo à vontade cada dia que passava a mais na casa e começara a adquirir os hábitos que nunca imaginara fazer. Andava a vontade e sem medo de ser descoberta, bebia a hora que queria e fazia o que bem entendesse. Lembrou-se das palavras do delegado quando dissera por várias vezes que “precisava se dedicar mais ao que estava fazendo.” Era a forma de fugir da realidade que não vivia há um ano.

Falava com Claudio por telefone, mas não falara quase nada da casa e como estavam as coisas, pois não queria que ele se preocupasse. Por negligência quase errara em um depósito que fizera para Batista, com um dos fornecedores, o que a deixara nervosa. E por conta disso resolveu aliviar a tensão bebendo e tragando cigarro com os homens a noite.

Capítulo 12

E assim a festa de quinta-feira chegou agitada e Erika sentiu-se estressada no meio dos convidados. Precisava aliviar seu estresse como estava fazendo nas noites anteriores: bebendo e fumando eventualmente. Só assim conseguiria evitar pensar no que lhe afligia: tudo naquele momento e lidar com seus demônios interiores mais presentes ali na casa: a solidão, a culpa e a falta que estava sentindo de Claudio.

A solidão por saber que não era daquele mundo embora já estivesse adaptada a sua rotina na casa. Acordar, fazer suas ligações e tarefas, organizar a agenda de Batista, contatar fornecedores marcando reuniões e as noites solitárias que já não eram problemas nos últimos dias, pois ficava com Claudio.

A culpa por saber que estava errada em seus atos, em sua moralidade e ética. Saber que mentia para pessoas que estava se acostumando e gostando de estar perto. Culpa por saber que não pertencia aquele mundo, mas estava trabalhando para desmantelá-lo. Culpa por começar a se perder em seus impulsos e beber e transar sem preservativos. Tudo isso para esquecer os problemas.

E a falta da presença de Claudio; este que estava sendo um alívio para a angústia que sentia quando pensava nas outras coisas.

A festa estava muito agitada naquela tarde. Já fazia algumas semanas que estava assim. Ela se sentia estressada e nervosa com o barulho ensurdecador da música tecno que o dj tocava, além de ter que receber dinheiro e os homens assediando-a.

Começou a beber tão logo a festa começara para poder aliviar a aflição e extravasar o mal humor que estava sentindo. Sabia que precisava se manter a tarde toda em pé para ajudar já que Claudio não estava ali para organizar os seguranças. Organizou um ritmo que conseguiu coordenar os seguranças, beber e evitar pensar no outro dia. Começou a beber vinho, pois era mais resistente a bebidas quentes e aguentaria mais. Intercalava com água mineral para hidrolisar o corpo e energético para manter o estímulo. E nesse ritmo conseguiu se descontraír e levar o trabalho.

Claudio chegou pela tarde sem avisar. Queria fazer uma surpresa para Erika. Sentia-se mais disposto e feliz com o encontro com o filho. Subiu deixando a sua mala em seu quarto, vestiu uma bermuda, colocou seus óculos escuros, tênis, camisa e desceu. Percebeu que a festa estava muito agitada e cheia. Olhou ao redor da piscina a procura de Erika e demorou a avistá-la

conversando ao lado de Lopes. Percebeu que ela bebia, ria e pedira o cigarro de Lopes tragando-o profundamente e soltando uma longa baforada. Saiu em seguida para receber dinheiro de um segurança. Ficou observando-a durante algum tempo. Sabia que algo havia acontecido, pois não era do seu feitio o cigarro e a bebida.

Erika olhou a procura de Batista e surpreendeu-se ao ver Claudio ao seu lado, sorrindo e conversando. Sentiu o coração disparar e o estômago borboletear. Claudio a olhou no mesmo instante e ela sorriu sendo retribuída com um sorriso tímido. Encararam-se por alguns segundos e ele pediu licença seguindo em sua direção. Ela fez o mesmo.

- Oi... – Falou com um sorriso de canto de lábios ao se aproximar dela. Sentiu o cheiro do cigarro e do vinho.

- O que houve? – Indagou bebendo o restante do vinho que tinha na taça. Ele percebeu que embora tivesse bem maquiada estava com olheiras – Como foi no Rio?

- Foi bem... vi meu filho... – falou olhando para a frente, pois não queria encará-la – E você, como está?

- Bem – respondeu vagamente – Voltou cedo por que?

- Não tinha mais o que fazer no Rio. – Disse para disfarçar e prestando atenção na música remixada da década de 60 que o DJ tocava, Nina Simone – Sinnerman, que perguntava onde o pecador buscaria ajuda.

- É bom ver você – sorriu olhando-o – Preciso voltar ao trabalho... mais tarde conversamos, tudo bem?

Ele apenas sinalizou que sim e a viu se afastar e pegar um copo de energético. Percebeu imediatamente que ela não estava bem e foi falar com Lopes, que informou apenas que ela estava bebendo com eles e dando umas tragadas em cigarro desde a segunda-feira.

A festa transcorreu no mesmo ritmo, mas Claudio percebeu que Erika não parava de beber mesmo intercalando água e energético e de tragar cigarro também como os seguranças. Observou-a se aproximar de Lopes novamente. Sabia que ia fumar. Seguiu em direção a eles. Aproximava-se quando o viu esticar a mão para lhe passar o cigarro. Esticou a mão segurando a mão dela e olhou para Lopes. Sinalizou que não lhe desse e ele apenas consentiu com a cabeça e saiu. Ela o olhou naturalmente e ele falou ao seu ouvido puxando-a pelo braço discretamente: vem comigo.

Ela o seguiu e ele foi para a entrada da cozinha que estava com as portas de vidro abertas. Entrou e ela o seguiu.

- O que está acontecendo com você? – Indagou um tanto irritado sem conseguir esconder a insatisfação ao vê-la com aquele comportamento.

- Do que está falando? – Disse desligando seu canal e olhando-o.

- Desde quando você fuma e bebe tanto? Já percebeu as olheiras que você está? – Questionou encarando-a. Ela não respondeu de imediato. Observou a festa que transcorria, passou a mão pelos cabelos, jogando-os para trás da orelha e o olhou replicando:

- Eu... eu estou muito cansada, Claudio. Preciso relaxar para ficar atenta as coisas... é só isso.

- É assim que começa, Erika – falou aproximando-se dela – Foi assim que eu quase vacilei naquele dia pela primeira vez, sabia? Para esquecer os problemas e as verdades que batem aqui.

Ele apontou para a cabeça. Ela desviou o olhar e disse:

- Preciso voltar para o trabalho.

Ele a segurou e não deixou que saísse.

- Aconteceu alguma coisa? Você não está bem. Sei que está bebendo desde segunda.

Ela o olhou sentindo uma súbita raiva. Queria falar várias verdades na cara dele, mas não podia. Não passava de um traficante como todos os outros e estava gostando dele. A atração, o desejo, a vontade de estar com ele e a raiva foram todas imediatas ali naquele momento. Disse com exaltação na voz:

- Não se intrometa em minha vida, Claudio. Você não me conhece.

Ele ficou surpreso com a sua assertiva, porém compreendia que ela havia bebido muito. Não sentia raiva dela. Sabia que precisava de ajuda.

- Não conheço mesmo... – falou surpreso – Mas pensei que eu pudesse lhe ajudar quando combinamos de conversar um com o outro quando precisássemos de ajuda. Eu não sei o que teria sido se você não se intrometesse em minha vida.

Ela o olhou ainda com exaltação por gostar dele e retrucou:

- Eu só o ajudei. Não me faça cobranças porque não somos namorados.

Ele não esperava que essa fosse a sua resposta. Sabia que não eram, mas pensou que pudesse ajudá-la de alguma forma. Viu-a sair dali sob seu olhar, só não sabia que ela estava com os sentimentos tão entorpecidos quanto ele. Voltaram para a festa sem nada mais falar.

Erika parou de beber após a conversa com ele e limitou-se a trabalhar. Esbarraram-se algumas vezes e ela o tratou normal, embora formalmente. E a

festa transcorreu normalmente até que por volta das cinco Batista chamou Claudio.

- Estou tendo problemas com um cliente, Claudio – disse ao seu ouvido – Ele quer me pagar muito dinheiro para subir com Erika. Leve-a embora daqui para o quarto e não a deixe mais descer. Mande-a trancar a porta. Vá.

Claudio seguiu até ela que estava em um canto bebendo água e observando a festa, aproximou-se e falou ao seu ouvido:

- Venha comigo. Batista mandou você subir.

- Por que? – Duvidou olhando – Não posso subir agora. Tenho muito dinheiro aqui na bolsa para prestar conta a ele.

Claudio puxou da sua mão a bolsa e Lopes já se aproximava. Esticou a bolsa para ele e lhe deu. Em seguida puxou Erika pelo braço pedindo para subirem. Ela foi levada discretamente por ele, mas parou na sala puxando o braço. Percebeu que ela estava tonta, pois fechou os olhos por alguns segundos e cambaleou. Ele apenas a olhou e apontou para a escada oferecendo passagem para ela. Esta o olhou e viu como estava com a aparência melhor. Havia feito a barba e deixado apenas o cavanhaque grande. Ela subiu e ele a seguiu. Tropeçou na escada e ele a segurou. Ela aceitou a mão dele em sua cintura e subiu abraçada. Sentiu o aroma do seu perfume e olhou-o por alguns segundos antes de se penitenciar por desejar estar com ele. Colocou-a no quarto e disse quando estava saindo:

- Tranque a porta!

Ela o chamou e ele parou virando-se. Erika foi em sua direção e murmurou já se sentindo envergonhada pelo dia e como o havia tratado:

- Desculpe-me pela agressividade mais cedo... eu... estou muito estressada. Não devia ter falado com você daquele jeito.

Ele seguiu até ela e falou tocando em seu rosto:

- Eu sei que você não está legal. Você consegue tomar banho? – ela respondeu que sim em um gesto de cabeça – Descanse um pouco. Batista mandou que fique no quarto porque querem pagar para estar com você, Erika.

Ele aproximou-se e beijou seus cabelos. Ela o abraçou e confessou já arrependida:

- Tudo bem.... Senti sua falta.

Ele sorriu tirando-a dos braços e respondeu:

- Também senti a sua falta.

Ela puxou-lhe o rosto e o beijou. Queria sentir o gosto de seus lábios e

sua boca para aliviar seu estresse. Claudio sentiu o coração acelerar e a beijou com volúpia. Já estava sentindo falta de seu corpo e seus lábios. Ela o conduziu para a bancada da janela que estava com as cortinas fechadas e o fez se sentar. Queria transar com ele, pois estava eufórica. Claudio sentiu seu corpo pedir por sexo, pois ela sabia fazer sexo, era desinibida e o deixava muito estimulado, mas sabia que ela estava bêbada e não era correto transar com ela naquele momento. O único problema era que queria muito o corpo dela e já estava excitado. Gemeu quando a sentiu tocar em seu sexo e escutou-a falar em seu ouvido:

- Vamos tomar um banho... estava louca para lhe ver.... faz comigo o que você quiser como da primeira vez.

Claudio explodiu em tesão instigado ao escutar seu pedido. Pensou em várias coisas ao mesmo tempo se recordando do primeiro dia, mas não era certo transar com ela bêbada daquele jeito. Tentou se esquivar dos beijos e carícias dela, mas parecia impossível. Acariciavam-se com muito desejo enquanto ela o conduzia para o banheiro, mas desvencilhava-se dela quase na porta falando com a voz embargada por causa do tesão:

- Erika... hoje não... não assim como você está, tudo bem? Não é justo.

Ela parou impactada com sua fala e parece que voltou a si no mesmo instante. Abaixou o rosto envergonhada segurando-o com as mãos. O que estava fazendo? Indagou-se. Perdera-se em sua ética profissional e pessoal e não tinha o que falar. Desculpou-se sem olhá-lo. Ele se aproximou e a abraçou falando:

- Não precisa se desculpar... quero tanto quanto você porque já estou louco por você. Vem... tranque a porta e tome um banho.

Ela não conseguiu encará-lo e apenas o seguiu até a porta onde ele depositou um beijo em seus lábios e saiu. Trancou a porta e se despiu seguindo para o banheiro. O que havia feito da sua vida e seus costumes? Nunca fizera isso com homem nenhum e nem era tão ousada assim no sexo. Estava perdida em seus pensamentos. Entrou debaixo do chuveiro onde se banhou e chorou amargamente por um longo tempo. Estava gostando de um homem que não podia. Não tinha noção de como se livraria daquilo tudo, pois estava sendo inconsequente com tudo o que acontecera e ao ponto em que deixara tudo chegar. Vestiu uma camisa e roupas íntimas e se deitou. Não demorou a dormir, pois estava mais uma vez entorpecida em sentimentos e bebida.

Capítulo 13

Erika acordou às cinco da manhã assustada. Perdera a noção do tempo por alguns instantes. Sentia a cabeça pesada, mas não estava com dor de cabeça. Levantou-se tentando recordar o dia anterior que não demorou em surgir nas lembranças. Puniu-se novamente pelo que fizera e por suas atitudes. Precisava modificar seus conceitos rapidamente antes que se perdesse em seus princípios e propósitos.

Vestiu um biquíni e desceu para a piscina. Sentou-se na beirada e colocou os pés por algum tempo sentindo a água aquecida. Em seguida entrou e nadou por cerca de uma hora de ponta a ponta sem se preocupar com os funcionários que começavam a chegar na casa para assumir seus turnos. Nadava por baixo das águas quando percebeu uma sombra caminhando pela beirada da piscina e emergiu para ver quem era. Avistou Claudio de mãos nos bolsos da bermuda e sorrindo em sorriso tranquilo e triste. Ela mergulhou novamente e nadou até a borda da piscina onde ele já lhe esperava agachado.

- Oi... – Sorriu ela apoiando-se na beirada da piscina. Estava envergonhada pelo ocorrido. Ele respondeu com um beijo em seus lábios. Fitaram-se por alguns segundos e murmurou:

- Vamos tomar café.

Ela meneou a cabeça positivamente e voltou para as águas. Mergulhou novamente e nadou para a beirada. Emergiu das águas e ele já a esperava com uma toalha. Colocou a toalha em seus cabelos e jogou-os para trás deixando que ela pegasse para se secar.

- Como você está?

Ela desviou o olhar e balbuciou:

- Levando em consideração que eu assediei você sexualmente ontem... estou me sentindo péssima. Devo me desculpar?

Ele deu uma gargalhada alegre e olhou para o lado. Sentiu-se feliz de poder estar com ela àquela hora da manhã. Respondeu:

- Eu ainda estou pensando se vou entrar com um processo contra você por assédio, mas se mais tarde você quiser me assediar novamente... eu posso repensar.

Ela apenas sorriu acanhada e ele beijou-lhe os lábios com carinho caminhando para casa.

Erika misturava prazer e aflição, atrevimento e medo quando estava

com ele, pois o seu senso moral, seus valores morais e sua consciência moral entravam em processo ao mesmo tempo deixando-a mais confusa sobre qual comportamento devia seguir. Entretanto, no seu subconsciente sabia que a consciência moral teria que falar mais profundamente quando assumisse as consequências de suas atitudes.

E assim a semana foi passando na mesma proporção das semanas anteriores. Claudio contou os acontecimentos e como conseguira a guarda compartilhada do filho tendo trinta dias para adaptar sua rotina para que pudesse acordar como iriam ser esses encontros. Estava ansioso por ver o filho novamente no final de semana e pareciam mais empolgados, pois Batista prometera dispensar todos na sexta-feira à tarde inclusive Claudio, para retornarem no domingo à tarde.

Erika e Claudio combinaram de se ver para que ela pudesse conhecer o filho dele. Trabalhou em seus pensamentos durante aquela semana que não haveria nenhum problema em conhecê-lo, pois não estava criando laços de amizade, todavia já estavam envolvidos emocionalmente desde o momento que começaram a se preocupar com os sentimentos um do outro e sentir a necessidade de estarem juntos. Ela queria apenas que fosse uma reação química, um mecanismo de defesa da sua mente para poder amortizar um pouco de toda a angústia que sentia por estar ali. Ele por se sentir sozinho e encontrar alguém que lhe completasse tão plenamente no sexo e na discrição.

E na sexta-feira por volta das seis horas já desembarcavam em um heliporto em Niterói, na cidade do Rio de Janeiro. Despediram-se ainda dentro do jatinho com um longo e caloroso beijo e ficaram de se contatar pelo celular que levavam da casa. Dois táxis já esperavam por eles que seguiram seus caminhos.

Erika pediu que a deixasse em Pendotiba, em uma pequena área reservada do bairro onde moravam seus pais. Já tinha um mês que não os via. Não fornecia detalhes ao pai, embora fosse militar aposentado, sobre suas operações na Polícia Federal. Ele sabia apenas que ela trabalhava disfarçada e infiltrada em algum lugar. Tinham muito carinho um pelo outro assim como por sua mãe também, que diziam estar sempre com “o coração na mão” quando ela não dava notícias e ficavam radiantes quando ela aparecia de surpresa.

E assim foi recebida por eles. Sua mãe chorou de felicidade abraçada a ela. Parecia que não se viam há anos. O pai com a angústia antes estampada

agora se tornava alegria ao abraçá-la e agradecer por estar bem. Levou um sermão da mãe sobre sua ausência e escutou quieta enquanto entrava feliz por estar na casa deles. Inalou o aroma da “casa de mãe”, como costumava falar, enquanto explicava a mãe que não podia ligar nem sair da casa e que há pouco tempo chegara da Colômbia.

A felicidade fora tamanha que Gisele, a mãe de Erika, foi para a cozinha preparar um jantar para os três, enquanto Erika sentou-se à mesa da cozinha conversando com os dois e ajudando a mãe a cortar algumas batatas. Preparara uma carne assada com batatas. E no mesmo ritmo jantaram os três alegremente, ainda com muito assunto para conversar entre gargalhadas e sorrisos de contentamento.

Erika escutou o celular tocar e se levantou indo até a sala atender pedindo aos pais para se silenciarem por alguns momentos. Olhou e aparecia o nome de Claudio. Sorriu e atendeu ainda na mesma empolgação da conversa com a família.

- Oi Claudio.

- Oi Erika... só liguei para saber se chegou bem e como estão as coisas.
– Falou com a voz envergonhada.

- Sim cheguei... – sorriu sentando-se no sofá. Gostava de escutar a voz dele – Estou com meus pais jantando. E você? Conseguiu ver seu filho?

- Estou com ele. Ficarei hoje e amanhã... – deu uma pausa pensando se deveria fazer o convite a ela e disse: por isso liguei... se você amanhã estiver sem nada para fazer e quiser sair conosco... vamos ao cinema e depois fazer um lanche... crianças são assim...

Ela sorriu e disse de ímpeto:

- Claro que quero!

- Sério? – disse com a voz duvidosa –É.... vamos ver um filme infantil...

- Eu vou – disse interrompendo-o – Que horas?

- Tem uma sessão as duas da tarde. Aqui no shopping de Niterói mesmo.

- Por mim tudo bem – falou – Você pode me ligar ou eu ligo para nos encontrarmos por volta de uma e meia, pode ser?

- Ótimo – sorriu sem acreditar – Obrigado por aceitar... não quero atrapalhar você com sua família... a gente se fala amanhã então...

- Combinado. – Disse ainda com um sorriso estampado.

Ele desligou e ela voltou a se sentar à mesa com os pais que indagaram quem era ao telefone. Pediu que não se preocupassem que estava tudo bem. Permaneceram conversando até as dez e meia da noite quando então ao findarem a arrumação da cozinha seguiram para seus quartos para descansar.

Erika dormiu mais calma que costume aquela noite. Era bom poder estar com a família e se sentir segura com quem conhecia. Deitou descansada e dormiu tranquilamente aquela noite.

Capítulo 14

Já passava de meio dia quando a campainha da casa de Rogério tocou insistentemente por três vezes. Ele seguiu para atender e abriu a porta surpreso com dois policiais federais a espera.

- Bom dia senhor Rogério – disse um deles – Somos da Polícia Federal e gostaríamos de falar com a agente Erika. Ela se encontra?

- Entrem agentes. Vou chamá-la. – Disse ele dando passagem para os dois entrarem.

Rogério seguiu para o quarto onde Erika estava com a mãe conversando. Bateu e entrou.

- Minha filha... tem dois agentes federais procurando por você na sala.

- Agentes? – Duvidou ela, pois não falara que iria para o Rio. Seguiu para a sala a fim de ver quem eram.

- Bom dia agente Erika. – Disse um dos policiais que ela logo reconheceu do seu departamento.

- Carlos... Antônio – disse surpresa por estarem ali – Como sabiam que eu estava aqui?

- Bartolomeu pediu que viéssemos convocá-la para ir até o escritório conosco agora – disse um dos homens – Tudo bem para você?

- Claro – disse estranhando saberem de sua ida – Vou trocar de roupa e vou com vocês.

Voltou para o quarto e vestiu um jeans, tênis, camisa de malha azul e se despediu dos pais. Sentira um mal-estar de estar sendo escoltada pelos amigos e sem nem mesmo entender como sabiam da sua chegada. Seguiram em silêncio o percurso até uma das filiais da federal onde subiram para o terceiro andar. Estavam com escritório montando ali para a operação que estava trabalhando que chamaram de “ Operação Colombina”. Caminhou pela sala ao sair do elevador e olhou ao redor os colegas de trabalho. Viu Álvaro, seu parceiro já a três anos, que sorriu ao vê-la e balbuciou seu nome sem sair do lugar. Ela sorriu e seguiu em sua direção.

- Oi... – Balbuciou ela abraçando-o por algum tempo.

- Oi Erika...- sussurrou olhando para a sala de Bartolomeu – O que houve? Por que não veio para cá ontem quando chegou?

- Eu cheguei muito cansada – disse ainda confusa – Como... vocês sabiam da minha vinda se não avisei?

- Não posso falar muito, Erika... – falou olhando novamente para a sala – Bartolomeu está puto com você... tenha calma.... Eles estavam monitorando o espaço aéreo e informaram para nós que chegaria o jato de Batista. Vá falar com ele porque já lhe viu aqui e depois nos falamos.

Ela sinalizou com a cabeça e seguiu para a sala do delegado. Encontrou-o em pé seguindo para abrir a porta e recebê-la.

- Boa tarde Erika – disse dando passagem para ela entrar em sua sala e trancou a porta. Tinha a voz seca e o semblante sério. – Como está?

- Boa tarde... – balbuciou se sentando na cadeira de frente para a mesa dele – Estou indo e vocês?

Encararam-se por alguns segundos até ele indagar:

- Por que não ligou ontem avisando que vinha?

- Estou muito cansada, Bartolomeu. Precisava descansar um pouco e ver minha família... – Respondeu já pressentindo que a conversa dos dois iria gerar mais uma discussão, pois não aceitava algumas atitudes do delegado.

- Você está a trabalho, Erika e não férias... sabe disso. Sua obrigação é entrar em contato com o departamento assim que sai da casa.

- Estou a trabalho há um ano, vinte e quatro horas por dia, lembre-se desse detalhe, por favor. Não tenho mais vida particular. – Disse já sabendo que era o início de uma discussão.

Bartolomeu virou o rosto para tentar não começar a discussão. Tentaria ser calmo até o seu limite, pois sabia que ela estava com o nível de estresse muito alto. Abriu sua gaveta, puxou uma pasta suspensa e começou a tirar algumas fotos falando:

- Explique-me isso Erika.

Ele jogou várias fotos em cima da mesa próximo dela. Ela meneou as fotos que eram de dentro da casa na última festa que tiveram naquela semana onde fumara e bebera ao lado de Lopes. Tinha ela em alguns momentos discretos com Claudio, mas denotando intimidade, Batista conversando com alguns homens e ela saindo no dia anterior do jato com Claudio de mãos dadas e muitas outras.

- Não tenho o que explicar Bartolomeu.... É o meu trabalho. – Respondeu secamente e virando o rosto para o lado. Ela nem conseguia se descrever em sentimentos naquele momento.

- É o seu trabalho? Isso que você tem para me falar? Erika, nós não temos notícias sua há algumas semanas – falou com tom de voz irritado – Quase

pusemos a operação a perder porque cogitamos invadir a casa para procurar você. Vimos Batista sair e todos os assessores e seguranças dele menos você. Achamos que tinham lhe descoberto. Verificamos até o lixo para ver se não achávamos pedaços de você. Pode compreender isso? – e socou a mesa com o punho cerrado – Daí conseguimos infiltrar um informante que está contribuindo com a gente para tentar entrar em contato com você.

O telefone de Erika tocou e ela pegou na bolsa. Era Claudio, mas não atendeu. Colocou para vibrar.

- E agora você sai da casa e não se dá nem ao trabalho de entrar em contato com a gente. Precisei deslocar dois agentes para lhe buscar em casa. O que é isso?

- Fotos não dizem nada. – Respondeu sem olhá-lo.

Ele encarou-a por alguns segundos. Não estava reconhecendo a agente que tinha em seu departamento. Lembrou-se do questionamento que fizera ao psicólogo sobre como andava a saúde mental dela quando se apresentava no departamento e ele sempre respondia que conforme o relato dela mesma estava tudo bem. Culpou-se por algumas frações de segundos se não seria culpa dele por ela estar assim, pois havia pedido em um ano para sair duas vezes e não deixara, pois ela trouxera muitas informações valiosas para ele.

- Você nunca bebeu nem fumou. Eu quero que você sente na sua mesa agora e me faça um relatório completo de tudo o que está acontecendo na casa, de seu comportamento, do que você descobriu até agora.

O telefone tocou novamente e ficou vibrando. Bartolomeu lembrou que ela não tinha telefone para não ser rastreada e indagou:

- De quem é o telefone?

- Da casa – Disse desligando novamente.

- Quem é? – Indagou e viu o telefone começar a tocar novamente.

- Claudio – Falou vendo o nome dele na tela.

- Atende e coloca no viva voz. Pode ter acontecido alguma coisa. – Falou estressado e ela atendeu.

- Oi Claudio – Disse com a voz embargada.

- Erika está tudo bem? Onde você está? – Perguntou percebendo a voz dela ter mudado de timbre.

- Sim – falou – Não deu para atender.

- Estamos esperando você para o cinema. A sessão vai começar daqui a pouco – falou – Onde você está? Meu filho quer lhe conhecer. Depois podemos

fazer um lanche ou ir para algum lugar. Tenho que devolvê-lo a mãe à noite.

Erika não ousou olhar para Bartolomeu. Estava envergonhada e não tinha o que fazer. Sabia que esses momentos iriam começar a surgir como consequência das suas ações. Ela balbuciou num fio de voz:

- Claudio, eu ligo depois...

- Você está bem? O que houve? – Indagou sabendo que algo havia acontecido – Podemos cancelar o cinema. Fale onde está que vou lhe pegar. Está acontecendo alguma coisa?

- Está tudo bem – falou sem conseguir disfarçar a voz – Eu ligo depois, está bem? Bom cinema...

E desligou sem mesmo esperar que ele falasse algo.

- E seu trabalho investigativo inclui se encontrar na folga com o assessor braço direito do traficante? Vocês estão juntos?

- Vocês levam muito a sério a palavra intimidade. – Disse com um meio sorriso sarcástico. Estava sentindo raiva dele e começou a alterar seu tom de voz – É só uma ligação, é só um convite, era só uma festa, todos estavam bebendo, todos estavam fumando, todos estavam dançando! Aquele é o meu mundo há um ano Bartolomeu.

Erika sentia o corpo tremendo de raiva. Fechou as mãos para controlar o nervosismo e escutou-o falar gritando:

- Você é uma agente federal.

- Eu não sou agente federal, Bartolomeu – gritou socando a mesa e todos do lado de fora olharam a discussão que começara dos dois – Eu sou uma secretária de traficante há um ano! Um ano. O que você quer? Eu avisei a você que eu não estava bem, mas você não estava nem aí!

- Mentira Erika! – gritou também se levantando – Eu me preocupo com você!

- Você não se preocupa com nada Bartolomeu! – gritou com lágrimas – Você só pensa em você e em sustentar seu ego com este caso! Será promovido, não é?

- Não me subestime! – Gritou novamente estressado com sua frase – Eu não sei se posso confiar em você. Trabalhe a partir de agora sem informações até o final porque você já sabe o que vai acontecer.

- Dane-se Bartolomeu! Faça o que tiver que fazer! Eu só quero que tudo isso termine logo!

Ela saiu da sala batendo a porta atrás dele. Sabia que tinha sido

insubordinada a ele e que poderia ser punida pelo que dissera. Secou as lágrimas e seguiu para a sua mesa onde estava seu parceiro de trabalho. Estava espantado com a atitude dela, pois nunca a vira falar daquela forma com o delegado.

- O que está acontecendo Erika? – Indagou Álvaro quando ela se sentou ainda com os olhos em lágrimas. Viu-a secar com os dedos – Estão correndo boatos sobre você na operação.

- Sobre o quê? – Indagou encarando-o.

- De que você está se envolvendo com Claudio – disse encarando-a – Mas não sabemos se é profissional ou pessoal.

Ela olhou para o lado e disse com o coração angustiado, pois sabia que esta deveria ser a verdade:

- É profissional! Falta muito para a operação acabar? Como andam as coisas?

Álvaro olhou para Bartolomeu que estava no telefone e disse num sussurro:

- Não posso lhe falar – confessou e ela o olhou abismada com a fala do colega – Mas deve ser por esses dias. Só isso que posso lhe contar. São ordens.

Ela virou-se para o lado na cadeira giratória e abriu o computador para digitar. Segurou o nó na garganta, pois sabia que seu dia estava perdido e seu psicológico também. Começou a digitar o que lhe convinha, contudo mais uma vez ocultara informações sobre seu envolvimento com Claudio e os últimos acontecimentos.

Passou toda a tarde no escritório e foi dispensada por volta das seis horas quando dispuseram um carro para levá-la em casa. Seus pais já estavam preocupados com a demora e subiu para se banhar e jantar. Estava mais exausta que antes e desceu para jantar com a sensação de vazio na alma. Seu pai logo percebeu o abatimento da filha que não quis entrar em detalhes e evitou falar. Preparavam-se para jantar por volta das oito horas quando o Claudio ligou. Pediu para a mãe atender e se limitar a falar que ela estava dormindo, pois não se sentia bem. Não se sentia bem para falar com ele.

O domingo amanhecera ventando e com o tempo nublado no Rio de Janeiro. Erika combinara de almoçar na praia com os pais, pois já fazia muito tempo que não faziam algum programa juntos. Era filha única e tinha muito apego com eles. Passaram a manhã na praia onde conversaram e se divertiram. Retornaram por volta de uma hora, já que ela tinha que estar no heliporto as quatro horas.

Aproveitou o restante de tarde com os pais, conversou e os abraçou muito. Pediu que não se preocupassem com sua ausência, pois estaria bem e logo retornaria. Sabia da preocupação que tinham com ela.

E por volta das quatro horas ela já desembarcava do táxi no pequeno heliporto financiado por Batista. Pegou sua pequena mala e avistou Claudio recostado na porta da escada do jatinho. Observou-o de longe e contemplou-o de roupas claras. Vestia bermuda branca, camisa polo bege e tênis. Usava óculos escuros e o cavanhaque bem aparado.

Ele seguiu em sua direção para pegar sua mala. Sorria, contudo, percebeu que ela estava com semblante abatido e sorriu apenas de lábios sem se aproximar dele. Disfarçou pegando sua mala e balbuciando para irem. Ela seguiu de cabeça abaixada na frente e subiu sem nada falar. Sentou-se na beira da janela, colocou o cinto e recostou-se na janela.

Claudio a analisava enquanto colocava seu cinto. Não sabia se deveria indagar ou se deveria se calar. Observava-a com o olhar vago e perguntou:

- Tudo bem?

Ela o olhou e sentiu desejo de abraçá-lo. Respondeu:

- Desculpe-me por ontem...

- Fiquei preocupado – confessou – Quer conversar?

Ela meneou a cabeça negativamente e não o olhou. Sentia-se angustiada naquele momento, pois queria estar ao seu lado, mas não podia nutrir mais sentimentos por ele por mais que não quisesse pensar no amanhã. Tinha que usar da ética e se afastar dele.

E seguiu o percurso de volta naquele mesmo silêncio onde acabou por dormir sob o olhar de Claudio.

Capítulo 15

Quando Pablo chegava nos portões da mansão com Erika e Claudio ela se sentiu mais calma e segura. Ponderou que estava se acostumando aquela vida e a tudo o que vivera no último ano. Já não pensava mais com a razão e sim a emoção. Aquela era a sua vida.

Batista estava dando uma pequena festa para cerca de dez amigos e chamou os dois quando chegaram. Já passava das seis da noite. Aproveitaram a festa para comer e conversar com os convidados que já conheciam há tempos. Eram discretos, educados e muito baderneiros entre eles, nas festas.

Erika afastou-se um pouco depois de conversar e foi se sentar em frente a piscina. Ficou contemplando a iluminação suspensa e toda a sua beleza. Havia pego uma taça de vinho e degustou deitada na espreguiçadeira. Tudo não passara de ilusão e mentira. As pessoas, os acontecimentos, aquela casa e seus próprios sentimentos que se confundiram entre razão e emoção. Precisava ser mais racional e entender que tudo aquilo terminaria e sua vida, que já não sabia mais se era a sua própria vida, voltaria ao normal. Terminava sua taça de vinho quando sentiu alguém se aproximar e viu Claudio se sentar ao seu lado esticando outra taça de vinho para ela e com uma na mão. Ela pegou a taça e tilintou com ele sorrindo.

- Sente-se melhor? – Indagou bebendo um pouco e esticando o corpo na espreguiçadeira.

- Estou perdida em meus próprios sentimentos – disse ela com o olhar na iluminação – Sinto-me bem quando bebo e segura quando estou nessa casa.

- Segura de que? – Perguntou.

- Dos que estão lá fora. – Respondeu finalmente olhando-o – Aqui dentro estou sendo Erika.

- E lá fora, quem é você? – Perguntou com semblante de indagação e sorvendo mais vinho.

Pensou por alguns segundos antes de responder. Queria falar quem era de verdade e não podia. Ela se levantou da sua espreguiçadeira e seguiu para a dele se sentando na ponta. Respondeu:

- Lá fora sou a outra Erika.

Ele puxou-a pelo braço e abriu as pernas para que ela se sentasse entre ele. Ela se sentou de costas para ele e ele enlaçou os braços por sobre os ombros dela beijando-lhe com carinho o pescoço. Ela sentiu o estômago literalmente

doer com aquele carinho, pois queria e não podia estar com ele. Recostou-se nele sem se importar com quem estivesse na casa e os visse.

- Eu quero conhecer a outra Erika então. – Sorriu balbuciando em seu ouvido – Tentar estender a relação além dos muros da casa. Tentar... o que acha?

Erika suspirou profundamente com aquela fala e Claudio logo percebeu que algo não estava bem. Talvez não fosse a hora de falar, mas queria poder ajudá-la. Ela bebeu o vinho para aliviar a ansiedade e ele disse afagando-a nos braços carinhosamente:

- Desculpe-me... não queria lhe assustar... só achei que poderia lhe ajudar e conhecer um pouco mais você.

- Não é isso... – disse suspirando e saindo de seus braços para olhá-lo – Eu estou gostando de você..., mas eu não posso assumir um compromisso com você e não posso lhe explicar...

Ele finalizou a fala dela puxando seu rosto e cobrindo seus lábios com os dele. Ela engoliu o seu gemido e o beijou com desejo. Já não dominava o que sentia por ele e a emoção e o coração falavam mais alto. Beijaram-se com a mesma sensualidade de sempre. Ele a olhou falando enquanto lhe beijava os lábios:

- Esquece o que eu falei... vamos deixar acontecer, está bem?

Ela segurou as lágrimas e sinalizou que sim beijando-o novamente até que ele pedisse para subirem. Seguiram para o quarto e Claudio nem mesmo pediu permissão para entrar nele. Conduziu-a para dentro do quarto trancando a porta e tomando-a nos braços como sua propriedade sem mesmo ser questionada. Fê-la esquecer da dor da alma que sentia naquele momento. Evitou pensar e se entregou ao prazer intenso do momento. Banharam-se e deitaram para conversar.

Claudio contou sobre o encontro com o filho, o cinema e ela sobre a família e o dia. Conversavam deitados e falando também dos amigos de Batista e nas manias. Riam alegremente quando um ou outro imitava convidados que tinham costumes e excentricidades.

E nesse mesmo embalo de alegria acabaram por adormecer abraçados depois de algum tempo de silêncio.

Erika acordou assustada e com a respiração profunda. Sonhara que estavam invadindo a casa e prendiam todos. Abriu os olhos e encontrou Claudio fitando-a com semblante sério deitado no travesseiro. Sorriu de lábios e ele acariciou seu rosto aproximando-se para lhe beijar os lábios.

Erika fechou os olhos lembrando que estava na realidade de novo. Abraçou-o para se sentir acolhida e ficou em silêncio até que ele pedisse para ela se vestir e descerem para o desjejum. Ela sorriu e se levantou enquanto ele a contemplava em sua magreza e nas curvas do corpo. Levantou-se então e ele ficou de chamá-la no quarto para descerem juntos.

Batista já estava sentado à mesa naquela manhã nublada quando Erika e Claudio chegavam.

- Bom dia – Disse ela se sentando seguida de Claudio que cumprimentou a todos.

Batista olhou para os dois com um sorriso sarcástico, mas conteve suas palavras apenas respondendo e completando:

- Erika, preciso que você vá buscar Catalina no aeroporto hoje, as dez. Ela vem para podermos ir a um aniversário de casamento de um amigo nosso que somos compadres. Veja o que ela precisa e pague, mas sem dar dinheiro a ela ou liberar cheque. Compre um vestido prata longo para você e uma gravata preta para mim. Claudio vai também. Traje de terno. Leve Erika até o aeroporto e de lá leve-as ao shopping para comprar o que precisam. Fiquem atentos, pois essa semana é a semana que a minha encomenda chega.

Todos concordaram e fizeram o desjejum em silêncio. Dali Erika seguiu para seu quarto onde vestiu um jeans, camisa de malha, tênis e desceu encontrando Claudio que já a esperava também em mesmos trajes para seguirem. Seguiram para a garagem e entraram no Sportage de Batista para seguirem caminho.

Erika então percebeu como mudara de postura quando saía da casa. Brincou e sorriu enquanto estava dentro do carro com Claudio, mas ao estacionarem no aeroporto onde costumavam fazer seus embarques mudou a sua postura tornando-se com semblante sério e evitando estar próximo ou de intimidades com ele. Este logo percebeu como ela mudara a sua forma de se portar, mas não questionou.

Aproveitou a saída de Claudio enquanto esperavam a chegada de Catalina e pediu para usar o telefone da pequena torre improvisada. Ligou para Bartolomeu.

- É Erika – Falou num fio de voz.

- Oi Erika, o que houve? Você está bem?

- Sim – disse olhando para fora enquanto vigiava Claudio que estava no celular – A mercadoria chega essa semana... ele falou. Estou no aeroporto esperando Catalina que vem para uma festa.

- Sabemos que você está no aeroporto. O que sabe sobre a entrega?
- Nada – disse ela então entendendo que estava sendo vigiada – Ele só informou que chega essa semana. Preciso desligar Bartolomeu.
- Erika – titubeou, mas completou: lamento pela nossa última conversa... tome cuidado, por favor.
- Tudo bem - Disse ela sem esperar as considerações do chefe e desligou.

Erika viu o jato aterrissar e seguiu para receber Catalina. As duas se abraçaram por algum tempo e Erika confessou a felicidade em vê-la. Claudio as observava.

- Não estou de volta, Erika – falou – Apenas uma festa de amigos nossos. Volto em dois dias para a Colômbia.

- Dê tempo a ele, Catalina – falou sorrindo – Conversem nessa festa... quem sabe... vamos que temos muita coisa para fazer.

Claudio seguiu com as duas para o shopping onde passaram algumas horas comprando o que precisavam. Ele percebeu que Erika evitara estar perto dele, mesmo quando ele se aproximava para lhe falar e a encontrou olhando para os lados algumas vezes como se procurasse algo.

Estavam em uma loja de roupas e esperou que Catalina entrasse na cabine do provador de roupas e indagou aproximando-se dela:

- O que lhe preocupa, Erika. Parece aflita olhando para os lados.

Ela o encarou sem resposta por alguns segundos. Sentia-se tensa e ansiosa e apenas disse:

- Só estou um pouco ansiosa... muita coisa para fazer...

Ele aproximou-se mais dela tocando com o dedo em seu rosto, pois percebia que realmente parecia tensa. Ela desviou o olhar para a cabine para que não tocasse seu rosto.

- E porque está me evitando?

- Não estou – disse retornando o olhar para ele – É por Catalina.

- Quantas vezes vou repetir que você mente mal? – Indagou com um meio sorriso nos lábios e saindo sem olhá-la. Ela apenas o observou sair. Não queria ser indiferente com ele, mas não podia ficar próxima ou deixar que percebessem que estava com ele.

Catalina comprou um vestido e Erika aproveitou para comprar no mesmo lugar que ela. Já estava se sentindo tonta. Comprou a gravata de Batista e foram para a praça de alimentação, pois Catalina queria lanche. Claudio

comprou um lanche para ele e Catalina, pois Erika se recusou a comer alegando estar enjoada. Empalidecera quando sentaram à mesa e os dois perceberam a sua mudança.

- Quer ir embora Erika? – Indagou ele ao se sentar e ver que abaixara a cabeça e tinha os lábios pálidos.

- Estou indisposta – balbuciou olhando-o como se suplicasse que saísse dali. E ele entendeu, pois sinalizou que iriam.

- Tudo bem – falou Catalina – Só vou fazer o lanche.

- Não tenham pressa – disse tentando sorrir – Eu aguardo.

Claudio lanchou observando-a. Não levantara o olhar quase em momento nenhum. Parecia temer alguma coisa. Lancharam rapidamente e seguiram para o estacionamento quando ele percebeu que estava voltando a sua cor normal. Ou estava tendo uma crise de pânico ou estava com medo de alguma coisa. Entraram no carro e a viu sorrir agradecendo. Seguiu na frente com ele já mais descontraída e brincando com os dois durante o percurso.

E ao chegarem em casa Erika percebeu a frieza a qual Batista tratara Catalina. Nem mesmo a olhou ou a cumprimentou. Reportou-se a Erika para que encaminhasse a mulher para um dos quartos de hóspedes.

Catalina limitava-se a ficar no quarto ou andar pelo jardim. Não tinha contato com Batista, mas acabaram por se encontrar algumas vezes pela cozinha e trocaram olhares distantes. No jantar era total silêncio com quem estava presente. Não conversavam e sim degustavam o alimento sob o som dos garfos e facas.

Erika e Claudio estavam dormindo juntos ou no quarto dela ou no dele. Conversavam e se encontravam discretamente no escritório quando se esbarravam trocando rápidos e discretos beijos. Falaram sobre o comportamento de Batista e temeram que Catalina em seu temperamento forte falasse algo que o incomodasse, contudo isso não aconteceu.

A quinta-feira chegou; dia da festa de bodas de prata do casal de amigos.

Batista e Claudio já estavam esperando as duas na sala que demoraram a descer. Erika ajudara a Catalina com o penteado e a maquiagem já que a mesma se recusara a pedir uma cabeleireira e acabou se atrasando para fazer a sua parte.

Vestiu seu longo prata com uma echarpe, prendeu os cabelos e passou uma leve maquiagem. Desceu as escadas sob o olhar de Claudio que sorriu e examinou com o olhar todo o seu corpo de cima abaixo admirando a formosura

que ela estava. Sorriam e seguiram para o carro. Ele dirigiu e Batista foi ao seu lado. As duas foram atrás.

A festa era em um sítio há alguns quilômetros de distância de onde estavam. Um exuberante e luxuoso espaço ornamentado em prata para receber os convidados.

Batista saiu e abriu a porta do carro. Fitou com ar gélido por alguns segundos Catalina que não teve medo de encará-lo. Estendeu a mão para ela e caminharam para entrar no tapete vermelho que estava logo na entrada. Havia dispensado a escuta para os dois, pois era uma festa pessoal e pediu que se divertissem.

Erika e Claudio se sentaram um pouco mais distante de Batista e Catalina e Claudio logo percebeu que Erika mudara o semblante parecendo preocupada. Não queria se aborrecer ou se preocupar por já ter percebido que ela sempre mudava seu comportamento quando saíam da casa e pegou duas taças de bebida quando o garçom chegou oferecendo. Disse:

- Não vou perguntar porque você tem ficado diferente quando sai da casa... então vamos fazer o seguinte: bebamos e brindamos ao que estamos fazendo seja lá o que for.

Ela sorriu com a consciência pesada. Gostava das atitudes dele quando ela mudava. Não cobrar, não questionar e tentar entender o momento que estavam passando. Brindaram e ele a viu sorver rapidamente a taça como se quisesse se embriagar rapidamente para aliviar os sentimentos. E aquela foi a primeira de algumas taças que tomaram.

Erika então pensou que não se importaria com o que acontecesse ali. Estava em uma festa. Permitiu-se rir, brincar e dançar várias músicas com Claudio. E não esconderam o contentamento um com o outro além da atração que sentiam, pois dançaram trocando olhares e carinhos além dos rostos colados e lábios que se tocavam. Ali Batista teve certeza de que estavam juntos.

A noite transcorreu tranquilamente e muito animada. Conversaram sobre família, amores antigos e planos para o futuro. Claudio falou sobre ter mais filhos com a reversão de vasectomia e ela sobre a vontade de ter filhos. Combinaram de ter dois filhos se casassem. Deixaram a imaginação falar mais alto e fizeram planos. Talvez pela bebida ou talvez pelo desejo que tinham em realizar as vontades.

Ficaram até uma hora da manhã quando então partiram para casa. Os dois voltaram no banco da frente enquanto Catalina voltara no banco de trás com Batista. Perceberam que os dois pareciam mais descontraídos e estavam se

falando com timidez. Seguiram para casa conversando e os quatro chegaram em casa rindo, animados com um comentário que Batista fizera sobre sua adolescência. Preparavam-se para subir quando Batista chamou Claudio para irem para o escritório. Ele e Erika entreolharam-se com um sorriso de despedida, pois certamente não ficariam juntos aquela noite. Ela despediu-se desejando boa noite aos dois e subiu com Catalina, que disse estar feliz em vê-la com Claudio.

Subiu, banhou-se e foi dormir.

Capítulo 16

Erika desceu para o desjejum daquela manhã um pouco atrasada, pois dormira mais tempo. Vestiu um jeans, camisa e tênis saindo apressada para a sala de jantar. Assustou-se ao chegar e encontrar quase todos os seguranças de Batista tomando o café matinal. Desejou bom dia e seguiu para se sentar em uma das cadeiras vagas, pois a que costumava sentar ao lado de Claudio estava ocupada. Olhou para ele que não levantou o olhar para cumprimentá-la. Concluiu que a conversa com Batista devia ter tido algum problema.

- Agora podemos conversar – disse Batista após Erika se servir de café e pão – Pedi que todos tivessem hoje aqui cedo, pois estou à espera de uma ligação sobre a entrega da minha mercadoria. É uma entrega de grande risco porque sei que tenho as polícias na minha mira o tempo todo e, por isso, não posso vacilar. É uma entrega de armas e drogas que espero há um bom tempo e que finalmente está para chegar. Fiquem atentos, pois estarei acionando vocês a qualquer momento.

Erika sentiu o frio percorrer seu estômago. Lembrou-se das palavras de Bartolomeu avisando que trabalharia sem informações. Sentiu-se acuada e receosa, mas tinha sido preparada para essa missão e sabia muito bem o seu papel e o que teria que fazer. O departamento simulara em uma das vezes a prisão e ela participara. Seria presa como todos os outros e tratada igual também além de ser levada para o escritório de Curitiba. Tudo isso algemada e sem que dirigissem a palavra a ela até que chegassem ao seu destino.

Voltou os pensamentos para aquele momento escutando Batista falar e olhou para Claudio. Este finalmente a olhou com semblante preocupado. Sorriu de canto de lábios para ela encarando-a por alguns segundos. Terminaram o desjejum e ela subiu para fazer a sua higiene bucal e poder descer novamente. Não tinha o que ser feito. Apenas esperar que acontecesse.

Sentiu o coração acelerar e a respiração ficar ofegante ao se lembrar de Claudio. Uma súbita pontada no peito lhe cortou os pensamentos e escutou baterem na porta. Assustou-se e caminhou para abrir a porta encontrando Claudio a sua espera. Sentiu seu coração aquecer e o medo passar quando ele entrou fechando a porta atrás de si e tomando-a nos braços com força em um abraço. Sem palavras sentiu-o afagar seus cabelos por algum tempo, depositando-lhe pequenos beijos nos cabelos e absorvendo o seu perfume. Ela sentiu os olhos se banharem, mas não deixou que derramasse lágrimas. Precisava ser forte e entender o que iria acontecer. Cedo ou tarde essa hora chegaria. Ele a olhou com os olhos umedecidos e depositando-lhe um beijo nos lábios falou:

- Precisamos sair daqui Erika. Vamos embora.

- O que você está falando, Claudio? – Indagou sem entender suas palavras.

- A mercadoria de Batista chega daqui a uma hora parte pelo ar em um cargueiro, mas pelo mar também em lancha e em submersível. Você tem ideia do que está para chegar? Ele falou ontem quando me chamou.

Erika ficou atônita com a informação. Sentiu a cabeça e os pensamentos rodarem em segundos. Fechou os olhos e abaixou a cabeça inspirando por ar. Estava tendo um ataque de pânico.

- Você não tem nada a ver com isso, Erika! – disse e ela tentou controlar o nervosismo - Eu vou tirar você escondida daqui e depois vemos o que podemos fazer. Tudo bem?

- Não! – disse ela se afastando dele delicadamente e tremendo – Eu... eu não posso Claudio. Estou nessa tanto quanto você e todo mundo.

- Erika! – falou seguindo em sua direção e a segurando pelos braços – Entenda uma coisa... Batista não negou a possibilidade da polícia descobrir o descarregamento da mercadoria mesmo ele fazendo tudo com cuidado. Se nos pegarem ficaremos presos por muito tempo. Eu vou tirar você daqui e vejo o que falo para Batista quando voltarmos. Se ficarmos juntos eu prometo que hoje será nosso último dia aqui. É muito dinheiro, é muita droga...

- Não! – falou em tom alto e se afastando dele. Seguiu para a beirada da janela onde se escorou com a respiração ofegante. Queria poder falar a verdade para ele, mas sabia que poderia ter consequências. – Eu não posso ir com você Claudio.

Ele seguiu em sua direção sem entender o que ela queria. Tinha certeza de que ela estava gostando dele e percebeu que ela ficara vermelha.

- O que você tem? – perguntou levantando o seu rosto – É um ataque de pânico, Erika?

Ela conseguiu sinalizar com a cabeça, mas sem responder. Ele a pegou pelo braço e a levou para se sentar na cama. Pediu que respirasse com calma para controlar a respiração.

- Respire com calma – Disse ele levantando o seu rosto e ela pensou que era uma péssima hora para ter uma crise daquelas. Fechou as mãos, pois começara a tremer e Claudio a abraçou. Ela então não conteve o nervosismo e desatou a chorar compulsivamente.

- Ei ... – balbuciou ele com ela afundando o rosto em seu peito – O que foi? Calma.

Ela não conseguia falar apenas chorar. Chorar o que estava guardado há um ano em seu peito, chorar o seu segredo, chorar a sua angustia e seus sentimentos. Precisava ser forte até que conseguisse sair da casa. E chorou amargamente por quase dois minutos no silêncio dos braços dele. Ela se afastou dele e seguiu para o banheiro a fim de lavar o rosto e tentar se recompor. Lavou o rosto e massageou os olhos, pois ficariam inchados. Secou o rosto e se escorou na porta do banheiro sob o olhar dele. Precisava contar a verdade para ele. Seguiu em sua direção e se sentou novamente ao seu lado. Olhou-o e disse:

- Eu... eu... – As palavras pareciam entaladas na garganta – não posso...

- Eu não quero lhe perder Erika. – Disse tocando em seu rosto e vendo a angústia nos olhos dela.

Ela abaixou a cabeça novamente com aquelas palavras. Sentiu o peito doer e murmurou:

- Claudio...

Escutaram bater na porta e Claudio se levantou para abrir sem mesmo esperá-la falar. Lopes entrou atônito e vermelho e disse nervosamente:

- Batista mandou vocês fugirem. Descobriram a gente e a polícia deu bote em vários locais. Vamos. Ele vai de carro com Catalina.

Claudio abaixou a cabeça por alguns segundos nervoso. Respirou fundo e mandou ele ir na frente que ele estaria descendo com Erika. Esta o olhava tremendo e se levantando da cama.

- Pegue seus documentos e venha comigo. – disse ele aproximando-se dela e a segurando pelos braços – Escute o que eu vou falar... se eles nos pegarem fale tudo o que souber... vai reduzir nossa pena se contribuirmos.

Ela balançou a cabeça em sinal positivo e seguiu para a gaveta onde pegou o que ele pedira colocando no bolso. Deixara a arma, pois não queria ser pega e confundida.

- Vamos. – Disse ele puxando-a pela mão e seguiram para descer as escadas. Não viram ninguém dentro da casa e caminhavam para a porta de entrada quando escutaram tiros vindo da guarita e gritos. Era a polícia invadindo.

Claudio abraçou Erika que fez o mesmo e ele disse:

- Vamos fugir por trás... tem uma passagem lá por um túnel que sai na rua.

Erika o olhou, pois não sabia dessa passagem. Ele a puxou pela mão e o seguiu automaticamente. Correram para trás da casa seguindo para o campo.

Corriam de mãos dadas quando escutaram um grito atrás de si:

- Polícia! Mãos para cima, agora!

Os dois pararam de costas e levantaram as mãos. Entreolharam-se e Erika respirou profundamente para não desmaiar. Claudio falou:

- Eu vou rendê-lo, Erika. Corre!

- Não... – Disse olhando-o espantada. Não queria que ele fosse alvejado. – Eles podem lhe matar.

- Atrás do vestiário do campo fica a passagem. Não se preocupe comigo. Fuja!

- Não faz isso. – Pediu ela virando-se para ele.

- Calem a boca! – Gritou o policial aproximando-se.

- Eu acho você. – Sorriu – Vá.

- Claudio, por favor. – Pediu quando o policial se aproximava e o viu se virar desarmando em um golpe o policial.

- Vá! – Gritou Claudio quando entrou em luta corporal com o policial.

Erika afastou-se desnorteada. Não sabia se corria para tentar disfarçar ou se ficava parada vendo os dois em luta corporal. Escutou Claudio gritar novamente para que corresse e preferiu arriscar correr para ele não desconfiar. Deu alguns passos para correr e escutou outro policial gritar:

- Não corre porra! Levante as mãos.

Erika parou olhando para Claudio que fora rendido. Foi empurrada para o chão e ficou de cabeça abaixada enquanto a algemavam junto a ele. Foi puxada pelo braço para se levantar e viu o outro policial fazer o mesmo. Seguiram com Claudio na frente e com ela atrás e foram para dentro de casa, na sala.

Erika então deparou-se com Pablo ferido no braço, algemado e sentado no chão. Ao lado dele três empregadas, Catalina, Batista, Lopes e cinco seguranças todos algemados e ajoelhados no chão. Erika fechou os olhos enquanto era conduzida para ficar do lado de Pablo e Claudio para o outro lado junto de Batista. Sentiu as lágrimas quentes rolarem de seus olhos e secou com o seu ombro. Viu Bartolomeu descer as escadas junto com outro delegado com armas nas mãos. Ele a olhou e desviou o olhar seguindo para o outro lado.

- Você está bem? – Balbuciou ela para Pablo que estava pálido e ele apenas sinalizou que sim. Escutou mandarem que calasse a boca.

Olhou Catalina chorando e Batista com o semblante gélido olhando para o infinito. Olhou para Claudio que lhe sorriu penalizado por vê-la tão

abatida. Fechou os olhos novamente e tentou controlar a respiração para coordenar os pensamentos e entender que finalmente tudo estava acabado. Sabia que se haviam invadido a casa e prendido todos a operação fora concluída com sucesso.

Não sabia qual seria o próximo passo, apenas que iria para a delegacia presa, em separado, com os outros, mas o que seria da sua vida depois daquilo tudo e de tudo o que havia passado? Como internalizar que Claudio era apenas mais um preso e que não poderia ter contato com ele? Sentiu o peito doer quando pensou no filho dele. Havia mostrado fotos deles para ela quando voltara do Rio e ela vira como ele estava feliz por ter conseguido a guarda do filho. Agora seria apenas mais um filho com pai preso. Sentiu o peso desse pensamento em seu currículo, pois não era o que desejava e acabara contribuindo para que isso acontecesse.

Eram repreendidos quando falavam. Viram os agentes levando para um ônibus, que havia entrado e parado na porta do jardim, tudo o que pudesse servir como provas para o inquérito. Levaram os computadores, celulares, as armas, dinheiro e mandaram Batista abrir o cofre que ficava no escritório. Encontraram muitos entorpecentes e desceram com muitas provas. Permaneceram ali por cerca de uma hora até que foram conduzidos para dentro do ônibus e os acomodaram sentados para partirem.

Ninguém ousava falar nada no percurso do ônibus até a delegacia. O silêncio parecia mortal.

Erika começou a ver seu último ano de vida passar a sua frente como um filme. Sabia que precisaria de ajuda psicológica, pois lhe vinham recordações dos momentos de lazer na casa com Claudio ou Catalina quando tomavam banho de piscina juntas, de Batista contando suas piadas a beira da piscina e todos rindo e bebendo. Lembrou-se de Júlio Cesar sendo morto por Batista e pensou em como estaria a família dele. Lopes exibindo o corpo tatuado quando se exercitava. Pablo em dias que ia trabalhar drogado, embora viciado sabia manter o respeito por todos e o medo do chefe. As empregadas com suas culinárias maravilhosas. Claudio sempre sério, mas quando estava junto de si sorria, contava do melhor amigo, do filho e era brincalhão com ela. Lembrou-se da noite frenética de sexo que tivera com ele e como haviam se drogado. E muitos outros pensamentos.

Fechou os olhos e sentiu as lágrimas rolares secando com o ombro. Sentiu os braços doerem por conta das algemas, pois a posição era incômoda.

Chegaram a sede da polícia federal onde vários jornalistas já aguardavam e um forte esquema de segurança fora montado isolando meio

quilômetro de rua para poderem chegar. Seguiram direto para o estacionamento subterrâneo da sede e estacionaram.

- Todos em fila para descer. – Gritou um dos policiais entrando no ônibus.

Todos foram se levantando e esticando seus corpos e músculos. Erika sentiu Claudio encostando o seu corpo no dela por trás de si. Beijou-lhe o rosto e murmurou:

- Desculpe-me não poder lhe ajudar...

Ela o olhou com um sorriso por cima do ombro esquerdo e sorriu com carinho. Não podia negar que seu coração acelerava e o estômago doía quando estava com ele. Balbuciou:

- Tudo bem... conte tudo o que souber... a pena será menor.

Ele sorriu tristemente concordando com ela e encararam-se aproximando os lábios um do outro. E beijaram-se onde deveria ser a última vez.

Capítulo 17

Erika olhou-se no espelho do elevador enquanto subia escoltada por dois policiais. Estava muito abatida, cansada, com olheiras e olhos um pouco inchados. Já não reconhecia seu próprio rosto ao se olhar no espelho, já não sabia mais quem era naquele momento. Se secretária, se agente federal.

O elevador parou e quando saiu de dentro dele surpreendeu-se com os policiais que estavam no andar lhe esperando. Fora ovacionada e recebida com gritos, assovios e aplausos. Sentiu seus olhos se banharem novamente enquanto era retirada suas algemas. Olhou reconhecendo os colegas que trabalhavam no mesmo departamento. Avistou Álvaro sorrindo e batendo palmas próximo a si. Sorriu. Não conseguiu conter a emoção e abaixou a cabeça cobrindo-a com as mãos. Já não aguentava mais chorar. Ficou naquela posição e mesmo assim foi abraçada e beijada por vários colegas. Sentiu ser conduzida para se sentar e alguém tirando suas mãos do rosto oferecendo-lhe um copo d'água. Todos esperavam que ela falasse alguma coisa, mas ela só queria ir para casa e gritar de dor na alma. Estava dilacerada.

- Só uma palavra Erika... – Pediu Álvaro em seu ouvido.

Ela girou a cadeira suspirando profundamente. Não entendia como sempre pediam sempre mais um pouquinho de si. Sentada mesmo olhou para todos e disse:

- Eu não tenho estrutura psicológica para discursar agora... mas agradeço a todos pelo trabalho que tivemos e por poder estar aqui. Foi um ano muito difícil. Ainda não sei quem eu sou nesse momento porque estou demolida e vou precisar me reconstruir. Obrigada.

Todos sorriram e deram uma salva de palmas para ela que terminou de beber sua água. Sentiu alguém puxar uma cadeira e se sentar ao seu lado. Olhou e viu Álvaro lhe sorrindo.

- E aí, minha parceirinha...

Ela não tinha o que responder. Apenas sorriu.

- Está tudo bem... – disse ao vê-la abaixando a cabeça – Acabou... agora está tudo bem...

- Preciso de um calmante para dormir uns dias e minha casa. – Balbuciou num fio de voz escorando a cabeça.

- Eu sei... – falou acariciando suas costas – O psicólogo está a caminho para avaliar você... daqui a pouco ele chega. Precisamos conversar algumas

coisas.

- Por favor, Álvaro – pediu – Dê-me uns minutos para me recompor.

- Tudo bem... – Sussurrou afastando um pouco a sua cadeira e a viu deitar a cabeça sobre os braços em cima da mesa.

Bartolomeu saiu do elevador junto com mais um delegado seguindo para a sua sala e não viu Erika. No mesmo elevador saíam dois policiais com Claudio algemado. Este olhou ao redor e reconheceu Erika deitada sobre os braços na mesa. Olhou espantado e fez menção de seguir até ela, mas foi conduzido pelo policial para a sala do delegado.

Álvaro o viu passar, abriu a gaveta da mesa onde ela estava debruçada e puxou uma pasta de arquivo. Falou ao seu ouvido:

- Erika, eu sei que você não está bem, mas precisamos conversar.

Erika levantou sua cabeça lentamente e olhou para ele. Este percebeu como ela estava abatida e jogou seus cabelos para trás. Ela virou o rosto para chorar e olhou para a sala de Bartolomeu. Avistou Claudio dentro da sala e gemeu segurando os lábios como sufocando o espanto. O coração acelerou. Virou sua cadeira para o outro lado para não ser vista e disse atônita para Álvaro:

- Claudio está na sala, Álvaro. Por que o trouxeram para cá? Ele pode me ver...

Álvaro a olhou com feição preocupada e disse:

- Nós não sabíamos, Erika. Fomos descobrir uma hora antes da operação e não tinha como avisar a você.

- O que? – Indagou preocupada e sentindo que teria outro ataque de pânico.

Álvaro esticou a pasta para ela colocando em seguida sobre a mesa. Ela abriu a pasta e sentiu a respiração faltar nos seus pulmões e engoliu o ar. Novamente levou a mão aos lábios respirando profundamente.

- Ele é gente federal? – Duvidou olhando boquiaberta para Álvaro que imaginou que essa fosse a reação dela.

- Não sabíamos, Erika – confessou – Fiquei tão surpreso quanto você. Só eu e Bartolomeu tivemos acesso aos relatórios dele...

Olhou para a sala e viu Claudio em pé se virando para olhar para ela. Olharam-se e ela desviou o olhar desfolhando as páginas dos documentos dele. Estava anestesiada, mas sentia seu corpo tremer. Viu fotos dele, da casa de Batista, de drogas, armas, notas, computadores, documentos, fotos das festas, carros e de toda a estrutura e cômodo da casa, fotos de todos os funcionários da

casa incluindo dela mesma.

Abaixou a cabeça por alguns segundos e Álvaro lhe tocou o ombro. Em seguida vinham vários relatórios numerados e com nomes que ele fizera. Percorreu os olhos para procurar o que ele escrevera e foi encontrando relatos da casa, da rotina, dos funcionários. Atentou-se ao relatório de nome Erika 1 mais recente, pois vinham numerados. No primeiro citava ela, sua função e o que fazia na casa. Procurou por outros sob o olhar do parceiro e encontrou Erika 2. Percorreu o olhar por sob a escrita que falava que era a secretária dele e tinha acesso a muitas contas e dados que seriam de relevância e finalizou dizendo que se aproximaria dela a pedido do delegado como parte da investigação. Desfolhou nervosamente os outros a procura de seu nome e encontrou de número 3 e começou a lê-lo: “ este policial informa que está em fase de aproximação da secretária de Batista para saber se consegue alguma informação que seja de relevância... Atentou-se ao fato de se aproximar da mesma no dia de seu aniversário, em festa promovida em um clube por Batista, a fim de comemorar o aniversário da mesma. Este policial informa que a intenção é estritamente profissional já que percebeu nítido interesse da mesma em suas investidas...”. Viu que a data era de alguns dias após o seu aniversário.

Olhou para ele novamente da sala e percebeu que ele ainda a olhava.

- Calma Erika... – disse Álvaro se levantando – Leia tudo.

Seguiu para o relatório de número 4 com seu nome que dizia: “ este policial informa que no mesmo dia do ocorrido citado no relatório de número 75548 Batista além de matar com um tiro na cabeça o funcionário Júlio Cesar de Andrade Filho, seguiu para seu escritório convocando os funcionários Pablo, Lopes e este que vos escreve além de duas garotas de programa para seu escritório. Lá fez com que todos usassem entorpecentes de vários gêneros sendo que este policial conseguiu injetar pouca quantidade de cocaína, pois todos estavam distraídos enquanto bebiam. Tal quantidade não comprometeu as percepções sensoriais deste que vos escreve. Informo ainda que Batista pediu a secretária Erika que se juntasse aos funcionários e a obrigou sob ameaça de arma de fogo a se drogar. Eu, Claudio, solicitei que permitisse que drogasse a mesma, pois ela se sentia constrangida e amedrontada no meio de todos. Em seguida levando a mesma para o quarto, por estar drogada, acabou por se envolver sexualmente com a mesma naquela noite. “

Ela suspirou desacreditada do que estava acontecendo. E seguiu para o próximo relatório que era pequeno e resumia: “ este policial vos informa que continua em um envolvimento sexual com a secretária de Batista a fim de colher mais informações para esta investigação. A mesma se encontra psicologicamente

afetada por vários acontecimentos na casa. ”

- Canalha, mentiroso... – Bravejou se levantando fechando a pasta e pegando-a. Sentia o ódio fluir pelo seu corpo e caminhou para a sala de Bartolomeu com a pasta na mão.

- Erika, calma – disse Álvaro seguindo-a – Leia o último relatório, por favor.

- Eu não quero saber! – Gritou ela seguindo para a sala despertando a atenção de todos inclusive dos dois delegados que estavam com ele na sala.

- Erika! – Disse Bartolomeu um tanto espantado quando a viu entrar com semblante aborrecido. Já conhecia a policial que tinha.

Ela entrou na sala olhando para os dois delegados, mas não ousou olhar para ele.

- Este é o delegado Roberto, do Rio de Janeiro que estava à frente das investigações lá, mas não sabíamos até algum tempo antes de invadirmos a casa. Mantiveram segredo para proteção do agente federal Claudio, que você ... já conhece.

Ela então olhou para Claudio. Sentia o corpo tremer de raiva e fechou as mãos para que não a percebessem tremer. Ele a olhou com semblante surpreso. Não imaginava que ela fosse policial.

- Erika ... – Murmurou ele, mas ela o interrompeu falando rudemente e em tom alto:

- Você me enganou! – jogou a pasta sobre a mesa de Bartolomeu – Você me usou...

- Erika... – Balbuciou ele novamente, contudo Erika já havia se perdido em suas emoções e xingou ele partindo para cima dele. Bartolomeu gritou seu nome, mas em vão, pois ela avançou para cima dele esbofeteando-lhe o rosto brutalmente e o empurrando. Este se desequilibrou e caiu sentado no sofá sentindo o peso da mão dela em seu rosto.

- Você é um sujo, nojento! – Berrou partindo novamente para cima dele e foi segura por Bartolomeu que a puxou pela cintura.

- Calma Erika! – Disse Bartolomeu tirando-a da sala enquanto ela xingava Claudio que ficou sem ação e estático frente a sua investida.

Bartolomeu a levou para junto de Álvaro e disse:

- Eu falei! Eu disse que era para esperar que o psicólogo chegasse para falar com os dois. Você sabia que ela não estava bem.

Entregou ela nos braços de Álvaro que a segurou. Ela gritou que a

soltasse e empurrou ele.

- Que porra é essa Álvaro? – gritou – Vocês estão brincando comigo? Esse pesadelo não acabou não?

Álvaro virou o rosto por alguns instantes sem saber o que responder. Prometeu então a si que não choraria. Abaixou a cabeça se escorando na mesa e começou a trabalhar a respiração, pois o coração acelerara. Álvaro se aproximou e ela pediu que não a tocasse. Olhou para a sala e viu Claudio querendo sair da sala para falar com ela, mas viu os dois delegados pedindo que ficasse. Caminhou para o final da sala onde tinha um sofá e viu todos os colegas olhando para si. Sentou-se e abaixou a cabeça. Não tinha reação nem sabia o que pensar apenas respirava tentando manter o controle para que a ansiedade passasse.

Pensou imediatamente em beber tequila, fumar um cigarro ou até mesmo injetar ou cheirar cocaína. Precisava sentir seus músculos se aliviarem. Manteve o ritmo da respiração por algum tempo até que sentisse seu coração desacelerar. Levantou-se e seguiu para a cozinha que tinham no mesmo andar. Precisava tomar um café mesmo sabendo que não era certo.

Claudio viu Erika passar para a cozinha e se levantou seguindo em sua direção. Sentia-se tão ansioso e nervoso quanto ela e precisava lhe falar. Era a única que conseguia aliviar seus sentimentos quando estava irrequieto.

Erika recostou-se no balcão por alguns segundos e pegou uma xícara sobre a pia, mas a deixou cair. Esticou a mão e percebeu como tremia. Sentiu seus ombros serem rodeados por braços abraçando-a com força. Reconheceu o perfume de Claudio e olhou de lado escutando-o lhe chamar pelo nome. Tentou se desvencilhar dos seus braços, mas ele a segurou.

- Vamos conversar... – Sussurrou em seu ouvido. Ela tremeu balbuciando:

- Tire suas mãos de mim... você é um sórdido.

- Não... – disse sem soltá-la e em seu ouvido – você sabe que eu não sou. Eu não sabia...

- Sai de perto de mim Claudio... – Balbuciou se virando para se livrar dos braços dele, mas ele não a soltou. Ela não conseguia falar, pois estava sem voz e só balbuciava que saísse de perto dela.

- Você sabe que eu estou apaixonado por você.

Ela o olhou balbuciando:

- Você me usou para descobrir as coisas. Passei um mês me punindo por não poder ficar com você e porque seria preso. Já não dormia direito a noite, quebrei meus protocolos e regras e você apenas me enganou.

- Não – falou segurando seu rosto com uma mão e com a outra a sua cintura para que não saísse. Ela sentiu seu coração desferido enquanto o escutava pedindo para olhar para ele, mas ela não conseguia – Foi só no início. Quando transamos eu me apaixonei por você.

- Paixão passa logo – Gaguejou as palavras.

- Eu não quero lhe esquecer – disse tentando beijá-la, contudo ela não deixou. Livrou-se dos braços dele e apontando o dedo para a porta – Sai daqui.

- Erika, para com isso! – falou afastando-se dela, mas sem sair da cozinha. Passou as mãos pelos cabelos – Eu sou um policial assim como você...

- Você me usou... você mentiu fingindo que gostava de mim... – Balbuciou com olhos em lágrimas.

- Não...

E ela repetiu a mesma fala novamente e mais uma vez. Olhou para a porta e viu Álvaro se aproximar.

- Tire ele de perto de mim. – Pediu a ele.

- Vem, meu amigo – Disse Álvaro tocando no ombro de Claudio.

- Tire a mão de mim. – Falou ele, mas com o olhar fixo em Erika.

Ela viu que ele não sairia e então deu de calcanhares saindo da cozinha. Ele esticou a mão para poder puxá-la, mas ela conseguiu sair.

Bartolomeu apareceu da porta da sua sala e a chamou para entrar. Ela entrou na sala e escutou-o chamar Claudio também.

- Fique calma Erika – pediu Bartolomeu se aproximando dela – Eu sei que você não está bem.

- Você sabia? – Perguntou olhando-o.

- Não – respondeu – Soubemos um pouco antes da invasão porque avisaram que havia mais um infiltrado além de você.

- Eu quero ir para minha casa – pediu – Preciso descansar.

- Eu sei...- pediu se aproximando e a segurando pelos ombros – Preciso que você passe por uma avaliação médica e ele também, está bem? Depois eu dispensei você. Sabe os protocolos.

- Foda-se os protocolos. – Gritou quando Claudio entrou e o olhou.

Bartolomeu se afastou pedindo que sentasse. Ela se sentou em um dos sofás e abaixou a cabeça.

- Tome café Erika – Disse Álvaro entrando na sala e esticando o copo para ela.

Ela pegou o copo e olhou para Claudio que estava sentado no outro sofá lhe olhando. Então bebeu todo o café em poucas goladas. Colocou a xícara sobre a mesa e cruzou as mãos, pois a tremedeira não passara.

Escutaram vozes e a porta se fechou. Bartolomeu disse:

- Esse é o nosso psicólogo Robson, do departamento do Rio e.... ele está aqui para conversar com vocês.

- Eu não preciso de ninguém. – Disse ela cruzando os braços.

- Eu também não – Concluiu Claudio.

- Sabemos que foi muito difícil esse ano que vocês conviveram dentro da casa com a privação da vida de vocês e com outra identidade – disse o psicólogo colocando sua pasta em cima da mesa – Vocês precisarão se adaptar a algumas coisas novamente e certamente sentirão falta de algumas coisas.

Erika o interrompeu sarcasticamente falando:

- Sinto falta de beber tequila... você tem aí?

Claudio segurou um sorriso cobrindo a boca com a mão. Ela sabia ser sarcástica ou grossa quando queria.

- Eu vou encaminhar vocês para a psiquiatria após fazer uma avaliação psicológica, pois talvez precisem ser medicados....

- Não perca seu tempo comigo. – Disse ela interrompendo-o novamente.

- Eu entendo o que vocês passaram.... – Disse o psicólogo calmamente e Claudio o interrompeu dizendo:

- Você sabe o quê? Desculpe-me parceiro, mas você não sabe nada do que a gente passou. Não foi você quem tinha que ficar drogado como eu ou ter que drogar Erika para não ser assassinada. Não foi você quem viu um colega de trabalho embora traficante morrer com um tiro na cabeça na sua frente, como nós dois vimos. Não foi você quem tinha que dar sumiço nos corpos de quem Batista matava... e não era você quem tinha que escutar o que os colegas de trabalho queriam fazer com a mulher... ela ali oh.. que eu estava a fim.

Erika olhou para Claudio e viu a revolta a qual ele falava as palavras. Tinha o peso da consciência na voz desmiuçada nas palavras. Percebeu que ele ficara abatido e com olheiras. Olhou para ela que desviou o olhar.

O psicólogo olhou para os delegados sinalizando que seria difícil conversar com os dois naquele momento, pois estavam muito estressados. Bartolomeu então disse:

- Erika, nos dê licença um pouco porque precisamos falar com Claudio

em particular.

- Não – disse Claudio – Ela não precisa sair não... não tem nada que ela não precise saber ou esconder dela. Vivemos um ano juntos.

O delegado Roberto consentiu com a cabeça positivamente para o psicólogo e para Bartolomeu e aproximou-se de Claudio. Sentou-se ao seu lado e disse:

- Claudio... tivemos um imprevisto no Rio com a operação no porto com seu parceiro e amigo Alfredo.

Claudio olhou para o delegado com o semblante sério. Erika o olhou, pois escutara ele falar de um amigo que gostaria que conhecesse.

- O que houve? Ele está bem? Acertaram ele? Falei com ele cedo ... um dia antes...

- Sim... eu sei... – disse seu delegado – Houve resistência no Rio e confronto e ele... ele matou dois, mas foi atingido...

- Tudo bem – falou sob o olhar estupefato de Erika que colocou a mão sob a boca por entender o que o delegado queria falar. Olhou para Bartolomeu que lhe lançou um olhar com um aceno de cabeça negativo confirmando o que pensara – Como ele está? Vou para o Rio agora vê-lo se der.

- Ele... – titubeou em falar, pois sabia da amizade de criança dos dois antes mesmo de entrarem para a polícia – não resistiu, meu amigo. Lamento...

- O que? – perguntou Claudio se levantando e parecendo perder os sentidos – Não... não.. não... não..

Erika fechou os olhos para o que achara ser o show de horrores. As notícias não paravam de chegar e sempre com tonalidade ruim. Viu Claudio gemer e tentar segurar as lágrimas, mas sem conseguir.

- Saiam daqui por favor – gemeu de costas para eles e seguindo para a parede – Eu quero ficar sozinho.

Quando a porta se abriu Claudio não aguentou e chorou gemendo. Gemeu alto e Erika se levantou. Não conseguiu segurar o choro também por vê-lo gemer e seguiu em sua direção. Não podia deixá-lo sozinho com aquela dor. Aproximou-se dele tocando em seu pescoço e o viu se voltar para ela com os olhos vermelhos.

- Era dele quem lhe falei – Disse ele olhando-a com o olhar pesado e abatido.

- Eu sei... – Sussurrou com lágrimas e puxando-o para si – Eu lamento...

Claudio a abraçou com força e deixou-se cair em seu ombro. Chorou compulsivamente abraçada a ela, em pé e com todos vendo através do vidro. O delegado Roberto sentiu-se aliviado por ela estar com ele, pois não conseguiria segurar também a emoção que sentia.

Erika conduziu-o para se sentar no sofá. Viu-o com o olhar vago e ajeitou o seu cabelo para trás. Colocou a mão no bolso dele, pois sabia que ele guardava sempre um elástico de cabelos na calça. Prendeu. Estava com o rosto vermelho e olhar cansado.

- Eu preciso ir para o Rio para o enterro dele. – Falou passando a mão pelo rosto e finalmente olhando-a.

- Tenho certeza que estão preparando tudo para você ir – disse ela fitando-o – Você é forte...

- Meu Deus... – murmurou desviando o olhar – Quanta coisa aconteceu... você ia gostar dele... eu falei de você...

Ela sorriu tocando em seu rosto e confirmou. Ele tocou em sua mão e beijou-a falando:

- Eu fiquei tão preocupado com você...

- Eu não quero falar sobre isso. – Pediu educadamente.

Ele sinalizou que sim e bateram na porta entrando. Era o delegado Roberto.

- Conseguimos um voo daqui a uma hora para o Rio, Claudio. Precisamos ir.

Ele sinalizou que sim e o delegado saiu da sala. Os dois se entreolharam e ela disse:

- Cuide-se.... você tem um filho para criar.

- E nós? – Indagou olhando-a.

- Continuamos nossas vidas... – Falou com a voz embargada, pois não era isso que queria falar.

Ele puxou-a pela nuca e encostou sua testa na dela. Tocaram um o rosto do outro com as mãos e ficaram assim por alguns segundos de olhos fechados. Olharam-se e ela sorriu se afastando dele para que pudesse ir.

Capítulo 18

Erika começou a entender o sentido da vida e dos problemas com a vivência na casa. Nada dura para sempre, a vida é uma constância em movimento e cada dia é um novo amanhecer onde cada um tem a oportunidade de mudar a sua história.

Prender-se a passado e as coisas tóxicas que a vida põem na vida seja por imposição, acaso ou destino; relacionamentos que não lhe trazem alegria ou prazer; empregos que desgastam o ser humano mentalmente; chefes manipuladores; amizades tóxicas; caminhos tortuosos. Seja qual for a situação ninguém o obrigado a se prender a nada. O ser humano em sua fragilidade e muitas vezes em sua ignorância acaba por se prender em situações que lhe tiram a paz e a estabilidade mental envolvendo-se em ciclos viciosos, que muitas vezes não consegue se libertar sozinho. Sendo a vida uma única oportunidade que se tem para viver, pois a morte está sempre caminhando ao lado de cada um, ela é um momento único e vital de todo ser; por isso precisa ser vivido de forma que seus dias se tornem menos preocupantes.

A vida, a morte, as tristezas e decepções; o amor, o nascer e o crescer; as amizades... cada um com sua essência seja bela ou não; seja agradável ou não. Seja o que for cada ser humano passará por cada experiência um dia na vida e cada uma delas precisa ser vivida e contemplada com sabedoria e conhecimento.

Com essas palavras o pastor terminava a pregação em frente ao túmulo do policial federal Alfredo, que estava sendo enterrado no cemitério particular, em Niterói.

Erika olhou o caixão descendo para a sepultura e entendeu que a vida é um mistério não tão complicado como parece, mas que precisa ser vivida com sabedoria e discernimento para que não se caia em armadilhas. Sabia que os imprevistos aconteciam, mas sabia também que nem sempre estamos preparados para recebê-los como parte da história da vida.

A tarde chegava com muitas nuvens carregadas, mas uma pequena garoa caía, em Niterói. Muitos presentes estavam no cemitério. Ela olhou para Claudio que estava a alguns metros de distância de si e ao lado do delegado da sua seccional. Percebeu o abatimento que ele estava. Nunca o vira em um ano com aquele semblante. Ele não a tinha visto, pois chegara atrasada com Álvaro e Bartolomeu. O local estava completamente lotado e muitos choravam. Não permitiram a entrada da imprensa para a cobertura do enterro para resguardarem os policiais envolvidos na operação e familiares. Viu a viúva e uma pequena

menina de aproximadamente dez anos, que choravam muito.

Compreendia que ainda não estava preparada para estar ali, mas não poderia deixar de estar presente desde que Bartolomeu dissesse que o departamento estaria presente. Permaneceram no canto parado e alguns vinham cumprimentá-los enquanto outros iam embora.

Claudio olhou de relance e avistou Erika. O semblante dele pareceu se iluminar quase que instantaneamente. Pediu licença e seguiu em sua direção.

Álvaro viu Claudio se aproximando e tocou no braço de Erika para avisá-la. Esta olhou para o colega que sussurrou o nome dele. Ela pediu que não a deixasse sozinha quando o viu se aproximar.

- Oi... – Disse ele sorrindo e parando a sua frente.

- Oi... – Sorriu um tanto seca e de lábios.

- Vocês vieram. – disse ele olhando para Álvaro – Obrigado.

- Não deixaríamos de estar presentes – disse Álvaro um tanto incomodado por estar ali ao ver que Claudio olhava para ela – Meus sentimentos a família.

- Não vamos demorar – disse ela olhando-o – Como você está?

Ele não respondeu. Passou a mão pelo cavanhaque e olhou para o lado. Álvaro pediu licença, pois entendia que não deveria estar ali naquele momento pessoal mesmo com ela pedindo.

Os dois se olharam sem palavras. Tinham muito a falar, mas não sabiam por onde começar. Só havia passado um dia desde que tudo havia acontecido.

- Conseguiu dormir? – Indagou ele vendo que ela estava de olheiras também.

- Não... – confessou – E você?

Ele sinalizou também negativamente.

- Pensa neles? – Perguntou ela.

- O tempo todo – declarou olhando-a – Também?

Ela sinalizou também positivamente e desviaram o olhar.

- Quer tomar um café comigo? – Perguntou ele o que ela não queria escutar. Ela o olhou e disse educadamente:

- Eu... hoje não posso... estamos de saída e precisamos resolver algumas coisas.... Mas ... eu apareço qualquer hora de surpresa.

Claudio a olhou não esperando tal resposta. Sabia que ela tinha ficado

muito mais abalada que ele, mas não ponderou que ela fosse conseguir ser tão racional ao sair da casa. Confessou com a voz embargada:

- É bom ver você...

Ela sorriu e completou a frase que ele sempre lhe falava na casa: Um vício bom, não é?

Ele sorriu com a fala e sinalizou que sim. Aproximou-se dele com delicadeza e tocou seu rosto. Ele fechou os olhos e a abraçou com força. Sentia-se calmo naqueles braços. Apertou-a com força e carinho, como se fosse ficar por um longo tempo sem vê-la. E sussurrou em seu ouvido:

- Eu não consigo lhe esquecer.

Ela saiu de seus braços com os olhos em lágrimas e sorriu. Queria beijá-lo e dizer que o estava amando, pois o que sentia passava de paixão, porém sabia que ainda era cedo para deduzir. Precisava dar tempo aos seus pensamentos e aos sentimentos para que pudesse tomar qualquer atitude que não fosse precipitada.

- A gente se encontra... fique bem. – Balbuciou se afastando dele. Este a olhou com pesar e dor na alma.

- Vamos? – Disse ela se virando para Álvaro e Bartolomeu que já a esperavam.

Os dois sinalizaram dando passagem para ela que olhou com um sorriso triste e de lábios para Claudio que ficou inerte lhe admirando. E seguiram de volta para o carro. Álvaro e Bartolomeu se entreolharam ao vê-la secar os olhos disfarçadamente e cobrir a boca com a mão como se quisesse cobrir um grito. Um grito entorpecido.

Três semanas haviam passado desde a operação da Polícia Federal. Erika ficara no Rio de Janeiro, na casa dos pais, pois sabia que não teria condições de ficar sozinha em sua casa, em Curitiba.

A primeira semana desde a chegada havia sido a pior. Não conseguia dormir e se recusara a ir ao médico psiquiatra, a se medicar ou mesmo ao psicólogo. Fora apenas para pegar dispensa médica por trinta dias, já que não tinha condições de trabalhar. Acordava entre seus cochilos, à noite, assustada ou com pesadelos. Nos dois primeiros dias despertava assustada e gritando despertando os pais que levantaram para acudi-la.

Ficava parte do tempo trancada no quarto só saindo para as refeições diárias ou para pegar um pouco de sol pela manhã. Aos poucos conversava com o pai contando em pequenos momentos sobre o que acontecera na casa e sobre

todo o ocorrido.

Na segunda semana já conseguia ficar um pouco mais fora do quarto, mas não saía de casa. A figura de Claudio invadia os seus pensamentos em parte do tempo. Não havia conseguido esquecê-lo. Sabia que o procuraria novamente, mas precisava organizar seus pensamentos e suas vontades. Um pouco de racionalidade cairia bem depois de tantos momentos de “pura emoção”, como costumava falar. O peito doía e em seus ouvidos escutava a voz dele, as gargalhadas e eventualmente o cheiro de tequila quando bebiam.

E a terceira semana surgiu com um pouco mais de discernimento das coisas. Conseguira dar uma saída com a mãe até o mercado e começou a enxergar as coisas novamente coloridas.

A campainha tocou e Rogério caminhou para atender. Abriu surpreso com dois agentes da polícia federal que pediram para falar com Erika. Esta relutou em atender, pois não queria falar ainda com ninguém, mas seu pai insistira que tinha que encarar seus temores antes que adoecesse. Seguiu para a sala onde os dois a esperavam sentados e não os reconheceu.

-Bom dia Erika – disse um dos agentes – Sou o agente Fabiano e ele o agente Marcio e somos da divisão de narcóticos daqui do Rio onde trabalhamos com o agente Claudio que... trabalhou com você na operação “Colombina”. - Ela esticou a mão cumprimentando os dois e perguntando em que poderia ajudá-los.

- Estamos aqui extraoficialmente, tudo bem?

Ela sinalizou que sim e pediu que sentassem.

- Viemos aqui pedir que nos ajude. – disse o agente Fabiano – É sobre Claudio.

- O que houve? – Indagou sentindo o coração disparar.

- Ele está de licença como você desde a última operação por questões psicológicas, mas estamos preocupados com ele e viemos aqui pedir a sua ajuda.

Erika os olhos sem responder e escutou-o continuar:

- Ele está trancado em casa, quase não sai e ficou muito abalado com a perda de Alfredo que era amigo de infância dele. Descobrimos que ele está bebendo muito o que não é do jeito dele. Sabemos que ele começou a beber quando entrou na operação, pois não tinha o costume. Estamos preocupados com ele porque não nos recebe como antes em sua casa e tem visto pouco o filho por quem ele é apaixonado e acabou de conseguir a guarda compartilhada dele.

- Por que eu? – Indagou então incrédula.

O agente Marcio pigarreou e falou:

- Não é segredo no departamento que ele se envolveu com você. Não é segredo também que ele pediu para sair da operação por temer que comprometesse o andamento das investigações já que estava gostando de você. E foi negada a saída dele. Ninguém do departamento sabe que estamos aqui nem que iríamos ajudá-lo a sair da casa com você para fugirem.

- O que? – duvidou pensando que seus pesadelos novamente voltariam – Ajudar-me a fugir da casa?

- Sim – confessou – Havíamos preparado um esquema de fuga para vocês dois durante a operação. Estava tudo pronto.

Erika abaixou a cabeça, pois não desconfiara. Sentiu os olhos banharem-se e segurou um gemido de choro.

- Meu Deus... eu... eu não sabia.

- Precisamos da sua ajuda, pois sabemos que da bebida para as drogas é um passo... e vocês dois estiveram lá. Ajude-nos a tirar ele dessa. Por favor.

Epílogo

Erika sentia as mãos tremerem quando pararam em frente a uma bela e espaçosa casa em um condomínio do Rio, na zona sul, próximo ao Jardim Botânico. Olhou a casa de dois andares completamente rodeada de altos muros de fachada de madeira e a casa pintada de branco. Saiu do carro com o agente Fabiano que sinalizou que a seguisse. Parou em frente ao portão da casa e tirou um mole de chaves do bolso abrindo o portão.

Entrou e contemplou o belo jardim de frente feito de pedra brita e brita branca, pedra dolomita, pedra de seixo natural e grama. Tudo muito bem cuidado. O Honda Civic estava estacionado na garagem e seguiram para a porta da casa onde ele parou e abriu.

- Vou dar uma volta – disse parando com a porta aberta – Se precisar me ligue que volto. Obrigado.

Ela sorriu e o viu sair. Entrou na casa e fechou a porta. Olhou a sala com poucos móveis e todos em tons brancos. Sentiu uma harmonia no ambiente ao mesmo tempo que uma tristeza invadindo o espaço. Escutou-o pigarreando e seguiu para onde era uma bela cozinha também em tons claros. Avistou-o sentado em uma cadeira e de cabeça abaixada. Tinha uma garrafa de tequila e um copo sobre a mesa onde estava a arma dele. Sentiu o frio percorrer seu estômago e arrependeu-se de não o procurar antes. Poderia ter atentado alguma besteira.

Aproximou-se com lágrimas nos olhos.

Claudio escutou passos e olhou vagarosamente para o lado. Deparou-se com a figura de Erika que parou sorrindo. Apertou os olhos por alguns segundos achando que já estava começando a ter algum tipo de surto psicótico. Olhou novamente e a viu se aproximar.

- Erika...

Ela sorriu ao escutar seu nome e ele se levantou caminhando em passadas rápidas em sua direção. Abraçaram-se com força e ele gemeu agarrado a ela. Esta o abraçou e percebeu que havia tirado o cavanhaque, mas a barba estava por fazer, pois não estava se cuidando.

- É mesmo você? – Indagou ele colocando a narina em seu pescoço para inalar o seu perfume. Ela tirou-o de seus braços e o olhou com carinho. Era tudo o que precisava para se sentir melhor: estar com ele. Tocou seu rosto e beijaram-se com carinho. Sentiu o gosto da bebida em seus lábios e lembrou-se por alguns segundos de tudo o que passara durante um ano com ele. Sorriu

enquanto era beijada e segura pela cintura com carinho e desejo. Ela se afastou sorrindo e fitando-o.

Ele sorriu segurando seu rosto e beijando seus lábios. Ela falou:

- Lembra quando eu falei que eu ia vigiar você? E prometemos nos policiar e ajudar um ao outro quando quiséssemos fazer algo de errado?

Ele sorriu respondendo:

- Foram Fabiano e Marcio que lhe procuraram, não é?

- Eu falei que a gente se encontrava... – sorriu acariciando seu rosto enquanto ele sorria e indagou - Ainda está de pé aquela ideia de morar juntos e ter filhos?

Sobre o Autor

Helen Costa Galvão de Brito é natural de São Gonçalo, no estado do Rio de Janeiro. Graduou-se em Letras/Literatura pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro e em Pedagogia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Especializou-se em Gestão e Coordenação Escolar pela Universidade Gama Filho, em 2010 e em Psicologia Forense, pela Unyleya, em 2016.

Helen trabalha atualmente como psicanalista clínica particular e como orientadora pedagógica, na cidade de Maricá, no Rio de Janeiro, onde reside com sua família. Amante da escrita e da leitura desde os 8 anos de idade sempre escreveu para se entender e expressar seus sentimentos.

Faça a sua avaliação, entre em contato e envie um comentário.

Contatos: helencgb@gmail.com / Tel.: (21) 98706-4299

Table of Contents

<u>Prólogo</u>
<u>Capítulo 1</u>
<u>Capítulo 2</u>
<u>Capítulo 3</u>
<u>Capítulo 4</u>
<u>Capítulo 5</u>
<u>Capítulo 6</u>
<u>Capítulo 7</u>
<u>Capítulo 8</u>
<u>Capítulo 9</u>
<u>Capítulo 10</u>
<u>Capítulo 11</u>
<u>Capítulo 12</u>
<u>Capítulo 13</u>
<u>Capítulo 14</u>
<u>Capítulo 15</u>
<u>Capítulo 16</u>
<u>Capítulo 17</u>
<u>Capítulo 18</u>
<u>Epílogo</u>